

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



**Polónia e Portugal:
Imagens de Portugal por viajantes polacos**

Paweł Gaweł Mataczyński

Tese orientada pelas Professoras Doutoradas Teresa Menano Seruya e Hanna Pięta-Cândido, especialmente elaboradas para a obtenção do grau de Mestre em Mestrado Bolonha em Português Como Língua Estrangeira/Língua Segunda

2020

Sumário: A Polónia e Portugal, apesar de estarem separados por uma distância geográfica de 2700 quilómetros aproximadamente, têm muito que ver um com o outro em vários campos. Com certeza, não se trata apenas das relações comerciais, o que faz referência à presença da cadeia de lojas *Biedronka* (em português «joaninha») no mercado polaco e que pertencem ao Grupo Jerónimo Martins. É também algo mais do que só os produtos alimentares, serviços turísticos ou valores do meio-ambiente em Portugal continental e nas ilhas dos Açores e da Madeira, que atraíram muitos cidadãos polacos para visitarem Portugal.

Nas últimas décadas publicaram-se diversas obras ligadas, mais ou menos, às realidades de ambos os países. Tais publicações referem-se a diversos tipos da literatura: diários, guias, agendas culturais e, também, traduções de obras literárias ou mesmo manuais de polaco e português, que ajudam perceber a realidade de um país através da sua língua de origem.

Enfim, a presente dissertação é baseada numa análise de quatro obras-chave, com objectivo de examinar a imagem de Portugal por viajantes polacos desde os últimos anos da época salazarista até aos nossos dias.

Palavras-chave: Polónia, Portugal, Imagem, Identidade Cultural, Nacionalidade, Contactos Interculturais

Summary: Poland and Portugal, despite being separated by a geographical distance of approximately 2700 kilometres, have much to do with each other in various fields. Certainly, it is not just business relations, which refers to the presence of Biedronka ("ladybird"), a chain of supermarkets in the Polish market and which belongs to the Jerónimo Martins Group. It is also something more than just food, tourism services or environmental values in mainland Portugal and the islands of the Azores and Madeira, which have attracted many Polish citizens to visit Portugal.

In the last decades several works have been published, linked, more or less, to the realities of both countries. Such publications refer to various types of literature: diaries, guides, cultural agendas, but also translations of literary works or even manuals of Polish and Portuguese, which help to understand the reality of a country through its native language.

Finally, the present dissertation is based on an analysis of four key works, aiming to examine the image of Portugal by Polish travelers from the last years of the Salazarist era to the present day.

Key-words: Poland, Portugal, Image, Cultural Identity, Nationality, Intercultural Contacts

Este trabalho não aplica o Novo Acordo Ortográfico

This work does not apply the Portuguese Language Orthographic Agreement

Agradecimentos

À Professora Teresa Menano Seruya e Prof.^a Doutora Hanna Pięta-Cândido, por todo o esforço, pela paciência e, acima de tudo, por compartilhar a sua sabedoria para tornar a presente dissertação de mestrado um trabalho académico de alta qualidade.

Aos meus pais e avós que sempre me apoiaram ao longo do meu percurso escolar e académico.

Moim rodzicom i dziadkom, którzy mnie zawsze wspierali na ścieżce edukacyjnej.

Aos meus irmãos Anna e Sebastian que, apesar da distância que nos separava por estarmos em dois países diferentes, sempre encontravam um bocado para falar quando era necessário.

Mojemu rodzeństwu Ani i Sebastianowi, którzy pomimo odległości nas dzielącej, zawsze znajdowali czas na rozmowę, gdy była potrzebna.

À Paulina Piechocka e à Maria Dybcio, cuja paixão pela cidade de Lisboa é igual à minha e que sempre me motivaram para aproveitar o máximo do mestrado.

À Patrycja Kubiak, por todas aquelas cartas trocadas entre Londres e Lisboa que tornaram a minha vida em Lisboa muito mais agradável.

Patrycji Kubiak za całą korespondencję między Londynem a Lizboną, która uczyniła mój pobyt w Portugalii o wiele przyjemniejszym.

Ao Rafał Ciosmak, um amigo meu e colega da faculdade que sempre esteve disposto a ajudar ou esclarecer dúvidas ligadas aos assuntos da universidade.

Ao Jorge Espinel, por ser o melhor companheiro de apartamento de sempre, por todas as explicações acerca dos estilos arquitectónicos e todas as viagens feitas em dois por Portugal.

A Jorge Espinel, por ser el mejor compañero de piso de siempre, por todas las aclaraciones sobre los estilos arquitectónicos y todos los viajes que hicimos los dos por Portugal.

Ao Juan Marcos, um bom amigo que é igualmente dividido entre a língua espanhola e portuguesa e que me forneceu muita informação acerca da cidade de Lisboa.

A Juan Marcos, un buen amigo que es igualmente dividido entre el español y el portugués y que me proporcionó muchos detalles sobre la ciudad de Lisboa.

Ao Bruno Sequeiro, pela sua companhia nas caminhadas pela cidade de Lisboa a dois e por me levar a vários sítios do país para conhecer melhor os lugares descritos nas obras analisadas no presente trabalho.

À Sofia Cherniakovich, pela sua companhia durante os seus meses de Erasmus em Lisboa, pelas caminhadas feitas por Lisboa e pela troca de ideias acerca das aulas do curso.

Sofii Czerniakowicz, za wspólnie spędzony w czasie jej Erasmus w Lizbonie i za wymiany opinii na temat zajęć.

Ao Hugo Freitas, que me ajudou a perceber vários pontos de vista da identidade cultural e de contactos interculturais.

Ao João Calado, um bom amigo músico que, com o apoio da Maria, me ajudou a descobrir a beleza da música tocada em diversos bares da capital portuguesa.

Ao Nuno Galopim e ao Nuno Carvalho por todo o apoio ao longo da minha estada em Lisboa, por ajudar-me a descobrir a magia da literatura portuguesa e pela companhia do Krisspi.

Ao Vicent García, que me ensinou como se escreviam bons textos.

A Vicent García, que me enseñó como se escribían buenos textos.

Ao Fernando Conceição pela motivação e pelo apoio linguístico que ajudaram a manter o texto do trabalho mais claro e coerente.

A todas estas pessoas e muitas mais, quero dizer o meu:

Obrigado!

¡Gracias!

Dziękuję!

Thank you!

Дякую!

Índice

Sumário / Summary.....	2
Agradecimentos.....	4
I. Resumo / Synopsis	7
II. Prefácio.....	9
III. Introdução.....	11
1. A relevância do tema.....	12
2. Constituição e justificação do <i>corpus</i>	14
3. Relatório de investigação.....	15
4. Enquadramento teórico-metodológico.....	17
IV. A imagem de Portugal: análise das obras do <i>corpus</i>	24
1. Análise da representação dos lugares e objectos físicos.....	25
a) Franciszek Ziejka, <i>Moja Portugalia [O meu Portugal]</i>	25
b) Renata Gorczyńska, <i>Szkice Portugalskie [Esboços portugueses]</i>	33
c) Iza Klementowska, <i>Samotność Portugalczyka [A solidão do português]</i>	45
d) Jan Ciechanowski, <i>Portugalia, dziękujemy! [Portugal, obrigado!]</i>	51
2. Análise de costumes, hábitos locais e factos históricos.....	55
a) Franciszek Ziejka, <i>Moja Portugalia [O meu Portugal]</i>	56
b) Renata Gorczyńska, <i>Szkice Portugalskie [Esboços portugueses]</i>	65
c) Iza Klementowska, <i>Samotność Portugalczyka [A solidão do português]</i>	76
d) Jan Ciechanowski, <i>Portugalia, dziękujemy! [Portugal, obrigado!]</i>	93
V. Conclusões.....	98
VI. Bibliografia.....	100
1. Bibliografia primária.....	100
2. Bibliografia secundária.....	100
3. Sitografia.....	101

I

Resumo

A presente dissertação de mestrado, intitulada *Polónia e Portugal: Imagens de Portugal por viajantes polacos*, tem por objectivo analisar a imagem de Portugal dada por viajantes polacos de diferentes épocas. Para tal propósito, foram seleccionadas quatro obras literárias pertencentes a autores de origem polaca que incluem relatos de viagens e factos histórico-culturais ligados a Portugal .

Em primeiro lugar, há um breve prefácio de carácter bastante pessoal, que se segue com o capítulo introdutório no qual se abordam as bases do trabalho: a importância do tema, a construção do *corpus*, as investigações prévias sobre o assunto e o enquadramento metodológico-teórico, que seria a parte essencial destes quatro componentes. O enquadramento é de alta relevância, uma vez que nele se propõem dois critérios de análise da imagem de Portugal nas obras-chave que foram elaborados pelo autor do presente trabalho: o critério material e o critério imaterial (intangível).

O capítulo a seguir, sendo o núcleo da presente dissertação, destina-se à análise da imagem de Portugal. A fim de facilitar a leitura, o capítulo é dividido em duas subcategorias, de acordo com os critérios enumerados no primeiro capítulo. A seguir, cada subcategoria contém quatro secções, conforme o número das obras do *corpus*. As quatro primeiras secções, ligadas ao critério material, têm também uma breve nota acerca da actividade profissional do autor da publicação em questão.

No último capítulo encontraremos não só um breve resumo da análise, mas também uma comparação dos elementos que são presentes em duas ou mais obras-chave, como por exemplo os valores climáticos de Portugal, a história de amor de Pedro I de Portugal e Inês de Castro ou a quantidade de páginas dedicadas à cidade de Lisboa. Porém, também se mencionam os pormenores que, na opinião do autor da presente dissertação, mereceriam destaque mas, por algum motivo, foram omitidos por um ou mais dos autores dos livros do *corpus*: o impacto global do Estado Novo, a política internacional de António de Oliveira Salazar ou grandes personagens da cultura portuguesa contemporânea (Amália Rodrigues, Simone de Oliveira ou Mariza).

Por último, os elementos da bibliografia são divididos em dois grupos. O primeiro conjunto de obras abrange os quatro livros primordiais para o presente trabalho, ou seja, o *corpus*. O outro grupo é composto por livros e páginas web que, apesar de não serem ligados directamente ao assunto da dissertação, foram consultados para aprofundar o conhecimento dos tópicos analisados em todas as obras do *corpus*.

Synopsis

This dissertation, entitled *Polónia e Portugal: Imagens de Portugal por viajantes polacos (Poland and Portugal: Image of Portugal by Polish travellers)*, aims to analyse the image of Portugal given by Polish travelers from different eras. For this purpose, four literary works by authors of Polish origin were selected, including travel accounts and historical-cultural facts related to Portugal.

Firstly, there is a brief preface of a very personal nature, which follows with the introductory chapter which deals with the basis of the work: the importance of the theme, the construction of the *corpus*, the previous investigations on the subject and the methodological framework theory, which would be the essential part of these four components. The framework is of high relevance, since it proposes two criteria for analysing the image of Portugal in the key works that were elaborated by the author of the present work: the material criterion and the immaterial (intangible) criterion.

The following chapter, being the core of this dissertation, is intending to analyse the image of Portugal. In order to facilitate reading, the chapter is divided into two subcategories according to the criteria listed in the first chapter. Then, each subcategory contains four sections, according to the number of corpus works. The first four sections, linked to the material criterion, also have a brief note on the professional activity of the author of the publication in question.

The last chapter intends not only to briefly summarise the analysis, but also to compare the elements that are present in two or more key works, such as the climatic values of Portugal, the love story of Pedro I of Portugal and Inês de Castro or the amount of pages dedicated to the city of Lisbon. However, we also mention the details that, in the opinion of the author of this dissertation, should be highlighted but, for some reason, were omitted by one or more of the authors of the *corpus* books: the global impact of the Estado Novo, the international politics of António de Oliveira Salazar or great characters of contemporary Portuguese culture (Amália Rodrigues, Simone de Oliveira or Mariza).

Finally, the bibliographic elements are divided into two groups. The first set of works covers the four primordial books for the present work, namely the *corpus*. The other group is composed of books and web pages that, although not directly linked to the dissertation subject, were consulted to deepen the knowledge of the topics analysed in all the corpus works.

II

Prefácio

É pouco frequente iniciar um trabalho académico com uma nota de carácter tão íntimo. E ainda menos frequente é introduzir o pronome na primeira pessoa, o que torna o texto mais subjectivo em vez de objectivo. No entanto, gostaria de começar a presente dissertação com uma nota mais pessoal, uma vez que o núcleo da ideia do presente projecto tem inícios em experiências privadas que tiveram lugar há quase dez anos.

Ainda me lembro daquela tarde em Julho de 2010 quando cheguei ao aeroporto de Lisboa. Foi a primeira vez que estive em Portugal e o meu conhecimento da língua portuguesa era muito básico. Embora naquela altura já tivesse um bom conhecimento da língua espanhola, intuía que não seria a mesma coisa e nem achava conveniente usar esta língua em contactos com os portugueses nativos. Em vez disto, tinha optado por comprar um manual para aprender o vocabulário mais básico, ainda antes do início da viagem.

A seguir, aqueles catorze dias de férias passaram muito depressa e eu fiquei enfeitiçado ao descobrir um país novo, apaixonando-me cada vez mais pela sua língua, cultura e povo. Graças ao esforço que tinha efectuado com o manual, na altura da viagem já conseguia pronunciar certas palavras em português o que, junto com o conhecimento do castelhano, me permitia aproveitar muito mais dessas férias, em oposição à minha família que falava apenas inglês. No último dia da viagem até consegui emocionar uma mulher que era a dona de uma tasca onde decidimos almoçar. A mulher era muito faladora e queria conhecer-nos um pouco mais. Quando terminámos aquela conversa tão simples, ela chorou e ficou muito sensibilizada, só por eu tentar falar com ela na sua língua materna!

No entanto, se alguém me tivesse dito que cinco anos mais tarde não só falaria português muito melhor, mas que também regressaria a Lisboa a fim de começar um curso de mestrado, achá-lo-ia insensato e irrazoável. Mesmo assim, todos sabemos que a vida é um conjunto de cenários imprevisíveis e é por isso que a minha paixão pelas terras e nação portuguesas me conduziu até Lisboa, onde viria a concluir o curso de Língua e Cultura Portuguesa, com a intenção de divulgar e expandir o português fora de Portugal.

Sem dúvida, não foram apenas estas razões que me motivaram para elaborar um tópico de dissertação ligado a línguas e culturas. Desde a minha primeira viagem ao estrangeiro tenho tido muito contacto com diversas nações e culturas, principalmente no que diz respeito à Península

Ibérica. É de destacar que naquela altura era um adolescente impressionado por todos os aspectos e componentes que uma viagem ao estrangeiro podia oferecer. Por isso, o processo de descobrir novas terras foi uma experiência inesquecível e que ajudou a perceber certos factos ligados à exploração de novas culturas e sociedades.

De facto, as viagens, junto com a aprendizagem de línguas estrangeiras, têm tornado a minha mente muito mais aberta para a diversidade cultural da nossa civilização. Por outras palavras, o facto de ter viajado tornou a minha imagem do mundo muito mais profunda e detalhada, dando-me também a oportunidade de ver como era a vida em outras terras e regiões do globo. E se tive a oportunidade de conhecer melhor a língua de um povo específico, tive também a possibilidade de ver qual era a imagem do mundo e da realidade que ela representava. Sem dúvida, são dois factores importantes que me facilitaram um melhor conhecimento do mundo que nos rodeia.

Além disso, é normal que, ao entrar em contacto com povos e culturas diferentes dos nossos, prestemos mais atenção a todo tipo de diferenças. Isso conduz-nos a realizarmos uma comparação que consiste em criar dois grupos: "nós", o que quer dizer o nosso país e a nação, e "eles" que indica o povo que estamos a examinar, ou, mais geral, as pessoas de fora. No entanto, tal análise exige que nos centremos nas características do nosso país de origem, uma vez que precisamos de saber quais são os elementos que caracterizam a nossa pátria e a nossa sociedade de origem.

Na realidade, estamos a falar sobre a nossa existência e sobre a questão que, em consequência, se levanta na discussão: Quem somos e de onde vimos? Porém, a identidade cultural é um conceito de carácter relativo, de acordo com a atitude do sujeito que está em questão e conforme o método de investigação que se pretende pôr em prática. Por isso, não existe uma só resposta simples e satisfatória para descrever uma nação ou sociedade, uma vez que a imagem de um país e do seu povo pode mudar em diversas condições.

Por último, é necessário ter em conta que o facto de nos deslocarmos pode ter muito impacto na maneira de como definimos a a nossa identidade. Em muitos casos só descobrimos a nossa identidade e os valores da nossa pátria quando estamos fora da mesma. Será que a viagem e a distância pode tornar a nossa imagem do mundo mais clara e neutra? Parece que sim, devido a que os estereótipos e preconceitos, omnipresentes em qualquer nação e cultura, perdem o seu valor e influência quando estamos fora do ambiente sócio-cultural da nossa nação. Espero que a minha dissertação *Polónia e Portugal: Imagens de Portugal por viajantes polacos* possa fornecer respostas satisfatórias às perguntas e questões enumeradas nos parágrafos anteriores.

III

Introdução

Como já foi dito no Prefácio, o núcleo da ideia principal sobre o tópico de investigação surgiu a partir das viagens e experiências privadas ligadas ao mundo lusófono. Na verdade, este foi só um dos aspectos estimulantes para realizar um trabalho de investigação de temática sócio-cultural e que acabou por ser uma dissertação de mestrado. A fim de assegurar uma consequência lógica, decidiu-se dividir a Introdução em quatro secções: a relevância do tema, a constituição e justificação do *corpus*, o relatório de investigação e o enquadramento teórico-metodológico.

A primeira secção, a relevância do tema, tem muito que ver com o Prefácio, pois não só inclui as motivações que se enumeraram no início do presente projecto, mas aborda também outros motivos, mais científicos. Trata-se principalmente de dois seminários concluídos ao longo do curso de mestrado em Língua e Cultura Portuguesa: Multiculturalismo e Dinâmicas Interculturais e Multilinguismo e Política Linguística.

Seguidamente, enumeram-se as obras-chave que constituíram o *corpus* da presente dissertação. A enumeração e descrição das quatro publicações primárias é acompanhada por um comentário que justifica a escolha de cada uma. É um dos pontos mais importantes, tendo em conta que estamos a falar dos volumes que formaram a estrutura do presente trabalho.

O terceiro ponto tem por objectivo indagar da novidade do tópico do presente trabalho, verificando o que se tem investigado neste campo. Além do carácter informativo, este relatório de investigação pode indicar-nos vias possíveis para futuras investigações ligadas ao tópico das relações culturais entre a Polónia e Portugal.

A última secção da Introdução, o enquadramento teórico-metodológico, abrange os métodos utilizados para explorar o tópico principal da dissertação, ou seja, a imagem de Portugal por viajantes polacos.

1. A relevância do tema

De acordo com o Prefácio, o núcleo da ideia do presente trabalho académico surgiu com base nas experiências pessoais. Porém, a presente dissertação nasceu também da escassez acerca de análises da imagem de Portugal proporcionadas por viajantes polacos. Existem relativamente poucos estudos sobre relatos de viagens publicados por autores polacos, o que foi confirmado ao longo do processo da pesquisa das fontes bibliográficas para o presente projecto. Aliás, existem três razões que justificam a relevância do tema, uma vez que se colmatam certas lacunas na área de investigação do campo temático do presente estudo.

Primeiro, há poucos estudos do ponto de vista polaco acerca do panorama do Portugal pós-salazarista, ou seja, a partir de 25 de Abril de 1974. Também há que ter em conta o facto de não haver relações diplomáticas entre a Polónia e Portugal desde o fim da Segunda Guerra Mundial até 1974¹, o que pode ter muito a ver com a escassez dos estudos na área das relações luso-polacas antes da mudança dos regimes políticos na Polónia e Portugal (1989 e 1974, respectivamente) (Pięta 2013: 109). Ainda na década dos 70 se iniciaram os primeiros projectos de intercâmbio cultural, no que diz respeito ao ensino de línguas e culturas de ambos os países ao nível académico. Note-se que o Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos na Universidade de Varsóvia foi estabelecido em 1972² e, posteriormente, também se fundou o leitorado da língua polaca na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 1979 (Ziejka 2008: 8-9). Por outras palavras, apesar de não haver pactos diplomáticos entre a Polónia e Portugal ao longo de três décadas, houve certas ligações no âmbito cultural e académico. Mas só a partir da queda dos regimes comunista e salazarista, quando ambos os países implementaram as normas democráticas, aproximando-se dos valores democráticos da Europa Ocidental, as relações luso-polacas ganharam a oportunidade de se desenvolverem sem maiores obstáculos.

Em segundo lugar, trata-se de um estudo de dois países situados muito longe um de outro. A distância de uns 2700 quilómetros e a localização em dois lados opostos da Europa sempre foi um dos maiores obstáculos para que a Polónia e Portugal se tornassem muito próximos, excluindo a possibilidade de haver grandes pactos e alianças de carácter político, diplomático ou militar. Além disso, tenha-se em consideração o facto de que a Polónia e Portugal sempre estiveram separados por diversas potências e impérios europeus, principalmente pela França, Grã-Bretanha e Alemanha, entre outros. Por isso, se não houve interesse em consolidar os laços político-militares, as iniciativas sócio-culturais também não foram frequentes, tornando o número dos esboços e textos acerca da

1 <https://idi.mne.pt/pt/relacoesdiplomaticas/182-polonia.html> (página visualizada a 9.04.17)

2 <https://www.iberystyka.uw.edu.pl/pl/content/historia> (página visualizada a 29.03.17). No entanto, a secção dedicada aos estudos lusófonos foi estabelecida só em 1978.

imagem da Polónia e Portugal muito escasso.

Em consequência, o facto de a Polónia e Portugal estarem rodeados por outros países de mais importância e prestígio internacional tem muito que ver com o carácter periférico dos mesmos. Dito de outra forma, todas as circunstâncias já mencionadas (a distância e a presença de outras potências europeias) situam ambos os países em dois lados extremos da Europa, ora no sentido geográfico, ora no sentido sócio-cultural, ou seja, em duas periferias do continente europeu. Tenha-se em conta que a Polónia e Portugal, por serem países nas periferias da Europa, quase sempre se conheciam por intermédio de outros estados europeus. Em consequência, as imagens que um país tinha sobre o outro eram filtradas por outros países que se encontravam no meio do caminho. Parece que o melhor exemplo poderia ser o facto de que ainda hoje em dia muitas pessoas relacionam Portugal com Espanha, no sentido de Portugal ser uma "província" da grande Espanha.

De facto, ainda há muitas lacunas na área de investigação das relações luso-polacas que estão por descobrir e investigar. No entanto, embora os vínculos luso-polacos tenham muito que ver com a temática da dissertação, o que nos interessa mais no presente trabalho não são as conexões globais entre a Polónia e Portugal, mas sim a imagem que os viajantes constroem de Portugal. Daí passamos ao foco central do estudo, isto é, a imagem de Portugal por viajantes polacos e como este pode apoiar os futuros projectos ligados à temática das relações luso-polacas.

Além disso, o facto de o autor da presente dissertação ter acesso às duas línguas e culturas acrescenta inovação ao tema, dando-lhe mais relevância. Em consequência, eliminam-se as barreiras linguísticas, facilitando o acesso directo às culturas de ambos os países e, portanto, evita-se o risco de obter uma imagem filtrada por interferências de outros países e culturas, tornando a presente dissertação ainda mais útil para futuras pesquisas e investigações na área de imagens acerca de um país ou um território.

Concluindo, espera-se que o trabalho venha a ter impacto não só nos assuntos acerca da representação de um país nos textos e relatos de viagens, mas também na metodologia de como se pode examinar uma imagem dada num texto literário³. Note-se que as formas de retratar um país ou uma nação podem ser diferentes, conforme a origem do autor, as suas convicções ou o seu conhecimento da língua e cultura do país em questão, entre outros. Como veremos na secção do enquadramento metodológico, a análise de uma imagem é uma tarefa bem complexa e o resultado, por definição, nunca é totalmente objectivo e neutro.

3 Joep Leerssen, *Imagology: History and Method* em: *Imagology: The Cultural Construction and Literary Representation of National Characters - A Critical Survey*, por Manfred Beller, e Joep Leerssen, pp. 17-33, Rodopi, Amsterdam, 2007, p. 26-29

2. Constituição e justificação do *corpus*

Recolher textos primários para o presente trabalho foi uma tarefa bastante complicada, porque foi necessário aplicar diversos critérios de escolha das obras a abordar. Em todo o caso, todas as obras do *corpus* foram publicadas na Polónia depois de 1974, quando chegou o fim do regime salazarista em Portugal mas na Polónia ainda se mantinha o regime comunista. Como já foi dito no ponto anterior, só a partir desta data as relações luso-polacas ganharam a oportunidade de se desenvolverem sem maiores obstáculos, ao menos no campo cultural e académico.

A seguir, deu-se prioridade às obras que abordavam a temática do Portugal antes e depois do 25 de Abril de 1974, isto é, Portugal salazarista e Portugal após a queda da ditadura. Com este critério foi possível incluir todas as quatro obras-chave, uma vez que cada uma delas abrange um aspecto diferente da realidade portuguesa entre a chegada ao poder de António de Oliveira Salazar em 1932 e os primeiros anos da segunda década do século XXI.

Depois, trata-se de obras escritas e publicadas originalmente em língua polaca, que tinham por objectivo dar aos leitores polacos a oportunidade de conhecer melhor Portugal em diversos aspectos. Estas obras, escritas por polacos para polacos, são uma boa forma de conhecer uma imagem de Portugal sem sair de casa, uma vez que estamos a falar do subgénero literário que abrange relatos de viagem. É necessário ter em conta que todas as obras do *corpus* provam as experiências que os autores ganharam ao longo do tempo que passaram em Portugal.

Com os critérios bem explicados, passamos às quatro obras, junto com os respectivos autores, que são a base do *corpus* da presente dissertação: *Moja Portugalia [O meu Portugal]*, de Franciszek Ziejka, *Szkice portugalskie [Esboços portugueses]*, de Renata Gorczyńska, *Samotność Portugalczyka [A solidão do português]*, de Iza Klementowska e *Portugalia, dziękujemy! [Portugal, obrigado!]*, de Jan Stanisław Ciechanowski⁴. O propósito de todas as quatro publicações é estudar de maneira detalhada e acessível ao público polaco tanto a imagem de Portugal, quanto a história das relações entre a Polónia e Portugal. Além disso, cada obra retrata Portugal de maneira diferente, conforme a época na qual o autor (ou autora) teve a oportunidade de descobrir o país.

Deste modo, a análise da imagem de Portugal começa pela obra de Franciszek Ziejka, dado que o seu relato aborda o Portugal pós-salazarista, entre as décadas de 1970 e 1980. Foi um período particular na história de Portugal, quando a democracia e o ambiente europeu ainda se estavam a consolidar, ou seja, antes da inclusão de Portugal na União Europeia em 1986. Passados uns trinta anos, entramos no Portugal contemporâneo do século XXI descrito por Renata Gorczyńska e Iza

4 Todas as traduções dos títulos são da autoria de Paweł Mataczyński, menos a de *Portugal, obrigado!*, traduzida por Teresa Fernandes Swiatkiewicz (Ciechanowski: 23)

Klementowska. Embora sejam apenas três décadas de diferença, o panorama sócio-político do país foi alterado quase por completo. Aliás, a passagem do tempo permitiu que se realizassem análises e observações mais distanciadas em relação à história nacional de Portugal, em particular no caso do período salazarista e das guerras coloniais, que ainda hoje em dia continuam a causar uma grande polémica nos círculos culturais e históricos.

A última obra é de autoria de Jan Stanisław Ciechanowski que narra sobre o acolhimento dos refugiados polacos por Portugal na época da Segunda Guerra Mundial, um facto histórico pouco conhecido, tanto pelo povo polaco como português. Por isso, decidiu-se incluir este volume para poder aprofundar a imagem de Portugal que tiveram os viajantes (refugiados) polacos ao longo do exílio em Portugal na altura da II Guerra Mundial.

3. Relatório de investigação

A terceira secção da Introdução tem por objectivo esclarecer-nos a questão que se formula em seguida: se o tópico da presente dissertação, ou seja, a imagem de Portugal por viajantes polacos, foi já investigado antes? E, em caso afirmativo, de que forma, por quem e em que altura?

A pesquisa dos materiais para a presente dissertação, apoiada pelas professoras orientadoras, foi realizada no período de sete meses, entre Setembro de 2016 e Março de 2017. Neste período verificou-se que tipo de trabalhos se tinham realizado acerca da imagem de Portugal por viajantes polacos no período antes de começar a escrever o texto do trabalho de mestrado. Também se examinou o que estava feito sobre as relações entre a Polónia e Portugal, uma vez que a imagem de um país por outro tem muito a ver com as relações que eles têm entre si. Os resultados, apesar de não serem numerosos, fornecem-nos detalhes dignos de nota.

Com toda a certeza, o assunto das relações luso-polacas não é um tema novo, uma vez que, ao longo dos séculos, ambos os países mantiveram contactos mais ou menos intensos, quer na área diplomática, quer na área cultural. Estamos a falar não só das ligações literárias (p. ex. traduções das obras portuguesas para a língua polaca e *vice versa*), mas também das comerciais e políticas, embora as duas últimas não enquadrem no foco de interesse do presente projecto. Em geral, é possível encontrar publicações que tratam do tópico em questão, desde os trabalhos académicos até aos catálogos de exposições.

Em primeiro lugar, foi a tese de doutoramento *Entre Periferias: Contributo para a história externa da tradução da literatura polaca em Portugal (1855-2010)*, de Hanna Pięta-Cândido, que mais ajudou na pesquisa das informações acerca das relações luso-polacas, indicando também

outras obras e publicações que poderiam oferecer mais dados na investigação. Além disso, é também uma fonte que trata das relações linguísticas na área de tradução de obras literárias no contexto dos países periféricos.

Em segundo lugar, aparece-nos o *Catálogo da exposição bibliográfica e iconográfica luso-polaca*, elaborado por Henrique de Campos Ferreira Lima. O propósito desta publicação é apresentar os assuntos mais relevantes da exposição que teve lugar na sede da Associação Comercial de Lisboa em 1938. Trata-se de 18 categorias temáticas, das quais se destaca uma enumeração sucinta dos viajantes polacos em Portugal (Pięta 2013: 122). Mesmo assim, o catálogo não preenche a lacuna na área da imagem de Portugal por viajantes polacos, uma vez que não se analisa como Portugal é descrito pelos mesmos.

A seguir, passamos às obras de Elżbieta Milewska, com os títulos que se seguem: *Zwiazki kulturowe i literackie polsko-portugalskie w XVI – XIX wieku [Relações culturais e literárias luso-polacas nos séculos XVI-XIX]* e *A Polónia e Portugal: relações ao longo dos séculos*. Ambas as obras têm por objectivo retratar o intercâmbio cultural que teve lugar entre a Polónia e Portugal entre os séculos XVI e XX.

Além disso, temos também o volume de Maria Danilewicz-Zielińska, intitulado *Polonica portugalskie [Estudos polacos em Portugal]*, retrata as relações luso-polacas de forma mais global (relações culturais, militares e diplomáticas), ao contrário de Milewska. É de destacar que o período investigado na obra termina no início da década dos 80 do século XX.

No entanto, tanto a obra de Milewska como a de Zielińska mencionadas nos parágrafos anteriores carecem de uma análise mais detalhada acerca da imagem de Portugal por viajantes polacos. Por muitos detalhes que nos forneçam no que diz respeito às relações luso-polacas, não foi possível recolher elementos que nos indicassem uma análise realizada sobre a imagem de Portugal.

Resumindo, todas as obras que se mencionaram nos parágrafos anteriores são, sem dúvida, uma fonte muito interessante se queremos verificar os registos literários acerca das relações entre a Polónia e Portugal ao longo dos séculos. No entanto, nenhuma dessas publicações tem por objectivo analisar a imagem de Portugal, quer por viajantes polacos, quer por autores polacos em geral. Com certeza em muitas dessas obras seria possível enumerar vários elementos ligados à paisagem ou cultura portuguesa que chamaram a atenção dos autores polacos. Porém, o que falta é uma análise como esses autores descrevem Portugal e seus componentes.

Tendo feito a pesquisa, torna-se evidente que a presente dissertação não é inovadora no que diz respeito às relações entre a Polónia e Portugal. Por outro lado, colmatar-se-ão certas lacunas que as prévias publicações deixaram, em particular no assunto da imagem de Portugal por viajantes polacos e da metodologia que se pode aplicar para analisar as imagens encontradas em diversos

textos literários. No caso das obras do *corpus* do presente trabalho, veremos também como esta imagem muda, de acordo com a época em que se publicou a obra em análise. Como são quatro volumes, ser-nos-á possível comparar a imagem de um aspecto presente em duas (ou mais) obras-chave, mas descrito de diferentes formas.

4. Enquadramento teórico-metodológico

O último ponto da Introdução visa apresentar o enquadramento metodológico que se aplicará a fim de tirar o máximo do tópico de investigação. Por isso, iniciar-se-á o enquadramento teórico-metodológico pela definição e problematização dos três conceitos principais a usar na nossa análise: identidade cultural, viagem, imagem. Depois, explicar-se-á o método do estudo do conteúdo das obras do *corpus*. Falar-se-á também do modo de como este conteúdo determina o método de análise. Na parte final veremos alguns dos critérios da UNESCO no que diz respeito ao património cultural e qual é o impacto da convenção desta organização internacional na organização do texto da presente dissertação de mestrado.

O que é que precisamente quer dizer o termo «identidade cultural»? Quando alguém nos pergunta donde somos, normalmente está a pedir-nos que definamos qual é o lugar ao qual nos sentimos ligados, seja por nascimento, seja por afectos emocionais. De facto, este modo de definir a nossa nacionalidade falha em certos casos. Por exemplo, será português um filho de pais portugueses que nasceu em Lisboa, mas toda a vida viveu em Londres? E um filho dos mesmos pais que nasceu já fora da terra portuguesa e sempre viveu fora de Portugal? Continua a ser português ou não? A identidade não é uma verdade estável e absoluta, o que se confirma na definição de *Identity* elaborada por Kevin Robins na publicação *New Keywords*:

[...] there is an emphasis on the multiplicity of possible identifications. Identities may involve national or religious allegiances, but may also be [*sic!* - have] to do with consumer choices, lifestyles, and subcultures, with gender, generation, and sexuality, or with involvement in social movements [...]. (Robins, 2008: 174)

Deste modo, passamos ao termo da pertença, um componente inseparável da nossa identidade cultural. Hoje em dia, com o processo da globalização total a decorrer, torna-se difícil explicar a ideia da pertença, uma vez que as pessoas já não estão tão ligadas aos lugares de origem como dantes. Antigamente, não era nada raro que as pessoas vivessem toda a vida num só sítio ou, pelo

menos, nos arredores do mesmo. O caso do filho de emigrantes portugueses, mencionado no parágrafo anterior, parece ser um bom exemplo no que diz respeito à identidade cultural, podendo vir a ser resumido pela frase: «Globalization is consequently seen as heralding an identity crisis.» (Robins, 2008: 174).

Na verdade, as diferenças entre uma e outra nação nunca devem ser vistas como uma barreira estreita. É óbvio que as culturas, línguas e populações se desloquem de modo livre e constante, transferindo entre si valores e ideias para ambos os lados da fronteira. Note-se que em muitos casos a fronteira não existe por si própria, mas é apenas uma decisão política ou administrativa.

Apresente-se o exemplo do território por onde passa o rio Oder, que é uma região onde se encontram os povos de três países diferentes – os alemães, os checos e os polacos – e por esta razão é um território onde sempre se misturaram influências saxónicas e eslavas. Quanto aos estatutos políticos, estes têm-se alterado ao longo dos séculos, especialmente na primeira metade do século passado. Assim, Wrocław, Szczecin e Gdańsk⁵, cidades que actualmente se encontram no território polaco, até ao fim da II Guerra Mundial, por razões políticas, estiveram sob domínio político e cultural da Alemanha.

Outro exemplo, muito interessante do ponto de vista sócio-linguístico, pode ser o caso da República Checa e da Eslováquia. Desde as origens ambos os países estiveram, mais ou menos, unificados tanto de modo político-administrativo como no âmbito linguístico. Neste caso, é o campo linguístico que desperta muito interesse, pois os linguistas costumam separar o checo e eslovaco pelo facto de os considerarem duas línguas distintas. No entanto, uma convivência dia-a-dia ao longo dos 74 anos (1918-1992) em que existiu a República Checoslovaca causou que ambas as línguas, que já eram bastante parecidas, se tornaram ainda mais compreensíveis mutuamente entre os cidadãos de várias zonas do país.

Porém, voltemos ao tópico principal do presente projecto, ou seja, a imagem de Portugal por viajantes polacos. Como já se disse, é-nos quase impossível estabelecer uma imagem neutra e próxima dos factos, dado que a maior parte das imagens que nós temos sobre outra nação ou país não se baseiam nos dados reais e reconhecidos de maneira científica⁶. Repare-se que não se trata só dos contos, lendas, crónicas históricas ou relatos de viagens que foram escritas ao longo dos séculos. São também provérbios e anedotas que formam grande parte da cultura de qualquer povo. Os mesmos demonstram-nos o que uma nação narra sobre a outra (i.e. polacos sobre alemães e russos, ingleses sobre irlandeses, portugueses sobre espanhóis, etc.). Para dar um exemplo concreto, veja-se uma das expressões mais conhecidas em Portugal: «De Espanha, nem bons ventos, nem

⁵ Existem também topónimos portugueses para estas cidades: Breslávia, Estetino e Danzigue.

⁶ Leerssen, *ibid*: p. 27

bons casamentos». O que se pretende dizer com isto é que os estereótipos e preconceitos também são uma das fontes de informação para saber como uma nação retrata a outra e quais poderiam ser os motivos deste juízo. Porém, apesar de os contos e lendas terem um grande valor histórico e cultural, em muitos casos carecem de fontes credíveis.

No entanto, o método de conhecer outros países apenas por intermédio de provérbios e anedotas não dará os mesmos efeitos que o método de conhecer novos territórios através de uma viagem, o que nos conduz a outro conceito principal. Para efeitos desta investigação, decidiu-se implementar o termo «viagem» no sentido de uma deslocação que tem por objectivo explorar terras novas e desconhecidas. Também é de destacar que a viagem não é apenas uma exploração realizada de forma física, como por exemplo visitar um museu ou monumento nacional, uma vez que com o desenvolvimento das novas tecnologias (rádio, televisão, Internet), hoje é possível conhecer lugares que se encontram longe de nós.

Ao descobrir terras novas, o viajante é acompanhado por diversas experiências que, passado um tempo, são fonte para tirar conclusões acerca do território visitado. Depois, as deslocações do nosso lugar de origem permitem-nos conhecer outros povos e culturas, o que, em consequência, nos possibilita relativizar a nossa identidade frente a outras. De acordo com *O estrangeiro* de Georg Simmel:

O estrangeiro por sua natureza não é proprietário do solo, e o solo não é somente compreendido no sentido físico, neste caso, mas, também, como uma substância delongada da vida, que não se fixa em um espaço específico, ou em um lugar ideal do perímetro social. Nas relações mais íntimas de pessoa a pessoa, também, todas as atrações e significâncias possíveis no cotidiano das experiências simbolizadas podem revelar o estrangeiro. O estrangeiro é sentido, então, precisamente, como um estranho, isto é, como um outro não "proprietário do solo". (Simmel, 2005:266⁷)

Dito de outro modo, o viajante, igualmente ao estrangeiro, também não é "proprietário do solo". Por um lado, o facto de o viajante se deslocar a outro país torna-o próximo da cultura e do povo do mesmo. Por outra parte, o viajante é também estrangeiro, ou seja, uma pessoa de fora. Por esta razão ele, ou ela, nunca poderá ser igual aos habitantes nativos, sendo afastado no âmbito sócio-cultural. Assim, pode-se dizer que a proximidade e a distância são as características principais do viajante (ou estrangeiro), sendo duas faces da mesma moeda.

Desta forma passamos a duas questões fundamentais: o que será considerado uma imagem num

7 O texto está disponível em formato electrónico <http://paginas.cchla.ufpb.br/grem/SIMMEL.O%20estrangeiro.Trad.Koury.rbsedez05.pdf> (página visualizada a 11.01.17)

texto literário? E como vai ser aplicado o método, mencionado no parágrafo anterior, para analisar as imagens das obras do *corpus*? Ou seja, como se encontrarão as imagens nos textos?

Para efeitos deste trabalho, o termo «imagem» será usado para denominar a forma como é apresentado um país e os habitantes que nele vivem. Sendo mais preciso, é um relato que tem como objectivo facilitar-nos a visualização de outras terras e nações através de uma descrição textual. Por outras palavras, a imagem pode ser definida como «discursive representation of a person, group, ethnicity or ‘nation’» (Leerssen 2007:342). Mas construir uma imagem é também atribuir certas características, o que se pode ler em baixo, numa citação de *Imagology: History and method*, outra das publicações de Joep Leerssen:

The tendency to attribute specific characteristics or even characters to different societies, races or 'nations' is very old and very widespread. The default value of humans' contacts with different cultures seems to have been ethnocentric, in that anything that deviated from accustomed domestic patterns is 'Othered' as an oddity, an anomaly, a singularity. Such ethnocentric registrations of cultural difference have tended to stratify into a notion that, like persons, different nations each have their specific peculiarities and → 'character' – although that term is itself historically more complex than one might think at first. (Leerssen 2007: 17)

No que toca às imagens, estas podem também representar valores positivos ou negativos, conforme a atitude política de países em questão. Segue-se outra citação, também pertencente a Leerssen e publicada no blogue dele:

Stereotypes can be positive or negative in their valorization, depending on the political circumstances: countries which present a threat of political or economic rivalry are usually described in negative terms, giving rise to *xenophobia*; countries which do not pose any threat are represented in “cute” terms, giving rise to *exoticism* or “xenophilia” (Leerssen 2013)⁸

Para tornar a análise da imagem de Portugal mais completa e bem organizada, decidiu-se consultar a classificação que a UNESCO utiliza no campo do património cultural da humanidade. Esta organização, além de preservar o património de carácter físico (monumentos, edifícios, construções, etc.) decidiu criar também o termo de «património cultural imaterial (intangível), a fim de proteger elementos da cultura humana que não tem carácter físico ou duradouro: tradições locais, línguas minoritárias ou músicas típicas para uma região. Para dar um exemplo, o Fado português foi reconhecido como Património Cultural da Humanidade em 2011⁹. Vejamos a definição que se

⁸ O artigo de Joep Leerssen *National Identity and National Stereotype* está disponível na página web <http://www.nationalstereotype.com/national-identity-and-national-stereotype/> (página visualizada a 29.04.17)

⁹ Veja-se o artigo da página web da UNESCO: <https://ich.unesco.org/en/RL/fado-urban-popular-song-of-portugal->

propõe no artigo 2 da convenção da UNESCO acerca do património imaterial (intangível), na página web da organização:

Article 2 – Definitions

For the purposes of this Convention,

1. The “intangible cultural heritage” means the practices, representations, expressions, knowledge, skills – as well as the instruments, objects, artefacts and cultural spaces associated therewith – that communities, groups and, in some cases, individuals recognize as part of their cultural heritage. This intangible cultural heritage, transmitted from generation to generation, is constantly recreated by communities and groups in response to their environment, their interaction with nature and their history, and provides them with a sense of identity and continuity, thus promoting respect for cultural diversity and human creativity.[...]

2. The “intangible cultural heritage”, as defined in paragraph 1 above, is manifested inter alia in the following domains:

- (a) oral traditions and expressions, including language as a vehicle of the intangible cultural heritage;
- (b) performing arts;
- (c) social practices, rituals and festive events;
- (d) knowledge and practices concerning nature and the universe;
- (e) traditional craftsmanship.

(UNESCO: 2003)¹⁰

Tendo definidos os conceitos principais, decidiu-se dividir as imagens em dois grupos, conforme o assunto que está descrito. Esta classificação, criada após a leitura de todas as quatro obras do *corpus*, consiste em dois elementos: a) elementos materiais e b) elementos imateriais (intangíveis). Como podemos ver, a classificação estabelecida para o presente trabalho é muito próxima da classificação proporcionada pela UNESCO.

No que toca à classificação das imagens, o grupo a) abrange imagens de carácter tangível, no sentido de descreverem elementos físicos, tais como lugares e edifícios históricos, monumentos nacionais, paisagens, etc. Além disso, também se incluem elementos sócio-culturais de carácter físico: a vestimenta típica, os trajes regionais, a arte nacional, ou até os pratos típicos. Por outras palavras, são todos os componentes que podem ser vistos, tocados ou experimentados.

No que diz respeito ao grupo b), é necessário ter em conta a existência das coisas de natureza intangível que também podem ser descritas através de uma imagem dada num texto. Estamos a falar dos elementos que, apesar de não terem natureza física, também podem ser vistos e, em alguns

00563 (página visualizada a 28.11.2018)

¹⁰ Texto completo da convenção disponível na página web <https://ich.unesco.org/en/convention> (página visualizada a 28.11.2018).

casos, experimentados. Trata-se principalmente dos hábitos e costumes locais que, sendo produto de convicções sócio-culturais, por definição não são objectos físicos. Como pudemos ler na citação prévia do Artigo 2 do Património Cultural Intangível, as representações de tradições podem formar grande parte da imagem de um país e sua nação. Para efeitos da presente dissertação, usar-se-á também o termo "cultura nacional" como sinónimo geral para denominar os elementos culturais de natureza abstracta (i.e, hábitos, costumes e tradições locais).

Desta forma, o método de analisar as imagens dadas nos textos do *corpus* consiste basicamente em examinar as descrições que os autores das obras-chave fizeram das suas viagens por Portugal. Em alguns casos ter-se-ão em conta também os elementos da história nacional de Portugal que tiveram muito impacto na mentalidade contemporânea dos portugueses, a fim de contextualizar os relatos de viagens dos autores dos quatro livros (p.ex. o Portugal dos 1980 de Ziejka). Além disso, será considerada imagem qualquer descrição que nos forneça alguma informação sobre Portugal, o que se aplica tanto aos elementos materiais como imateriais (intangíveis). Por isso, o termo «imagem» abrange diversos elementos: desde os monumentos históricos (por exemplo, a Torre de Belém, o Ponte Dom Luís I ou a Sé do Funchal), passando pelos pratos típicos (i.e. vinho do Porto, francesinha ou sardinhas assadas) e o artesanato (i.e. trajes regionais, painéis de azulejos, objectos de culto religioso, entre outros), acabando com os componentes que não são de natureza física mas formam parte da cultura portuguesa, como as tradições e os hábitos locais (concertos de fado, culto de Nossa Senhora de Fátima ou até o sentimento da saudade).

No que toca à procura das imagens nos textos, tomar-se-ão em conta todas as descrições nas obras do *corpus* que enquadrarem nos critérios da «imagem» mencionados nos parágrafos anteriores. No entanto, por razões práticas, a presente dissertação não abrangerá todas as imagens encontradas nas obras-chave. Noutro caso, ter-se-ia de falar de tudo o que os quatro autores decidiram escrever sobre Portugal, o que tornaria a presente dissertação demasiado extensa para os critérios em vigor. Em vez disto, seleccionar-se-ão os aspectos mais representativos em relação à imagem de Portugal, ou seja, os componentes que os autores dos textos do *corpus* julgaram mais relevantes no que diz respeito a Portugal.

Por outro lado, a atitude dos autores em relação a Portugal e ao povo português também será objecto de investigação, uma vez que todo o conjunto de relações entre o autor e o ambiente do país em questão influi no carácter final de qualquer obra de género de viagens (Leerssen 2016:27). Além disso, é necessário ter em conta de que maneira cada autor conheceu o país. Trata-se principalmente de deslocações, mas também dos contactos com os habitantes nativos. Tenha-se em consideração que a língua de contacto entre o autor (ou autora) e os nativos também pode ter impacto na qualidade da imagem apresentada num texto literário.

Em suma, é possível dividir o método de análise das imagens de Portugal que aparecem nos textos do *corpus* em duas subcategorias que podem ser consideradas também como dois critérios :

- 1) Critério visual (elementos materiais): análise da representação dos lugares e objetos físicos que formam parte fundamental da imagem física (visual) de Portugal (i.e. Torre de Belém, Ponte de D. Luís, Templo romano de Évora, etc)
- 2) Critério sócio-cultural (elementos imateriais, intangíveis): análise de costumes, hábitos locais e factos históricos (i.e. concertos de fado, o sentimento da saudade, o impacto da ditadura salazarista, a pobreza nas províncias portuguesas, entre outros).

É necessário ter em conta que as imagens nunca são objectivas, dependendo sempre da atitude da pessoa que está a proporcionar o relato sobre um país ou uma nação. Além das opiniões privadas do autor de uma publicação, existem outras razões que podem tornar a imagem apresentada num texto ainda menos objectiva. Na maioria dos casos trata-se das diferenças sócio-culturais entre os países de partida e chegada, quer a língua, quer a mentalidade. Aliás, como já se disse nos parágrafos anteriores do presente trabalho, a língua de contactos entre o autor e os habitantes tem muito a ver com a forma de como é retratado um país. Por exemplo, na análise da imagem de Portugal apresentada na obra de Franciszek Ziejka poderemos ver que a barreira linguística também pode causar mal-entendidos, incluindo menosprezo ou, em casos extremos, até rejeição da cultura diferente da cultura de origem.

IV

A imagem de Portugal: análise das obras do *corpus*

O presente capítulo é a parte mais relevante de toda a dissertação, uma vez que tem por objectivo apresentar-nos a análise de todas as quatro obras-chave no que diz respeito à imagem de Portugal construída por viajantes polacos.

Para facilitar a leitura e manter a argumentação coerente, o capítulo foi dividido em duas categorias. Cada categoria representa um dos aspectos da imagem, de acordo com os dois critérios enumerados no enquadramento teórico-metodológico. Além disso, ambas as categorias contêm quatro subcategorias, intituladas de acordo com a obra do *corpus* que está em questão.

Enfim, decidiu-se introduzir uma informação básica acerca do autor e da sua obra que aparecerá no início de cada uma das quatro subcategorias na primeira secção. Espera-se que este procedimento facilite a leitura da análise que se seguirá nas partes posteriores do presente capítulo.

1. Análise da representação dos lugares e objectos físicos (elementos materiais)

Esta secção tem por objectivo analisar a forma como se apresentam sítios, monumentos e objectos físicos nas obras do *corpus* e qual é o seu impacto na imagem de Portugal proporcionada pelos autores.

a) Franciszek Ziejka, *Moja Portugalia* [*O meu Portugal*]

A primeira obra analisada é o livro de Franciszek Ziejka, intitulado *Moja Portugalia* [*O meu Portugal*], que é uma compilação de vários textos que o autor publicou acerca da sua primeira visita a Portugal. A publicação está dividida em quatro partes (diário, relatos de viagens por Portugal, resumo da história de amor entre Pedro I de Portugal e Inês de Castro, ensaios académicos), enumeradas e descritas pelo autor no prefácio do livro (Ziejka 2008: 9). Todas as quatro partes são abundantes em detalhes no que diz respeito à realidade de Portugal e do dia-a-dia dos seus habitantes.

Quanto ao autor de *Moja Portugalia*, Franciszek Ziejka foi o docente responsável pela fundação do primeiro leitorado da Língua e Cultura Polacas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa por iniciativa das autoridades polacas do Ministério de Ensino Superior, no ano lectivo 1979/1980 (Ziejka 2008: 8). Por isso, Ziejka mudou-se para Lisboa em Outubro de 1979 para iniciar o procedimento administrativo na faculdade. Foi quando começou a escrever o seu diário que viria a formar uma das partes mais importantes do seu futuro livro. Nos meses que se seguiram, Franciszek Ziejka fez tudo o possível para conhecer bem Portugal. Como podemos ler no seu livro, Ziejka empreendeu muitas viagens por todo o país e investigou dezenas de obras e publicações de literatura portuguesa e de países lusófonos, o que lhe permitiu ganhar um bom conhecimento acerca da cultura e história de Portugal e suas colónias. Finalmente, como afirma ele próprio na parte introdutória do livro, o propósito geral da sua obra é dar aos leitores polacos uma possibilidade de conhecer melhor a história e cultura de Portugal. Além disso, ao longo da publicação o leitor polaco tem a oportunidade de saber mais acerca dos vários tipos de relações que se criaram entre a Polónia e Portugal ao longo dos séculos (Ziejka 2008: 9).

Passando ao foco principal da presente secção, Franciszek Ziejka oferece-nos uma descrição detalhada no que diz respeito aos lugares e objectos físicos que, na sua opinião, formam parte da imagem geral de Portugal. No entanto, há que ter em conta que as descrições da realidade física raramente desempenham o papel primordial nos seus relatos, uma vez que Ziejka, igualmente aos outros autores das obras em análise, prefere colocar as pessoas e os hábitos delas no centro da

atenção, como veremos nas partes posteriores do presente capítulo.

Portugal nos relatos de Franciszek Ziejka é um país que tem muito para oferecer na área dos monumentos e edifícios de diversos estilos arquitectónicos. O autor especifica também outros valores da paisagem portuguesa, enumerando praias, rios, campos ou florestas, entre outros. Ao longo do seu livro surgem vários pormenores acerca da arquitectura portuguesa, fornecendo-nos muitas descrições bem detalhadas sobre o aspecto físico do edifício (ou monumento) em questão. Seguem-se também comentários privados do autor, abundantes em adjectivos, metáforas e comparações.

Antes de continuar, é de destacar que, por razões práticas, decidiu-se omitir a análise de alguns sítios visitados e descritos por Ziejka (i. e. Coimbra (Ziejka 2008: 109-116), Santarém (Ziejka 2008: 133-141), ou Porto (Ziejka 2008: 117-126), entre outros, uma vez que o trabalho poderia vir a ser demasiado extenso e detalhado para cumprir as normas previstas para dissertações de mestrado.

Começaremos a análise pela cidade de Lisboa que é descrita de maneira bem detalhada, uma vez que foi o lugar onde o autor de *Moja Portugalia* viveu mais tempo. A Lisboa que Franciszek Ziejka descreve no seu livro é uma cidade de contrastes, quer na estrutura social, quer na construção urbanística. Além disso, é também descrita como uma terra exótica e desconhecida, dado que Ziejka nunca tinha visitado Portugal antes. Por isso, não é nada raro o facto de haver tantas observações acerca do dia-a-dia dos portugueses e do ambiente natural. Em geral, a curiosidade do autor em relação a Lisboa e o resto de Portugal, que o conduziu a fornecer-nos tantos relatos sobre este país, está presente por todas as páginas do livro.

A maioria dos componentes do panorama da cidade que conhecemos através dos relatos de Ziejka são sítios e monumentos geralmente conhecidos do público, ou seja, objectos típicos que se enumeram na maioria dos guias e agendas turísticos. Muitos desses «objectos típicos» são edifícios e monumentos que se construíram após o terramoto de 1755, quando a cidade estava a viver o processo de restauração por iniciativa do Marquês de Pombal. Como é de esperar, nos relatos de Ziejka também há muitas observações e comentários acerca da Lisboa Pombalina e dos elementos mais típicos deste estilo: Rossio, Praça da Figueira, Rua Augusta, Praça do Comércio ou Avenida da Liberdade, entre outros (Ziejka 2008: 159-161). Cada um desses sítios é descrito com muitos detalhes, dando-nos a oportunidade de conhecer não só os elementos físicos (estilo arquitectónico, posição geográfica, cores, etc.), mas também os pormenores histórico-culturais. Em muitos casos, o autor opta por escolher um sítio concreto como ponto de partida para descrever uma parte da cidade através de uma rota imaginária que provavelmente chegou a realizar na altura da viagem a Portugal. Para dar um exemplo, vejamos a caminhada que Franciszek Ziejka nos descreve nas páginas 159-162, isto é, desde a Praça do Comércio, passando pelo Rossio e Restauradores, até à Praça Marquês

de Pombal. Na opinião de Franciszek Ziejka, a Praça do Comércio, construída no estilo clássico, é um lugar pouco atractivo, uma vez que tanto a praça como as casas, os palácios e as igrejas da zona são parecidos entre si e não atraem nem os habitantes nem turistas. O próprio Ziejka usa adjectivos negativos quando fala sobre a Praça do Comércio, acrescentando que os edifícios da zona têm «frias fachadas de casas-palácios» («Zimne fasady domów – pałaców», Ziejka 2008:159)

Depois, o caminho continua pela Rua Augusta até à Praça de D. Pedro IV, mais conhecida pelo nome Rossio, descrita como "serce miasta" («o coração da cidade», Ziejka 2008: 160), sendo o centro principal da metrópole onde sempre passam muitas pessoas. Há que notar que o autor, embora tenha gostado do Rossio também, classifica o sítio como pouco atractivo, comparando-o com a Praça Principal de Cracóvia ou com a Praça de São Marcos em Veneza (Ziejka 2008: 160). Estas e outras comparações serão alvo de uma análise mais aprofundada na segunda secção do presente capítulo, uma vez que Franciszek Ziejka faz muitas comparações entre a Polónia (ou outro país) e Portugal (favorecendo mais a Polónia ou outro país). Quanto à Avenida da Liberdade, esta é retratada de uma forma bastante neutral como uma das ruas principais da capital que começa na Praça dos Restauradores e, por ser uma das avenidas mais representativas da cidade, é escolhida por vários hotéis e empresas como a sua sede principal. O trajecto termina na Praça Marquês de Pombal, com a estátua do mesmo que não encaixou nos critérios estéticos de Ziejka (Ziejka 2008: 161).

Em seguida, enumeram-se sítios fora da Baixa de Lisboa, mas também muito importantes do ponto de vista urbanístico: Torre de Belém (Ziejka 2008: 64, 164-165), Castelo de São Jorge e a Sé (Ziejka 2008: 156-157). Aparece também uma nota sobre a Ponte 25 de Abril e o Tejo (Ziejka 2008: 159-160), onde o autor descreve o Tejo como «a maior preciosidade de Lisboa de todos os tempos» («największe bogactwo Lizbony», Ziejka 2008: 159). No que diz respeito à Ponte 25 de Abril, na mesma página dá-se uma pequena nota sobre a origem do nome, dizendo que o nome actual tem por objectivo comemorar a queda do regime salazarista em 1974. Cada um destes sítios está bem analisado e comentado por Ziejka, igualmente aos edifícios e lugares que se mencionam na rota exemplar desde a Praça do Comércio até à estátua de Marquês de Pombal.

Contudo, o aspecto exterior dos monumentos e edifícios não é a única coisa que Franciszek Ziejka comenta ao longo do seu livro. Nos relatos de viagens incluem-se também os registos de várias visitas aos museus, galerias e exposições não só em Lisboa, mas também noutras cidades do país. Aliás, há que ter em conta o papel dos museus que Ziejka sempre visitou com muito interesse e curiosidade, deixando muitos comentários acerca da qualidade que ofereciam os museus lisboetas naquela época. Por exemplo, o capítulo intitulado «W muzeach Lizbony» [*Nos museus de Lisboa*] nas páginas 175-185 tem por objectivo retratar-nos não só a abundância dos museus na área

metropolitana de Lisboa, mas também o valor das obras guardadas e expostas nestas instituições. Apesar de ter mencionado vários tipos de museus visitados (Museu do Azulejo, Museu Oceanográfico, Museu da Marinha, entre outros) o autor centra-se nos seus dois museus preferidos: o Museu Calouste Gulbenkian (Ziejka 2008: 175-179) e o Museu Nacional de Arte Antiga (Ziejka 2008: 179-185). Cada um destes museus é descrito com vários pormenores, tanto pelos detalhes de fora (a localização, o aspecto externo), como de dentro (as exposições e as obras, o valor estético do espaço). Além disso, no caso do Museu Calouste Gulbenkian Franciszek Ziejka proporciona-nos uns pormenores da vida pessoal do fundador do museu e a sua contribuição para o património cultural da cidade de Lisboa.

A seguir, o clima meteorológico e o panorama vegetal de Portugal, tão diferentes dos da Polónia, são outros elementos que se encontram nas páginas de *Moja Portugalia*. Por isso, não é nada raro que as plantas mediterrâneas e os valores climáticos tenham chamado a atenção de Franciszek Ziejka, conduzindo-o a fazer comparações entre o clima polaco e português (Ziejka 2008: 40¹¹). Lisboa, sendo uma cidade com um clima bem ameno durante todo o ano, é também um lugar onde se cultivam plantas muito diferentes daquelas que se encontram no território polaco, o que se pode ver nos diversos parques urbanos da Grande Lisboa. Aliás, trata-se também das plantas que não se cultivam no solo polaco: palmeiras, cítricos, amendoeiras, figueiras e outras plantas mediterrâneas, omnipresentes em todo o território português. Por isso, é natural que este facto se encontre no diário de Ziejka, como podemos ver a seguir:

Już grudzień. A tu [w Lizbonie] wcale tego nie widać. Kwiaty na skwerach, na drzewach (śliczne przy Bibliotece – nie wiem jak się nazywają – kwiaty duże, czerwone). Tu i ówdzie opadają pierwsze liście. Co za kraj! Ludzie winni czuć się tutaj szczęśliwi. Tymczasem jest zupełnie inaczej. Rzadko się widzi radość, uśmiech... Częściej – wyciągniętą rękę, wołanie o pomoc, o jednego escudo [jedno escudo]... A przecież to nie kto inny, a oni sami taki a nie inny model życia wybierają sobie. (Ziejka 2008: 53 – nota do dia 1.12.79)¹²

É Dezembro já. Cá [em Lisboa] não se nota nada. Flores nas praças, nas árvores (aquelas ao lado da Biblioteca são muito giras – não sei como se chamam – flores grandes e vermelhas). Por aí caem as primeiras folhas. Mas que país é este! As pessoas devem sentir-se felizes aqui. Mas a realidade é completamente diferente. Poucas vezes se vê a alegria, sorrisos... Mais se notam mãos estendidas, pedidos de ajuda, pedidos de um escudo... Mas não são outros, senão eles mesmos que optam por este modelo de vida.

11 Veja-se a nota do dia 14.11.79 na qual Franciszek Ziejka compara as temperaturas em Lisboa (18°C) e Cracóvia (-15°C) na altura.

12 Salvo indicação em contrário, todas as traduções do polaco para o português são feitas pelo autor da dissertação. Em cada citação se opta pela tradução mais literal possível.

Como se pode ver na citação, o clima meteorológico e o ambiente natural também formam parte da imagem de qualquer sítio que seja, em particular se estamos a falar de condições meteorológicas muito diferentes das do lugar de origem. Mesmo assim, o julgamento de Franciszek Ziejka na primeira parte da citação sobre a correlação entre o clima e a felicidade («As pessoas devem sentir-se felizes aqui») pode parecer uma ironia, dado que estamos a falar de um país onde a pobreza sempre foi omnipresente, incluindo a época da primeira viagem do autor a Portugal. A pobreza, como um dos componentes da imagem de Portugal, será examinada na segunda secção do presente capítulo.

Quanto ao resto do país, seguem-se relatos de viagens que o autor escreveu ao longo do tempo que viveu em Portugal (de Outubro de 1979 a Junho de 1980 – Ziejka 2008: 8-10) e onde retratou as regiões de Portugal que chegou a visitar. Trata-se principalmente das terras ao sul do Tejo (o Alentejo e o Algarve), da Região do Douro (a cidade do Porto) e da região do Ribatejo e Estremadura (i.e. Tomar, Alcobaça, Santarém, entre outros).

Continuaremos a análise do Portugal de Ziejka pela Região do Algarve, que o autor visitou em Março de 1980. Um dos primeiros elementos da paisagem algarvia que chamou a atenção de Franciszek Ziejka foi o clima ameno daquelas terras e o ambiente natural, como se pode ler na citação que se segue:

W licznych osadach i miasteczkach, przez które przejeżdża teraz mój pociąg, widzę opalonych, spacerujących, w samych koszulach przechodniów. Uwagę moją przyciągają jednak przede wszystkim sady. Bo Algarve to kraina sadów! (Ziejka 2008: 80)

Nas numerosas vilas e aldeias, pelas quais está a passar o meu comboio, vejo pessoas bronzeadas a passear e vestidas apenas de camisolas. No entanto, o que mais chama a minha atenção são os pomares. Pois, o Algarve é a terra dos pomares!

Franciszek Ziejka nasceu na Polónia, onde, por norma, em Março ainda está muito frio para andar vestido de uma forma tão ligeira como as pessoas descritas na citação, daí o seu espanto. Além disso, os pomares repletos de árvores cítricas e de amêndoas também não se encontram na Polónia. Por isso, o autor fala da Região do Algarve como «a terra das laranjeiras e amendoeiras» (Ziejka 2008: 79-81). O Algarve é descrito como a menor região histórica de Portugal, rodeada pelas águas quentes do Atlântico e praias bonitas (Ziejka 2008: 80-81, 86). Mas é também uma terra que abunda em edifícios e monumentos da época do domínio dos Mouros no sul da Península Ibérica, o que se menciona nas descrições das cidades de Silves, Faro e Lagos (Ziejka 2008: 82-85). Finalmente, há que ter em conta o desenvolvimento do turismo nas costas algarvias que já era notável na altura da

visita de Ziejka ao Algarve. O próprio Franciszek Ziejka comenta as mudanças que vivem as costas algarvias por causa do crescimento da arquitectura tipicamente turística, como hotéis e pensões destinados ao turismo massivo (Ziejka 2008: 81-82).

Depois, segue-se a paisagem do Alentejo que nos relatos de *Moja Portugalia* é composta pelos campos de trigo, sobreiros e oliveiras. A maior parte da imagem do Alentejo (Alto), que Franciszek Ziejka nos proporciona, é retratada nos relatos de duas viagens: uma a Évora que o autor fez em Janeiro de 1980 (Ziejka 2008: 71-77) e outra a Alburnoa, uma localidade alentejana visitada na Primavera de 1980 (Ziejka 2008: 89-98). Também se adicionam outros detalhes sobre o Baixo Alentejo no início do relato da viagem ao Algarve (Ziejka 2008: 79), uma vez que o autor fez o percurso em comboio que passava pelo Alentejo.

A primeira impressão do autor sobre a terra alentejana não é de todo positiva. Franciszek Ziejka descreve o Alentejo como uma terra desértica, com grandes áreas vazias onde se pode encontrar de vez em quando uma oliveira ou um sobreiro solitário. Veja-se a seguinte citação:

Bo Alentejo, które widzę, to kraina na poły pustynna. To kraj olbrzymich pustkowi, na których tu i ówdzie rosną drzewa oliwkowe lub korkowe dęby. Mijamy dziesiątki kilometrów, zanim pojawi się jakaś osada, a obok niej pasterz ze stadem owiec. Smutny kraj. Kraj, który wciąż jeszcze przypomina wczoraj Portugalii. (Ziejka 2008: 72)

Porque o Alentejo, que vejo eu, é uma terra desértica. É um território de grandes desertos, onde por aqui e aí crescem oliveiras ou sobreiros. Dezenas de quilómetros passam antes de encontrarmos uma aldeia e um pastor a cuidar do seu rebanho de ovelhas. Um país triste. Um país que ainda recorda o ontem de Portugal.

A imagem do Alentejo no texto citado acima retrata uma região que é muito atrasada no campo de progresso civilizacional, em comparação com resto do país. Ou seja, é uma terra triste e solitária, pouco convidativa para atrair as pessoas a cultivá-la e povoá-la. Vale a pena acrescentar o sentimento de tristeza causado pela paisagem desértica do Alentejo que Ziejka sente durante a viagem ao Algarve. Esse sentimento de tristeza deve-se por ter visto dezenas de árvores de sobreiro que crescem sem casca, pois esta é retirada regularmente para produzir a cortiça (Ziejka 2008: 79).

Depois da paisagem alentejana, seguem-se descrições da cidade de Évora que surpreende Ziejka positivamente. A maioria dos edifícios e monumentos mencionados no relato são as atracções turísticas mais conhecidas que se podem encontrar em diversos guias e agendas de turismo (i. e. Igreja de São Francisco e a famosa Capela dos Ossos que se encontra nesta igreja, Igreja da Graça ou Templo Romano de Évora, entre outros). No entanto, muitos desses objectos são descritos de uma forma bastante superficial, ao contrario dos museus e galerias lisboetas.

Aliás, o autor retrata Évora como uma cidade que, em vez de destruir os monumentos e edifícios construídos nas épocas anteriores, opta por conservá-los ou adaptá-los conforme a corrente artística da época. Desta forma, Évora é destacada como uma cidade onde se podem encontrar igrejas, casas e templos de diversas épocas históricas (Roma Antiga, domínio dos mouros, arte românica e gótica, entre outros, Ziejka 2008: 75-76). A igreja de São Francisco é uma das construções que reúne vários estilos arquitectónicos e que mais satisfaz o autor do livro em questão (Ziejka 2008: 73).

Mas o Alentejo de Ziejka não se limita apenas à magnífica cidade de Évora. Fora das grandes cidades de Beja e Évora encontra-se Albernoa, uma localidade no concelho de Beja. Embora Franciszek Ziejka tenha visitado também a cidade de Beja, foi a aldeia de Albernoa e os seus habitantes que chamam toda a sua atenção. O panorama de Albernoa na obra de Ziejka parece ser uma paisagem tipicamente rural bem diferente das aldeias polacas da mesma época, o que se pode ver na citação dada em baixo:

Wychodzę na ulicę. Jakże niepodobna do naszych polskich wsi jest ta Albernoa! Wąskie uliczki, wzdłuż których ciągną się długie, niskie domy-lepianki, przypominające jak żywo nasze dziewiętnastowieczne czworaki dworskie. Toż to krajobraz *Ludzi stamtąd* – konstatuje. (Ziejka 2008: 92)

Saio à rua. Que pouco parecida às nossas aldeias polacas é Albernoa esta! Ruas estreitas, pelas quais vão aparecendo casas compridas e baixas de barro, fazendo-nos recordar as nossas casas rurais do século XIX. Este é a paisagem de *Ludzie stamtąd* [*As pessoas de lá*]¹³ – julgo eu.

Esta é uma das visualizações do panorama de Albernoa que nos proporciona Ziejka. Apesar de estarmos no início da década dos 80 do século XX, o autor descreve a aldeia como um lugar onde o século XIX ainda continua a estar omnipresente no aspecto físico das casas rurais da vila. A comparação com a Polónia do século XIX é pouco favorável para Portugal, como se fosse um país muito atrasado em comparação com o resto do continente europeu. Em geral, nas descrições da aldeia alentejana em questão predomina mais a atitude pessimista do que detalhes meramente físicos, uma vez que o autor fica muito comovido pelas dificuldades económicas que está a viver a família que o acolheu em sua casa.

No que diz respeito à cidade de Beja, esta é retratada de uma forma muito superficial, fazendo assim contraste às grandes emoções e preocupações que sente Franciszek Ziejka em relação aos problemas dos habitantes de Albernoa, conhecidos poucos dias antes de visitar Beja. Mal se descrevem as atracções principais na cidade o que nos deixa com a sensação de que Beja é apenas uma cidade pequena, de carácter provincial (Ziejka 2008: 96).

13 *Ludzie stamtąd* [*As pessoas de lá*] – um conjunto de contos de Maria Dąbrowska, publicado em 1926.

A última região escolhida para a presente análise é a cidade de Sintra que o autor visitou entre Fevereiro e Maio de 1980, com um grupo de três amigos (Ziejka 2008: 99-108). Tal como em relação aos sítios já visitados, Franciszek Ziejka centra-se nos edifícios mais conhecidos de Sintra. Neste caso, trata-se principalmente do Palácio Nacional de Sintra (Ziejka 2008: 101-104), descrito de uma forma muito detalhada no que diz respeito às salas e exposições no interior, e do Palácio da Pena (Ziejka 2008: 106-108). Ambos os palácios deixam o autor muito impressionado, quer pelos estilos arquitectónicos, quer por uma história abundante em detalhes.

O Palácio Nacional de Sintra, ou, sendo mais preciso, as suas duas chaminés grandes são a primeira coisa que Franciszek Ziejka vê ao chegar a Sintra (Ziejka 2008: 101). Depois, seguem-se quase cinco páginas de descrições do interior do palácio, do qual Ziejka gosta muito. Além dos detalhes acerca da combinação dos elementos em casa sala do palácio, o autor adiciona uma anedota ou facto histórico ligado à sala em questão (i.e Sala das Pegas, Sala dos Cisnes ou a capela).

Quanto ao Palácio da Pena, este é mencionado de uma forma rápida. O edifício, por muitos considerado interessante do ponto de vista tanto arquitectónico como artístico, não consegue ganhar a simpatia do autor de *Moja Portugalia*, o que podemos confirmar no texto que se segue em baixo:

Jego ogromna bryła z daleka wygląda imponująco. Powiedziałbym więcej – czarująco. Czar jednak pryska z chwilą, gdy stajemy przed zamkiem. Długo nie mogę sobie zdać sprawy z tego, co to jest: jakaś fantasmagoria, zabawka, zamek z bańki mydlanej? (Ziejka 2008: 106)

De longe, o seu aspecto parece impressionante. Até diria mais – mágico. Porém, a magia desvanece-se quando chegamos ao castelo. Durante muito tempo sou incapaz de nomear aquilo que acabei de ver: uma fantasmagoria, um brinquedo, um castelo de bolha de sabão?

O tom de antipatia (decepção) em relação ao Palácio da Pena por parte de Franciszek Ziejka mantém-se ao resto da visita a Sintra. Tendo em conta a popularidade do Palácio da Pena entre os turistas que vêm visitar a Grande Lisboa e o facto de Ziejka ser docente de uma das instituições académicas mais importantes da Polónia, esta rejeição parece bastante surpreendente.

Concluindo, os registos dos lugares e monumentos, bem como dos elementos climatérico e paisagísticos proporcionados por Franciszek Ziejka costumam ser acompanhados por um comentário que tem por objectivo indicar-nos o contexto histórico-cultural do sítio ou objecto em questão. No entanto, os relatos de Ziejka poucas vezes são de carácter meramente descritivo. Ao longo das páginas do livro podemos encontrar comparações entre os estilos arquitectónicos e artísticos da Polónia (ou de outro sítio que o autor conheceu bem e de que gostou) e de Portugal

para demonstrar os pontos fracos no lado português. Voltaremos a analisar mais detalhadamente este assunto na segunda categoria do presente capítulo.

Para concluir a análise da imagem física do Portugal de Ziejka, é de destacar o facto de não haver descrições acerca do Arquipélago dos Açores e da Ilha da Madeira, pois o autor não chegou a visitar as ilhas portuguesas. Só se menciona a Madeira no contexto histórico como um possível sítio de refúgio de um dos reis polacos, Władysław Warneńczyk, em meados do século XV (Ziejka 2008: 338-339). Aliás, é importante reparar no facto de haver um conjunto de imagens ilustrativas dos sítios e monumentos, considerados em geral como os mais representativos de Portugal (i.e. Castelo de São Jorge, Palácio da Pena, Templo Romano em Évora, entre outros) em algumas páginas da obra. Porém, estas fotografias não são da autoria de Franciszek Ziejka e nem sequer retratam a Lisboa na altura da primeira viagem do autor (Ziejka 2008: 386 – veja-se a nota *Źródła ilustracji* [*Fontes das imagens*])). Como se pode confirmar na página 386, a maioria das fotos procede das publicações editadas por volta do ano 1910 ou 1990. Se a imagem que se pode extrair do texto de Ziejka é bastante negativa, as fotografias, maioritariamente escuras e monocromáticas, reforçam esta impressão.

b) Renata Gorczyńska, *Szkice Portugalskie* [*Esboços portugueses*]

Renata Gorczyńska é a autora de *Szkice Portugalskie* [*Esboços portugueses*], a segunda obra do *corpus* a ser analisada no presente trabalho. O livro, publicado em 2014, é um conjunto de diversas notas sobre as viagens por Portugal feitas pela autora ao longo de vinte anos (desde meados dos anos 1990 até 2013, aproximadamente). Tal como os outros autores das obras do *corpus*, os ensaios de Gorczyńska abordam apenas Portugal Continental, excluindo os arquipélagos dos Açores e da Madeira. Quanto à autora, Renata Gorczyńska não é só escritora, mas também exerce as funções de tradutora e jornalista¹⁴.

Na década de 1990, quando trabalhava na Rádio Polaca, Gorczyńska participou numa reunião de directores de várias emissoras radiofónicas da Europa que teve lugar em Lisboa em Abril de 1996 (Gorczyńska 2014: 5, 72). A capital portuguesa e seus habitantes deixaram-lhe boas lembranças e despertaram a sua curiosidade sobre Portugal que, anos mais tarde, viria a ser o alvo da publicação de *Szkice Portugalskie*.

Nas primeiras páginas do livro a jornalista enumera também outras razões do seu interesse por Portugal: a distância entre a Polónia e Portugal, o filme *Viagem a Lisboa* (em inglês: *Lisbon Story*)

14 De acordo com <http://www.kwartalnik.art.pl/autorzy/g/renata-gorczynska/> (página visualizada a 27.03.18)

de Wim Wenders, a vontade de ver a capital e outras partes do país, entre outros. Aliás, conforme a opinião da autora na citação em baixo, a riqueza artística dos monumentos e edifícios portugueses continua a ser praticamente desconhecida entre o resto da população europeia e mal se fala do assunto em publicações ligadas à história da arte europeia:

W podręcznikach europejskiej historii sztuki i architektury o dorobku Portugalii pisze się niewiele, skupiając się na Włochach, Francji, Niemczech. Miałam więc mętne pojęcie o tamtejszych zabytkach, które – ujrzone na własne oczy – zdumiewają posępną potęgą feudalnych zamków, mnogością klasztorów fundowanych bez końca przez monarchów i magnatów, przebogatymi pałacami królewskimi, zwłaszcza w jedynym w swoim rodzaju stylu manuelińskim, będącym świadectwem morskiej i kolonialnej przeszłości Portugalii (Gorczyńska 2014: 6)

Nos manuais sobre a arte e arquitectura europeia mal se escreve sobre o património [artístico] de Portugal, centralizando-se em Itália, França e Alemanha. Por isso, mal fazia alguma ideia sobre aqueles monumentos que – vistos ao vivo – impressionam com o poder lúgubre dos castelos feudais, a abundância dos mosteiros fundados sem fim pelos monarcas e nobres, os riquíssimos palácios reais, especialmente do estilo manuelino, único do seu género, que é um testemunho do passado colonial e marítimo de Portugal.

Como se pode ver na citação, a falta de uma mínima informação acerca da riqueza artística e arquitectónica de Portugal na literatura europeia motivou a autora para realizar investigações privadas. Nos últimos parágrafos da introdução (Gorczyńska 2014: 7-8) enumeram-se também outros elementos de natureza inspiradora: conversas com habitantes nativos, comida e vinhos regionais ou valores climáticos da paisagem portuguesa.

O livro, apesar de ser relativamente curto e contando apenas 137 páginas, tem relatos que abundam em detalhes acerca de Portugal e seus habitantes. A narração é de carácter descritivo e abrange diversos temas: desde o dia-a-dia dos portugueses, passando por vários e numerosos factos históricos e descrições de edifícios e monumentos, concluindo com opiniões privadas da autora. Vejamos como a própria autora definiu os relatos na introdução do seu livro:

Te szkice są dokładnie tym, na co wskazuje tytuł – kapryśnymi z natury szkicami, zaledwie fragmentami odnotowanej rzeczywistości. (Gorczyńska 2014: 8)

Estes esboços são efectivamente aquilo que o título indica – esboços de uma natureza caprichosa, apenas fragmentos de uma realidade retratada neles.

No entanto, este carácter «caprichoso» dos relatos, numa publicação tão curta, conduz-nos a uma abundância enorme de factos e comentários que dificultou muito o processo de escolha dos tópicos para análise. Por outras palavras, a diversidade de temas, junto com a pouca quantidade de páginas do livro, tornou o texto bastante caótico. Desta forma, uma só página com três ou quatro parágrafos de texto pode envolver assuntos diferentes. Há casos extremos onde num só parágrafo podemos encontrar vários pormenores de diversos campos. Por isso, foi preciso determinar critérios de selecção (ou rejeição) em relação ao conteúdo dos relatos de Gorczyńska.

Em primeiro lugar, deu-se prioridade aos temas que não apareceram noutros livros do *corpus*, como por exemplo o relato sobre a Livraria Lello na cidade do Porto ou factos sobre a vida de Fernando Pessoa. No entanto, os assuntos de importância elevada e que apareceram em duas ou mais obras, como por exemplo a presença dos refugiados polacos em Portugal na altura da II Guerra Mundial (Gorczyńska, Klementowska, Ciechanowski) ou ligações entre o Brasil e Portugal (Ziejka, Klementowska e Gorczyńska), também se incluíram para serem analisados na presente dissertação.

Em segundo lugar, omitiu-se a análise dos parágrafos ligados à vida privada da autora (p.ex. os detalhes sobre o marido falecido), uma vez que não tinham nada a ver com o assunto geral do presente trabalho. Também foi excluído o relato da visita a Manteigas (Gorczyńska 2014: 108-111), dado que é, basicamente, uma descrição do centro da Estância Termal. Aliás, os elementos que se encontram na história são muito parecidos aos pormenores dos outros relatos incluídos no livro da jornalista.

Portugal nas páginas do livro de Gorczyńska é descrito com muitos adjectivos que se expandiram em todos os relatos: «interessante», «intrigante», «mágico», «misterioso», «acolhedor», «verde», «montanhoso», «quente», etc. É considerado também um país cheio de contrastes e abundante em monumentos e edifícios de grande valor histórico e cultural. Vejamos a citação da parte introdutória, que está também repetida na contracapa do livro:

Portugalia, która kiedyś trzęsła światem, musiała się pogodzić, że czas jej potęgi minął. Jest teraz tym, czym była na początku swojej egzystencji – niewielką krainą nadatlantycką z dodatkiem odległych wysp: Madery i Azorów. Ale jakże frapującą w swej odmienności (Gorczyńska 2014: 7).

Portugal, que antes fazia tremer o mundo, teve de admitir que o tempo do seu poder já passou. Agora é aquilo que foi no início da sua existência: um pequeno território à beira do Atlântico, com ilhas longínquas: a Madeira e os Açores. Mas que intrigante em sua diversidade.

Poder-se-ia dizer que o carácter literário (ou a narrativa jornalística) desta nota na contracapa tem por objectivo despertar a curiosidade das pessoas que nunca estiveram em Portugal mas que

gostariam de saber mais acerca deste país. O facto de colocar esta citação na contracapa é de alta importância, devido a que a contracapa é um dos primeiros elementos que um leitor (ou, sendo mais preciso, o cliente) vê antes de tomar a decisão de comprar (ou não) um livro. Sendo mais preciso, a contracapa de qualquer livro é muito importante do ponto de vista comercial. Por este motivo, se a jornalista, ou a pessoa responsável pela edição do livro, decidiu situar este texto neste lugar, é porque considerou tal descrição como a mais representativa de Portugal.

Assim sendo, começaremos a análise da imagem física de Portugal de *Szkice portugalskie* pela cidade de Évora, sendo esta a primeira localidade descrita no livro de Gorczyńska. Vejamos como a jornalista caracteriza a cidade logo no início do relato de viagem à cidade em questão:

Gdybym miała powiedzieć, jakie miasto portugalskie stanowi kwintesencję tego kraju, a zatem odwiedzenie go jest koniecznością, mój wybór padłby właśnie na nią [Évorę]. (Gorczyńska 2014: 22)

Se tivesse de dizer qual das cidades portuguesas é a quinta-essência deste país, e é preciso visitá-la, a minha escolha seria exactamente esta [Évora].

Conforme as palavras da própria autora citadas em cima, Évora constitui o componente essencial da imagem física de Portugal. A escolha da autora baseia-se na riqueza arquitectónica e histórica da cidade, onde a coexistência de vários estilos arquitectónicos e de edifícios procedentes de diversas épocas históricas é um facto bem reconhecido por várias pessoas e instituições internacionais (p.ex. a UNESCO). Não nos podemos esquecer que o património histórico-cultural de Évora é descrito também por Ziejka que tinha visitado a cidade duas décadas atrás. Tal como o tinha feito Franciszek Ziejka, Renata Gorczyńska também inicia a descrição de Évora pelas condições geográficas e climáticas típicas desta região.

Situada num planalto da Região do Alentejo, que Gorczyńska descreve como a mais pobre de todo Portugal, a cidade de Évora recebe a autora com muito calor (Gorczyńska 2014: 22-23). Não seria nada raro, tendo em conta que a visita teve lugar no mês de Junho quando os dias eram mais longos e o calor atingia valores extremos, em particular no interior do país. Depois, a lista dos edifícios e monumentos de Évora enumerados pela autora abrange maioritariamente objectos localizados no centro da cidade. Em primeiro lugar, conhecemos o templo romano que chama a atenção de Gorczyńska enquanto entra no centro da cidade. Com base na presença deste monumento, a autora acrescenta a importância da localidade nos tempos do Império Romano. Depois, segue-se a Idade Média representada pela Catedral de Évora que impressiona a jornalista com o seu majestoso portal e o interior, e pela Praça de Giraldo, o centro da parte histórica da cidade, coisa que a autora comenta com as palavras «é impossível abandonar a Praça do Giraldo» ("Na pewno nie sposób

opuścić Praça do Giraldo [...]", Gorczyńska 2014: 24). À volta (ou dentro) desta praça encontra-se a maioria de outros monumentos enumerados pela autora: o Palácio de D. Manuel, o Chafariz ou as ruínas do castelo de Mouros que viveram nele entre os séculos VIII e XII e também marcaram a sua presença na arquitectura da cidade. O Colégio do Espírito Santo (actualmente Universidade de Évora) merece destaque como um elemento da época renascentista, junto com a presença de diversos palácios e residências visitados ou vistos por Gorczyńska, mas sem enumerar nomes concretos (só se menciona o nome de Vasco da Gama que tinha uma mansão na cidade na época das Descobertas – Gorczyńska 2014: 24).

Concluindo, embora o número dos monumentos descritos por Gorczyńska não seja excessivo, as descrições dadas pela autora são de carácter positivo, dando uma boa imagem da cidade. Nota-se a curiosidade e o prazer que a autora sente ao descobrir a cidade. A jornalista usa vários adjectivos para afirmar o seu gosto pela riqueza arquitectónica e histórica de Évora, o que pode ser resumido com a seguinte citação:

[...] Po nieprzespanej z powodu duchoty nocy włóczę się o poranku śladami Rzymian, odkrywam resztki łaźni i murów obronnych. A potem nie wiem co wybrać. W tym niewielkim mieście można być wręcz przytłoczonym liczbą zabytków, skoro w historycznym centrum są ich aż cztery tysiące. (Gorczyńska 2014: 24)

[...] Após uma noite em branco, por causa de um calor extremo, de manhã estou a seguir as pegadas dos romanos, estou a descobrir as ruínas dos banhos públicos e das muralhas de defesa. E depois não sei o que escolher. Nesta pequena cidade a quantidade dos monumentos pode ser constrangedora, uma vez que no centro histórico os há quatro mil.

Vale a pena acrescentar que o clima meteorológico também é um dos elementos mais observáveis nos relatos de viagens de Gorczyńska (igualmente aos relatos de Franciszek Ziejka). Não seria nada raro, tendo em conta o facto de a autora ter nascido num país cujo clima, por norma, regista temperaturas mais baixas do que as temperaturas em Portugal. Enfim, a cidade de Évora é descrita como uma cidade linda e com muitos monumentos para oferecer aos turistas, mas também como um sítio extremamente quente durante os meses de Verão.

Depois, segue-se o relato sobre a cidade de Coimbra. A autora opta por iniciar o relato com uma comparação entre Coimbra e Salamanca, uma vez que ela tinha visitado Salamanca antes de vir parar a Coimbra. Porém, é possível encontrarmos partes de relato onde se comparam certos atributos urbanísticos de Coimbra e Salamanca. Vejamos a citação que se segue em baixo:

O ile uczelnia w Salamance, mieście na równinie, znajduje się w samym jego sercu, w cieniu katedry wielkiej jak masowiec, to ta w Coimbrze jest ulokowana na wysokim wzgórzu, dominującym nad całą resztą zabudowań, i leży powyżej obu katedr – Starej i Nowej. (Gorczyńska 2014: 42)

Enquanto em Salamanca, uma cidade numa planície, a universidade está em pleno coração, na sombra da catedral tão grande como um graneleiro, a universidade de Coimbra é localizada num monte superior ao resto da construção urbana, e fica acima de ambas as catedrais – A Velha e A Nova¹⁵.

Nesta citação a jornalista expõe os três elementos que considera os mais importantes no que diz respeito a Coimbra: a universidade, o Mosteiro de Santa Clara-a-Nova e o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha. Todos os três edifícios formam parte do património arquitectónico e histórico da cidade, facto que a jornalista simplesmente não poderia ignorar por ser pessoa muito atenta na área da história e arquitectura. Como se pode ver nos parágrafos posteriores do relato, Renata Gorczyńska em várias ocasiões associa a imagem de Coimbra com a universidade e com a trágica morte de Inês de Castro que teve lugar no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha (Renata Gorczyńska 2014: 50-52), o que veremos na segunda categoria do presente capítulo. Aliás, não nos podemos esquecer do rio Mondego, cuja história está intimamente ligada à história de ambos os mosteiros, de acordo com as palavras da jornalista:

Wybudowanie konwentu w tym miejscu okazało się błędem. Nieprzewidywalna rzeka, najdłuższa w całej Portugalii, podtapiała cele klarysek, aż w końcu zalała wielki kompleks. Udało się jednak ocalić wykonany z litego srebra grobowiec Świętej Królowej Izabeli i przenieść go do położonego wyżej barokowego Santa Clara-a-Nova. (Gorczyńska 2014: 50)

A fundação do convento neste lugar foi um erro. O rio imprevisível, o mais longo de todo Portugal, submergia as celas das clarissas até afundar completamente o grande convento. Porém, conseguiu-se salvar o caixão de prata da Rainha Santa Isabel¹⁶ e transportá-lo para o convento barroco Santa Clara-a-Nova localizado mais acima.

Como se pode ver, a autora mistura vários estilos de relato, juntando o estilo descritivo com o histórico. Desta forma o leitor tem a possibilidade de visualizar não só o aspecto físico dos objectos e monumentos em questão, mas também de conhecer os acontecimentos relacionados com a sua história.

15 A Velha e A Nova são as abreviaturas dos nomes oficiais de ambas as catedrais: Mosteiro de Santa Clara-a-Velha e Mosteiro de Santa Clara-a-Nova respectivamente, usadas na tradução da citação.

16 Isabel de Aragão, esposa de Dinis I de Portugal.

Quanto ao rio Mondego e aos mosteiros mencionados na citação, vale a pena acrescentar que a jornalista, além de dar uma descrição física e histórica, conta brevemente vários factos ligados à trágica história de amor de D. Pedro I de Portugal e Inês de Castro. Este detalhe, devido ao seu carácter histórico, será analisado na segunda categoria do presente capítulo.

Depois, segue-se a visita ao Mosteiro de Santa Cruz e ao Café Santa Cruz ao lado do mosteiro. Curiosamente, o mosteiro é descrito de uma forma bastante desagradável, uma vez que a jornalista não gosta da abundância dos azulejos no interior da igreja. Vejamos a parte do relato em questão:

Przed ulewą chronię się w kościele Świętego Krzyża, który ze skromnej kaplicy zakonnej XII stulecia przemienił się w złotych wiekach Portugalii w świątynię będącą zbiorowym popisem architektów, rzeźbiarzy i kafelkarzy. Ci ostatni chyba zdusili malarstwo w Portugalii. Nie widziałam tam kościoła lub klasztoru, który by nie miał ścian pokrytych azulejos. [...] Jest to może unikatowy rys architektury portugalskiej, ale przybysz w końcu krzyczy w głębi duszy: dość tych przeskalowanych łazienek! (Gorczyńska 2014: 47)

Antes da chuva vou à igreja (ao mosteiro) de Santa Cruz que, de uma capela humilde do século XII, na idade de Ouro de Portugal chegou a ser um templo adornado por arquitectos, escultores e azulejadores. Estes últimos provavelmente terão exterminado a pintura em Portugal. Não vi lá nenhuma igreja ou mosteiro que não tivesse paredes adornadas com azulejos. [...] Talvez seja um componente único da arquitectura portuguesa, mas o viajante finalmente está a gritar no fundo da alma: chega de casas de banho agigantadas!

Após a leitura da citação, a maioria dos leitores provavelmente pensará que a jornalista considera o azulejo como uma decoração de casa de banho. Porém, esta conclusão não seria de todo correcta, pois não nos podemos esquecer de que Renata Gorczyńska é uma pessoa muito bem informada na área das artes, o que se pode ver ao longo das páginas do livro. Vejamos a última frase do texto citado, onde a autora, ao mesmo tempo, reconhece o carácter único da arte do azulejo e expressa a sua opinião privada, comparando ironicamente os espaços decorados com os azulejos às casas de banho grandes. Se tomarmos em conta a forma de descrever elementos de Portugal nos relatos de Ziejka analisados na secção anterior, podemos ver que Renata Gorczyńska, ao contrário de Franciszek Ziejka, é capaz de reconhecer o valor artístico de um estilo artístico, embora não goste muito do objecto em questão. Mesmo assim, a opinião da jornalista acerca da larga disseminação dos azulejos no território português parece bem surpreendente, tendo em conta o reconhecimento geral deste estilo artístico não só em Portugal, mas também no estrangeiro.

Depois de Évora e Coimbra, a jornalista continua a sua viagem ao Norte do país, mais precisamente à Região do Douro. São as paisagens verdes, tão contrastantes com as terras

queimadas pelo sol no Alentejo, que ficam na memória da autora. Aliás, ela própria chega a retratar o relevo com muita precisão, deixando-nos visualizar os campos de cultivo da vinha que cresce num relevo montanhoso na proximidade dos meandros do rio Douro.

Apesar de uma imagem idealista, a autora é incapaz de omitir a memória das casas e vivendas abandonadas, coisa omnipresente não só nas províncias da Região do Douro mas em todo o país em geral. Este detalhe, sendo, em parte, consequência das crises económicas que têm invadido Portugal nos últimos anos, tem muito impacto na imagem que os turistas e viajantes têm de Portugal, de acordo com as palavras da jornalista:

W Porto i pomniejszych miastach, miasteczkach i wsiach na każdym kroku widać domy, a raczej rudery na sprzedaż. Jak refren smętnego fado pojawia się kolejna tablica *vende se, vende se*. (Gorczyńska 2014: 61)

No Porto e nas cidades, localidades e aldeias mais pequenas em cada passo se vêem casas, ou mais precisamente ruínas para venda. Como um estribilho de um fado lúgubre surge outra placa *vende-se, vende-se*.

Seguidamente, chegamos ao Porto, geralmente conhecido como a capital do norte de Portugal. No relato dedicado à viagem ao Porto a autora fala da visita à famosa livraria Lello, localizada na Rua das Carmelitas 144 e da entrevista com Antero Braga, o director da livraria. Como já sabemos, Renata Gorczyńska foi a única dos três autores dos livros do *corpus* em mencionar a livraria portuense nos seus relatos. O ambiente da livraria, as prateleiras com milhares de livros e o estilo arquitectónico do lugar são os detalhes que a jornalista considera os mais importantes no que diz respeito à livraria em questão (Gorczyńska 2014: 65). A seguir, a entrevista com o director, descrita no texto, revela vários pontos de vista da autora sobre a cidade do Porto. Primeiro, a jornalista declara que prefere o Porto a Lisboa (Gorczyńska 2014: 68), ora pelo ambiente local, ora pela arquitectura da cidade. Depois, ao longo da entrevista, tanto Gorczyńska quanto Braga valorizam o esforço do arquitecto Antonio Fuentes Flores pela renovação do edifício da livraria. Vejamos o que Renata Gorczyńska escreve sobre o arquitecto:

Jak zauważył w swoim przesłaniu Flores, we wszystkich miastach istnieją budowle mające szczególną wartość, wpisujące się w ich historię, a na dodatek zostają ich symbolami. Tak właśnie stało się z Livraria Lello. (Gorczyńska 2014: 65)

Como Flores reparou na sua mensagem, em todas as cidades existem construções com grande valor, formando parte da história da cidade, e ainda por cima se tornam seus símbolos. Foi isso o que aconteceu com a Livraria Lello.

Com esta citação fica claro porque a autora decide incluir a visita à Livraria Lello aos seus relatos de viagens. Para ela, além das preferências pessoais, a livraria torna-se uma parte integral da imagem física da cidade do Porto, igual à Torre Eiffel em Paris ou à Ponte 25 de Abril em Lisboa.

A seguir, passamos à cidade de Aveiro que deixa a autora surpreendida por uma arquitectura muito pitoresca: fachadas de casas pintadas com tintas muito coloridas, canais fluviais e barcos presentes nestes canais. E muitos turistas a passearem pelas ruas da cidade (Gorczyńska 2014: 93). Porém, o breve relato de viagem a Aveiro é importante no que diz respeito à análise de uma cidade. Vejamos a seguinte citação procedente do início do relato da viagem a Aveiro:

Aveiro nosi przydomek portugalskiej Wenecji, ale przyznam, że nie lubię takich określeń, bo odbierają miastom ich cechy indywidualne. (Gorczyńska 2014: 93)

Aveiro tem a fama da Veneza portuguesa, mas admito que não gosto destas designações, porque arrancam os atributos individuais das cidades.

Efectivamente, na opinião de muitas pessoas, a cidade de Aveiro seria a versão portuguesa da Veneza italiana. É um facto que a autora notifica, mas, curiosamente, opta por criticar esta forma de denominar as cidades logo no início do relato. De facto, qualquer comparação da categoria «Veneza portuguesa» (Aveiro) ou «Paris do leste» (Budapeste/ São Petersburgo) pode determinar a imagem de uma cidade que se pretende descrever, especialmente se for usada no início de um texto ou uma apresentação. A propósito, não nos podemos esquecer da existência das designações cujos elementos derivam da história ou tradição popular da cidade em questão: veja-se os exemplos como «Cidade Berço» (Guimarães), «Cidade Invicta» (Porto) ou «Cidade dos Estudantes» (Coimbra) e que também podem influenciar o retrato de uma localidade antes de o leitor ter a possibilidade de a visitar. Porém, a jornalista não julgou nada errado usar a denominação «Cidade dos Estudantes» em relação a Coimbra, como pudemos ver nos parágrafos ligados à imagem física de Coimbra. Será uma incoerência por parte da autora?

Quanto à capital de Portugal, os relatos de Gorczyńska são bastante modestos no que diz respeito à imagem de Lisboa, quer no número total de páginas dedicadas a Lisboa, quer na atenção geral dada à cidade. A autora dedica dois relatos a Lisboa: um sobre Lisboa como lugar de trânsito na altura da II Guerra Mundial¹⁷, e outro sobre a Lisboa de Fernando Pessoa¹⁸. Por critérios de análise elaborados na parte do enquadramento metodológico-teórico, o texto sobre a Lisboa dos anos 1939-1945 será analisado nas secções posteriores, tal como os textos de Klementowska e Ciechanowski

17 «Tranzytem w Lizbonie»[De passagem por Lisboa], Gorczyńska 2014: 26-40)

18 «W domu u Pessoa»[Em casa de Pessoa], Gorczyńska 2014: 70-77)

ligados ao assunto do acolhimento dos cidadãos polacos por autoridades portuguesas durante a II Guerra Mundial.

Desta forma, passamos ao relato onde a autora retrata Lisboa através da figura de Fernando Pessoa, quer por indicar lugares ligados à vida do poeta, quer por mencionar diversos factos da vida dele. O relato começa por uma descrição detalhada da estátua de Fernando Pessoa, localizada ao lado da cafetaria A Brasileira, bem conhecida tanto por habitantes de Lisboa quanto por turistas ansiosos por visitar os lugares indicados nos guias e folhetos turísticos. De seguida, há um desvio do assunto principal, uma vez que a autora dedica umas páginas à vida e obra de Fernando Pessoa. Terminada a divagação, inicia-se a parte onde é descrita Casa Fernando Pessoa, o museu dedicado à preservação e divulgação da obra do artista. Ao longo de duas páginas dedicadas ao edifício, no qual o poeta viveu os últimos quinze anos da sua vida¹⁹, o leitor tem a oportunidade de conhecer a oferta turística, cultural e didáctica do museu: os móveis e objectos privados do poeta, os textos literários escritos por ele, uma biblioteca moderna com numerosas publicações dedicadas ao mundo da literatura e poesia, etc. Também se descrevem os valores arquitectónicos do interior: as paredes pintadas de branco, com citações e imagens das obras e diários privados de Pessoa (Gorczyńska 2014: 75).

Porém, apesar de o texto ser sobre a viagem realizada por volta do ano 2012, Renata Gorczyńska decide acrescentar certos detalhes acerca da primeira vez que esteve em Lisboa em 1996, a fim de fazer uma comparação entre a Lisboa actual e a Lisboa de então. A comparação em questão é muito contrastante, dado que a Lisboa visitada duas décadas atrás é retratada como um lugar mágico, vital e alegre, enquanto a Lisboa do ano 2012 resulta ser muito mais lúgubre, abandonada e pobre, de acordo com a citação a seguir:

Po raz pierwszy odwiedziłam Portugalię w 1996 roku, uczestnicząc w dorocznym zjeździe Europejskiej Unii Nadawców Radiofonii Publicznej. Radio Portugalskie podejmowało nas w stolicy z przepychem, pożegnalną ucztą na zamku świętego Jerzego oraz towarzyszącą jej koncertem fado. Miasto na zachodnich kresach Europy urzekło położeniem na siedmiu wzgórzach, szeroko rozlanym Tagiem, niegdysiejszą elegancją i przyjaznym, wieloetnicznym tłumem. [...]
Tym razem uderzyła mnie inna jego cecha, którą w myślach nazywałam zapuszczeniem. Bo dzisiejsza Lizbona jest zaniedbana i niezbyt schludna, z mnóstwem zabitych deskami ruder noszących ślad przebrzmiałego piękna. Władze miejskie wprawdzie prowadzą rewitalizację niektórych fragmentów śródmieścia i bulwaru wzdłuż rozlewiska Tagu, ale wskutek kryzysu finansowego prace przebiegają powoli. (Gorczyńska 2014: 72-73)

¹⁹ Consultado com a página web do museu, na secção «A Casa: História», disponível através do seguinte endereço: <https://casafernandopessoa.pt/pt/cfp/casa/historia> (página visualizada a 18.04.18)

Por primeira vez visitei Portugal em 1996, participando na reunião anual da União Europeia de Radiodifusão. A Rádio Portuguesa acolheu-nos na capital com gala, num jantar de despedida no Castelo de São Jorge, acompanhado por um concerto de fado. A cidade às beiras ocidentais da Europa encantava com a localização nas sete colinas, o Tejo plenamente derramado, a elegância dantes e uma multidão amigável e multiétnica. [...] Desta vez combateu-me outro rasgo [da cidade], a que na minha mente eu chamava o abandono. Pois a Lisboa de hoje é negligenciada e nem muito arrumada, com muitos vestígios fechados com pranchas que conservam rastros da beleza excessiva. As autoridades municipais administram o processo de renovação de algumas partes do centro e do passeio à beira do Tejo, mas, devido à crise financeira, as obras vão avançando devagar.

Como podemos ver, é impossível ler o texto acima sem ter reparado no contraste entre ambas as visitas a Lisboa. Há que ter em conta que a primeira visita teve lugar num período de poucos dias e em grupo, o que impossibilitou a autora de aprofundar a imagem da capital. Só nos anos posteriores, sozinha, Gorczyńska teve a oportunidade de descobrir a outra face, mais negra, da cidade.

Enfim, além das localidades tipicamente turísticas e geralmente conhecidas do ponto de vista turístico (como Aveiro, Coimbra, Évora, Lisboa e Porto), a autora confessa que durante as viagens por Portugal andou sempre à procura das cidades medievais, quer por razões arquitectónicas, quer históricas (Gorczyńska 2014: 96). Efectivamente, os relatos sobre Trancoso e Tomar foram escritos a fim de fazer um esboço sobre as vilas medievais no território português.

A visita a Trancoso, que teve lugar em Outubro de 2008 (Gorczyńska 2014: 97), é abundante em muitos detalhes, incluindo muitas divagações não ligadas directamente ao assunto principal (a imagem de Trancoso) e que pode dificultar a leitura do texto. Basta recordar que as duas primeiras páginas do relato são dedicadas aos assuntos privados da autora (principalmente sobre a sua juventude). Logo que a jornalista entra na área municipal, fica surpreendida pela arquitectura medieval bem conservada da cidade, facto que confirma a citação a seguir:

Jechałam tam przez góry i lasy, aż dotarłam do rozległego placu i stanęłam jak wryta. Przede mną wyrosło miasteczko otoczone wysokimi, doskonale zakonserwowanymi murami z ociosanych kamieni, z bramą miejską obramowaną portalem. Od razu zapragnęłam tam zostać. (Gorczyńska 2014: 97)

Ia aí pelas montanhas e florestas até que cheguei a uma vasta praça e fiquei estupefacta. À minha frente surgiu uma vila rodeada por muros altos e bem conservados, de pedras moldadas, com uma porta da cidade emoldurada com um portal. Logo quis ficar ali.

Como se pode ver, a emoção por ter visto as muralhas medievais é tão grande que a autora logo decide parar um tempo na vila para a explorar melhor. Depois, seguem-se descrições das praças e dos edifícios visitados por Gorczyńska: o Castelo de Trancoso (erigido pelos mouros), as lojas coloniais ao longo da rua principal da cidade ou o pelourinho. Curiosamente, este último é descrito como um sinal para indicar o caminho para Santiago de Compostela (Gorczyńska 2014: 99-100), enquanto a tradição popular diz que, por norma, os pelourinhos eram colunas em praças públicas destinadas a castigar pessoas criminosas²⁰.

Além disso, a autora descreve também a desilusão causada por casas e edifícios em estado de abandono, localizados no coração da vila. Desta forma, Trancoso junta-se à longa lista das localidades visitadas pela jornalista que têm muitas casas e prédios com placas *vende-se*, causada por uma emigração massiva (Gorczyńska 2014: 99). Abandonadas são também muitas casas do bairro (gueto) judaico que Gorczyńska quer explorar. A curiosidade por conhecer vários monumentos ligados à história dos marranos (judeus portugueses) acompanha a jornalista ao longo das viagens feitas por Portugal.

Depois de Trancoso, chegamos a outra localidade medieval, a cidade de Tomar, visitada por Gorczyńska duas vezes, em 2003 e 2012 (Gorczyńska 2014: 130, 133). A autora começa o relato pela visita ao Convento de Cristo. Impressionada pelas pinturas a fresco e outros adornos do interior, a jornalista comenta o seu espanto com as seguintes palavras:

[...] poczułam się jak na planie hollywoodzkiego filmu, którego akcja toczy się w średniowiecznej Jerozolimie. [...] Patrząc na ciemne w tonacji polichromie, można było ulec złudzeniu, że zostało się przeniesionym w czasie do pałacu darowanego w 1120 roku [...] (Gorczyńska 2014: 130)

[...] era como se estivesse na filmagem de um filme de Hollywood, cuja acção decorre na Jerusalém medieval. [...] Quando olhava para os policromos de tinta escura, tinha a sensação de ter sido transferida no tempo ao ano 1120 quando o palácio foi oferecido [...]

O ambiente das sombras e do passado, retratado na citação, serve de introdução para contar a história da Ordem de Cristo que fez uso do edifício nos séculos anteriores. Conforme os dados recolhidos pela autora, o convento é «a atracção artística número um de Portugal» (originalmente «architektoniczna atrakcja numer jeden Portugalii» – Gorczyńska 2014: 134). Efectivamente, a jornalista comenta que a visita às numerosas salas e câmaras do convento pode servir como uma aula de estilos arquitectónicos, quer dos estilos preferidos pelos fundadores do convento, quer dos estilos e correntes de moda da Europa Medieval em geral (Gorczyńska 2014: 137).

20 Maria Cândida Proença, *Uma história concisa de Portugal*, Circulo de Leitores, Lisboa, 2015, p. 186

Apesar do reconhecimento por parte da comunidade internacional, a vila de Tomar também é descrita como uma localidade conquistada por placas *vende-se* (Gorczyńska 2014: 135), colocadas nas paredes e portas de várias vivendas abandonadas.

Enfim, resta-nos constatar que ao longo das páginas dos relatos não aparece nenhuma ilustração, nenhuma fotografia, nem sequer um esboço dos lugares e monumentos descritos por Gorczyńska. A única imagem ligada a Portugal é a fotografia a preto e branco de um azulejo na capa do livro. O destaque desta arte na capa pode ser considerado uma ironia se tomarmos em conta a crítica do azulejo que a jornalista faz num dos relatos analisados previamente.

c) Iza Klementowska, *Samotność Portugalczyka* [*A solidão do português*]

A autora do terceiro livro analisado na presente dissertação, Iza Klementowska, é jornalista e tem participado em vários projectos do Ministério da Cultura e Herança Cultural (em polaco Ministerstwo Kultury i Dziedzictwa Narodowego). O livro em questão, *Samotność Portugalczyka* [*A solidão do português*], publicado em 2014, é um conjunto de ensaios inspirados nas viagens por Portugal realizadas por volta dos anos 2010-2014. Os temas principais dos ensaios abordam o panorama sócio-político de Portugal desde a ditadura de António de Oliveira Salazar até às consequências da crise económica dos anos 2007-2008. Quanto ao território abrangido, predomina Portugal Continental, mas também há partes de texto dedicados a Angola, Moçambique e o Brasil, que formaram parte do Império Português nos séculos passados. Os arquipélagos dos Açores e da Madeira não são incluídos.

No que diz respeito à descrição dos monumentos e objectos físicos, na maioria dos casos os parágrafos ligados à imagem física de Portugal são escassos, sendo principalmente uma introdução a uma longa divagação sobre um assunto social, cultural ou histórico. Ou seja, ao introduzir o nome de um lugar ou um monumento, a jornalista opta por descrever valores históricos e culturais dos mesmos, em vez de fornecer detalhes que facilitem imaginar o aspecto físico do objecto em questão. Em consequência, a selecção dos relatos para análise tornou-se ainda mais complicada, comparando com as obras de Franciszek Ziejka e Renata Gorczyńska. Por isso, o autor da presente dissertação decidiu escolher apenas os relatos e parágrafos destinados exclusivamente à descrição da imagem física de Portugal, isto é, partes do livro com frases e expressões que permitissem dar uma imagem evidente dos objectos em questão.

Iza Klementowska começa o seu livro por um ciclo de ensaios ligados à cidade de Lisboa. Ao contrário dos livros de Franciszek Ziejka e Renata Gorczyńska, Klementowska opta por descobrir

sítios menos conhecidos do público em geral, ou seja, não só dos turistas, mas também dos habitantes nativos da capital e, passado um tempo, descrevê-los nas páginas do livro em questão, como ela própria justifica na parte introdutória:

Szukałam miejsc, do których – tak mi się wydawało – zagraniczni turyści nigdy nie zaglądają. [...] W punkcie informacji turystycznej pytałam, gdzie najlepiej jest nie chodzić i które miejsca omijać, i na tej podstawie stworzyłam sobie własną mapę. (Klementowska 2014: 6)

Procurava sítios aos quais – assim pensava eu – os turistas estrangeiros nunca vão. No posto de turismo perguntava para onde era melhor não ir e quais eram os lugares que se deviam omitir e, com base nisto, criei o meu próprio mapa.

Após a leitura dos livros de Franciszek Ziejka e Renata Gorczyńska, que se concentram mais em monumentos e lugares geralmente conhecidos dos turistas, a publicação de Iza Klementowska revela-se como uma obra mais inovadora, por dar ao público polaco uma oportunidade de conhecer aspectos menos conhecidos de Lisboa (e de todo o país em geral). De acordo com os critérios do enquadramento teórico-metodológico, optou-se por analisar dois lugares de dois relatos diferentes e que não foram mencionados nem por Ziejka, nem por Gorczyńska.

Em primeiro lugar, poucos livros editados em língua polaca podem vir a fornecer-nos uma descrição bem detalhada do Cemitério dos Prazeres, um dos lugares de Lisboa que os turistas, por norma, não incluem nas caminhadas pela cidade. Porém, Iza Klementowska está interessada em saber quais são as diferenças entre a Polónia e Portugal no que diz respeito à arquitectura dos cemitérios. Efectivamente, a primeira diferença é revelada logo no início do relato:

Bardziej zamożni mają małe grobowce-domki, w których stoją ławeczki do odpoczynku przy bliskich. Mniej bogaci pochowani są szeregowo w kamiennej ścianie, jeden przy drugim w osobnych boksach, a drzwiczki z szybą są rozmiaru telewizora lub schowka na bagaż. Wszystkie są takie same. (Klementowska 2014: 84)

Os mais ricos têm pequenos sepulcros-casinhas nos quais há pequenos bancos para descansar ao lado dos familiares. Os menos ricos são sepultados de uma forma linear numa parede de pedra, um ao lado do outro, em caixas separadas, e as portas vidradas são de tamanho de um televisor ou um cacifo para depositar a bagagem. Todas são iguais.

Para uma pessoa nascida e criada na Polónia, onde as pessoas falecidas costumam ser sepultadas em sepulcros individuais no solo, as paredes com sepulturas nos cemitérios podem causar, no mínimo, um espanto. Não seria nada de estranhar então que a visita ao Cemitério dos Prazeres tenha

levado a jornalista a descrever a arquitectura deste sítio, tão diferente dos cemitérios polacos. Além disso, a classificação dos sepulcros conforme a posição social (rico *versus* pobre) sugere que as classes mais altas têm recursos para criar túmulos e mausoléus individualizados, enquanto o resto do povo tem de se conformar com lugares massivos e idênticos, sem rasgos de individualização. Será que Klementowska quer dizer que Portugal é um país de desigualdades?

Em seguida, encontramos uma breve nota sobre a estátua de Sebastião José de Carvalho e Melo, popularmente conhecido como o Marquês de Pombal, localizada no início da Avenida da Liberdade, ao pé do Parque Eduardo VII em Lisboa. A figura do marquês é mencionada para explicar a estrutura da parte da cidade reconstruída após o terremoto de 1755, hoje reconhecida geralmente como «Lisboa Pombalina» ou «Baixa Pombalina»:

Patrząc na jego projekt nowego rozkładu ulic po kataklizmie, zadano mu pytanie, dlaczego chce, żeby ulice były aż tak szerokie. Odpowiedział:
- Pewnego dnia okażą się zbyt wąskie.
Miał rację – niektóre uliczki portugalskiej stolicy są tak ciasne, że nie sposób byłoby przejechać tamtędy nawet polskim małym fiatem.
(Klementowska 2014: 52)

Olhando para o seu projecto da nova divisão de ruas após o cataclismo, foi-lhe feita uma pergunta: porque é que quer que as ruas sejam tão amplas.
Respondeu:
- Um dia desses hão-de ser demasiado estreitas.
Teve razão – algumas ruas da capital portuguesa são tão estreitas que nem se podia passar por elas num pequeno Fiat polaco²¹.

Como se pode ver, as ruas amplas e o estilo monumental fazem com que Iza Klementowska repare na diferença entre a Baixa Lisboa e outras partes do centro histórico da cidade, mais visitadas pelos turistas (p. ex. Alfama, Graça, Bairro Alto). Além disso, o autor da presente dissertação julgou muito interessante o facto de a jornalista ter mencionado «Fiat polaco», um modelo de carro muito conhecido do público polaco. Com muita probabilidade, a intenção de Klementowska é dar aos leitores polacos a possibilidade de visualizar as dimensões de algumas ruas da capital.

Quanto a Lisboa, não nos podemos esquecer das grandes massas de turistas que são um elemento mais que a jornalista decide analisar. Apesar de os turistas não serem uma coisa de carácter fixo, estão sempre presentes nas ruas da capital. Ao ver tantas pessoas de origem estrangeira a percorrer as partes históricas da cidade, Klementowska tenta avaliar qual pode ser o impacto da presença turística na imagem de Lisboa:

21 Polski Fiat 126p (Fiat Polaco 126p) – uma marca de carro produzida na República Popular da Polónia desde o início da década de 1970 até ao fim dos anos 1990.

Pedro Magalhães z zespołu Madredeus powiedział mi któregoś dnia, że cieszy się z turystów. Im więcej ich będzie, tym bogatszy będzie jego kraj. Miał rację. Ale choć turyści są częścią składową każdego popularnego miasta, to nie da się ukryć, że mącą nieco jego prawdziwy wizerunek. Lizbonie nadają dynamiczności i nerwowości. (Klementowska 2014: 194)

Pedro Magalhães do grupo Madredeus disse-me um dia que estava contente pelos turistas. Quanto mais turistas havia, mais rico seria o país dele. Tinha razão. Porém, apesar de os turistas serem uma parte integral de qualquer cidade de moda, é impossível não reparar na deformação que causam com a imagem verdadeira da cidade em questão. A Lisboa atribuem-lhe dinamismo e nervosidade.

Efectivamente, a autora do livro chega à conclusão de que, por muito presentes que sejam os turistas nas ruas de Lisboa, nunca serão considerados um elemento integral de Lisboa. Ao contrário, eles mudam a imagem da capital, não permitem viver o ambiente que vivem os nativos.

Depois da capital, Iza Klementowska decide visitar a cidade de Almada e a estátua de Cristo Rei (oficialmente Santuário Nacional de Cristo Rei), coisas que ela viu várias vezes a partir de Lisboa. Porém, a jornalista não se interessa muito pelos atributos físicos da estátua, mas sim pelo ambiente e significado que os turistas dão ao monumento. Também quer descobrir Almada em geral, um lugar normalmente omitido por guias e roteiros turísticos. Vejamos como a cidade é apresentada no início do relato da visita a Almada:

Almada to małe miasteczko, przeciwieństwo gwarnej i tłocznej Lizbony. Turyści jeżdżą pod pomnik Cristo Rei autobusami, a potem szybko wracają do portugalskiej stolicy, jakby Almada nie była godna zwiedzania. (Klementowska 2014: 155)

Almada é uma cidade pequena, em oposição à populosa e ruidosa Lisboa. Os turistas vão de autocarro até à estátua de Cristo Rei e logo voltam à capital portuguesa, como se Almada não fosse digna de ser visitada.

De facto, a visita a Almada cumpre o propósito principal da jornalista: visitar e descrever lugares e monumentos de Portugal que não são tão apreciados pelo público geral. Aliás, é importante ter em conta a falta de turistas em Almada, o que contrasta com as ruas lisboetas que abundam em pessoas oriundas de todo o mundo. Este contraste entre Almada e Lisboa permite a Klementowska ver a realidade da capital doutro ponto de vista, mais crítico, motivando-a a escrever uma nota de carácter negativo acerca do turismo massivo que pudemos ler no parágrafo anterior.

De Almada passamos a Fátima, uma vez que a autora dedica um relato inteiro a esta cidade, conhecida geralmente pelas aparições que terão tido lugar nessa localidade há 100 anos. A memória histórica acerca desses acontecimentos milagrosos leva a jornalista a fazer investigações, quer sobre os edifícios de valor histórico e religioso, quer sobre o fenómeno turístico de Fátima, ligado estritamente aos acontecimentos de 1917. Ao longo do relato Iza Klementowska mantém um tom céptico no que diz respeito aos milagres, centrando-se mais nos valores arquitectónicos da cidade e nas pessoas que visitam o lugar em busca da presença divina.

No início do relato, a jornalista explica a origem do topónimo «Fátima», acrescentando mais detalhes acerca da Basílica de Fátima:

Fatima to również imię żeńskie, które w języku arabskim oznacza „odejmować dziecko od piersi” oraz „powstrzymując się” lub „powściągliwa”. Nosiła je jedna z córek Mahometa. Bazylika Matki Bożej Różańcowej w Fatimie ma siedemdziesiąt i pół metra długości i trzydzieści siedem metrów szerokości. Wyrasta z niej wieża o wysokości sześćdziesięciu pięciu metrów. Sanktuarium obejmuje jeszcze kilka innych budynków oraz ogromny plac – wszystkie poświęcone objawieniom, o których mówi się, że wydarzyły się w tym właśnie miejscu (Klementowska 2014: 185)

Fátima é também um nome feminino que em árabe significa «afastar o bebé do peito» e «abster-se» ou «prudente». Era o nome de uma das filhas de Maomé.

A Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima tem setenta e meio metros de comprimento e trinta e sete metros de largura. Da basílica ergue-se uma torre de sessenta e cinco metros de altura. O santuário abrange ainda uns edifícios mais, incluindo uma praça enorme – todos dedicados às aparições que, como dizem as pessoas, aconteceram mesmo nesse lugar.

Devido ao facto de a Polónia ser um país tradicionalmente católico, não é de estranhar que a jornalista preste tanta atenção aos edifícios do culto religioso em Fátima. Poder-se-ia dizer que, tendo em conta o destinatário da publicação (o leitor polaco), o relato de viagem a Fátima foi escrito de propósito para o público polaco, sempre interessado em conhecer lugares de culto religioso localizados fora da Polónia (p. ex. Roma, Lourdes, Santiago de Compostela, entre outros). Vale a pena acrescentar que Renata Gorczyńska também acrescentou uns comentários acerca de Fátima no seu livro *Szkice Portugalskie*, embora fosse apenas um parágrafo.

Em todo caso, ao longo do relato a jornalista descreve a cidade como um projecto construído e desenvolvido a fim de receber as grandes massas de turistas (ou, neste caso, peregrinos), que têm vindo em grandes quantidades desde que a Igreja Católica reconheceu oficialmente as aparições como um milagre em 1930 (Klementowska 2014: 187).

Além de relato de viagem a Fátima, Iza Klementowska opta por dedicar outra nota para descrever a região do Alentejo, tanto no contexto geográfico-visual como no aspecto histórico. O Alentejo é retratado como uma terra dominada pelos ciclos da natureza, onde a intervenção humana é muito pouca, no que diz respeito ao desenvolvimento urbanístico. É através da história de uma família fictícia dos Soares que a autora retrata a paisagem que ela considera tipicamente alentejana: pequenas aldeias distanciadas entre si, o que contrasta com grandes áreas agrícolas onde se cultivam oliveiras. A fim de sublinhar a importância destas árvores, Klementowska cria a personagem de João Soares, a figura principal do relato de carácter fictício, cujas memórias aparecem em baixo:

Drzewka oliwne, które w zachodzącym słońcu przypominały mu afrykański busz, podziwiał za to, że bez względu na wszystko – mszyce, robaki, ulewne deszcze i huraganowe wiatry ciągnące resztką sił od oceanu – trwały w swojej prostocie i nie traciły liści. Czuł dumę, że jego ziemia rodzi tak silne i odporne owoce. Były dla niego synonimem rodziny, która od wieków żyła nienaruszona na własnym kawałku Portugalii. (Klementowska 2014: 108)

Admirava as oliveiras que, em toda a sua simplicidade e à luz do pôr-do-sol faziam-lhe recordar a mata africana e não perdiam as folhas, apesar dos pulgões, vermes, chuvas intensas e ventos que vinham do oceano. Sentia orgulho por ver a sua terra a dar frutos tão fortes e imunes. Para ele eram um sinónimo da família que havia séculos vivia intacta no próprio pedaço de Portugal.

Como podemos ver, a jornalista não se limita a descrever a terra alentejana como um vasto terreno de campos de oliveiras, mas trata a própria oliveira como um símbolo do Alentejo. O facto de atribuir um valor simbólico às oliveiras é um detalhe de alta relevância, devido à influência que a obra de Iza Klementowska pode vir a ter na criação da imagem de Portugal por parte do público polaco. Ou seja, será que após a leitura do relato em questão, os leitores polacos pensarão sempre nas oliveiras e azeitonas quando pensarem no Alentejo, em particular os que nunca lá estiveram?

O último detalhe visual ligado a Portugal que chama muito a atenção de Klementowska é a omnipresença de figuras com retrato de um galo, mais conhecido pela lenda do Galo de Barcelos. Vejamos como a jornalista resume a importância do animal para a imagem de Portugal:

Wizerunek koguta z Barcelos można znaleźć wszędzie. Na lotnisku, w sklepach, na bazarach, na koszulkach, sukienkach, fartuchach. Na *azulejos*, na przystankach autobusowych, w metrze. Na kubkach, talerzach, miskach, opakowaniach z chipsami i z makaronem. Nawet korki do zatykania butelek i otwieracze mają jego kształt. Żywych brak. (Klementowska 2014: 183)

O retrato do galo de Barcelos pode ser encontrado por todos lados. No aeroporto, nas lojas, nos bazares, nas camisolas, nos vestidos, nos aventais. Nos azulejos, nas paragens de autocarro, no metro. Nas canecas, nos pratos, nas tigelas, nas embalagens de batatas fritas e de massa. Até as rolhas de garrafas e os furadores de rolhas têm a forma dele. Faltam os exemplares vivos.

Curiosamente, Iza Klementowska é a única autora das obras do *corpus* em mencionar uma figura cujo objectivo é simbolizar Portugal. Este detalhe merece um destaque, uma vez que nos últimos anos tem havido uma tendência para encontrar símbolos destinados a representar lugares particulares (p.ex. Espanha – o touro, Austrália – o canguru, China – o panda, etc.). Obviamente, esses símbolos são reproduzidos em ampla gama de objectos decorativos (ou, simplesmente, *souvenirs*), vendidos nas lojas turísticas. Finalmente, os turistas acabam por associar esse símbolo com o lugar recém-visitado.

Enfim, note-se que a obra de Iza Klementowska não contém fotografias nem imagens ilustrativas ao longo das páginas, tal como a publicação de Renata Gorczyńska. Uma única fotografia aparece na capa do livro, mostrando um homem idoso sentado à porta de entrada de um edifício, numa rua de uma cidade portuguesa não identificada (provavelmente Lisboa).

d) Jan Ciechanowski, *Portugalia, dziękujemy!* [*Portugal, obrigado!*]

O quarto e o último livro do *corpus* é da autoria de Jan Stanisław Ciechanowski que na altura da publicação da obra exercia a função de chefe do Gabinete dos Assuntos dos Combatentes e Vítimas de Repressão da República da Polónia (em polaco: Urząd do Spraw Kombatantów i Osób Represjonowanych Rzeczypospolitej Polskiej). A seguir, Ciechanowski ao longo dos anos tem-se dedicado a dar aulas na Universidade de Varsóvia e a fazer várias investigações históricas, nomeadamente no campo da história da Península Ibérica²². Além disso, não nos podemos esquecer da actividade política de Ciechanowski que teve muita influência no carácter final da obra. É de destacar que grande parte do texto foi baseada no conteúdo da exposição «Os Polacos em Portugal nos anos de 1940-1945» no Espaço Memória dos Exílios, inaugurada por ele próprio no Estoril a 29 de Setembro de 2011, com apoio oficial da administração portuguesa (Ciechanowski 2015: 17-20). A política aparece também nas primeiras páginas do *Portugal, obrigado!* onde se incluem notas

22 http://nauka-polska.pl/#/profile/scientist?id=133972&_k=vhz58j – perfil de Jan Stanisław Ciechanowski na Polish Science, a página oficial da Instituição Nacional de Procedimento da Informação (em polaco: Państwowy Instytut Badawczy) com objectivo de reunir dados ligados à actividade docente dos cientistas e investigadores polacos (página visualizada a 19.12.18)

editadas pelos embaixadores e altos funcionários públicos de ambos os países, o que é uma prova sólida do reconhecimento oficial que o livro recebeu por parte das autoridades polacas e portuguesas.

Além do valor político, a publicação possui também grande valor histórico e académico, devido à presença de numerosas fotografias seleccionadas e acompanhadas por diversas notas explicativas, a fim de relatar a vida quotidiana dos refugiados polacos da melhor forma possível. A história dessas pessoas é contada através de diversos documentos: notas oficiais emitidas por embaixadores e altos funcionários da Polónia e de Portugal, fotografias acompanhadas por comentários explicativos, mapas e diagramas, entre outros.

Porém, não nos podemos esquecer do outro dos objectivos fundamentais da publicação de Ciechanowski, expresso por ele próprio nas primeiras páginas do livro. Só pelo título do volume *Portugal, obrigado!* podemos deduzir que a obra é destinada a ser uma forma de agradecimento à cordialidade do povo português por ter acolhido tantos cidadãos polacos o que, em consequência, permitiu salvar a vida deles. O facto de publicar a obra em três línguas (polaco, português e inglês) também tem muito a ver com o carácter oficial da mesma, uma vez que a intenção principal de Ciechanowski foi que a obra pudesse ser lida pelo público internacional.

Além disso, a quantidade das fotografias torna o livro Ciechanowski bem diferente das publicações de Ziejka, Gorczyńska e Klementowska, uma vez que as outras três obras-chave são escassas em registos fotográficos no que diz respeito a Portugal. O domínio das imagens sobre o texto permite-nos ver de forma exacta não só o Portugal analisado nas páginas do livro em questão mas também os sítios e edifícios ligados à presença dos refugiados polacos em Portugal entre os anos 1939-1945.

Neste lugar, vale a pena sublinhar outra diferença entre a publicação de Ciechanowski e os livros de Ziejka, Gorczyńska e Klementowska no que diz respeito à forma de transmitir a imagem de Portugal. No caso dos três últimos autores, a transmissão textual da imagem de Portugal implica, de forma mais ou menos directa, também a transmissão da opinião e dos preconceitos que eles três representam. Em consequência, o leitor fica inevitavelmente influenciado por aquilo que Ziejka, Gorczyńska e Klementowska escrevem sobre Portugal. Como já se disse no enquadramento teórico-metodológico, a descrição de um país nunca é objectiva por incluir as opiniões da pessoa que a publicou.

Por outro lado, poder-se-ia dizer que a fotografia deixa mais liberdade de opinião à pessoa que a vê. Note-se que as fotografias do livro de Ciechanowski carecem de texto, limitando-se a dar detalhes pura e simplesmente técnicos (maioritariamente a data e o lugar). Através da fotografia, o leitor haveria de ter mais liberdade em formar a sua própria opinião acerca do aspecto físico de Portugal.

Depois, as fotografias permitem-nos ver também as pessoas, mais ou menos conhecidas publicamente, que passaram por Portugal na altura da II Guerra Mundial. A necessidade de juntar todos os registos possíveis da estada dos polacos em Portugal torna-se ainda mais relevante se tomarmos em conta o carácter temporário desta sua passagem por Portugal. Note-se que eram tempos de guerra e poucas pessoas pensavam em deixar lembranças para gerações posteriores, celebrando cada dia de sobrevivência e ficando com muita incerteza pelo futuro. Efectivamente, após o fim da guerra em 1945 grande parte dessas pessoas que chegou a Portugal nos primeiros meses da guerra nunca mais voltou a passar pelo território português, facto que se confirma na citação em baixo:

[...] Os refugiados chegaram discretamente, durante a sua estada souberam organizar-se e comunicar, partiram também discretamente – sem grandes saudações nem despedidas. Portugal, qual avó paciente, deu-lhes abrigo, não fez muitas perguntas, deixou-os pura e simplesmente ficar.
(Ciechanowski 2015: 11)

Esta citação, apesar de ser breve e simples, já transmite a imagem de Portugal como um país acolhedor e hospitaleiro. A comparação com a figura de uma avó paciente tem por objectivo fortalecer a imagem positiva de Portugal logo nas primeiras páginas da publicação.

A seguir, a análise da imagem física de Portugal do livro de Ciechanowski começará pelo conteúdo gráfico, o que inclui imagens, fotografias e outros elementos de carácter gráfico, e acabará com as notas e comentários escritos.

Como já se disse nos parágrafos anteriores, a maior parte das páginas de *Portugal, obrigado!* é dedicada a diversas imagens relativas à época em questão. Trata-se de fotografias maioritariamente em preto e branco e que foram tiradas na primeira década dos anos 40, quando os refugiados já povoavam a capital e outras zonas do país. Cada fotografia tem um breve comentário para orientar o leitor acerca da época, do lugar e do contexto histórico nos quais a fotografia foi realizada. Sempre que possível, aparece também o nome do fotógrafo ou, pelo menos, a pessoa responsável pela colecção de imagens.

A capital portuguesa, por ser o palco principal dos acontecimentos políticos e o porto de chegada principal da maioria dos imigrantes, aparece no maior número das fotografias presentes na publicação de Ciechanowski. No primeiro conjunto de fotografias incluem-se lugares e monumentos da capital que sempre foram geralmente conhecidos, quer na altura dos acontecimentos em questão, quer hoje em dia: Praça do Comércio (p. 31), Praça dos Restauradores (p. 31), Praça de D. Pedro IV, mais conhecida por Rossio (p. 32-33), a Sé (p. 36) ou o Mosteiro dos

Jerónimos em Belém (p. 40). Este grupo de fotografias abrange também vistas panorâmicas de Lisboa, ou, sendo mais preciso, vistas aéreas (p. 30 e 34).

No entanto, esta categoria de lugares, que poderíamos caracterizar como "tipicamente turísticos" por aparecer em vários guias turísticos, é dominada por outro tipo de fotografias onde se mostram sítios e edifícios muito menos conhecidos do público geral, mas que foram muito relevantes no que diz respeito à organização da vida sócio-política da comunidade dos refugiados polacos em Portugal durante a primeira metade dos anos 1940. São, por exemplo, o edifício da Legação da Polónia na Rua das Amoreiras (p. 203), ou a primeira sede do Comité de Auxílio aos Refugiados Polacos em Portugal na Rua Silva Carvalho (p. 207).

A seguir, incluem-se fotografias de outras localidades portuguesas onde as autoridades decidiram acomodar muitos dos refugiados vindos da Polónia. De acordo com o mapa da página 267 da publicação em análise, houve três zonas onde a presença dos imigrantes polacos se manifestou bem evidente²³: Ericeira, Caldas da Rainha e Figueira da Foz. Estas localidades, tradicionalmente de carácter balneário, apresentam-se nas fotografias como lugares cheios de sol, praias e palmeiras. Em consequência, as imagens captaram os polacos a praticarem actividades típicas de Verão: apanhar sol, dar uma caminhada pela praia ou simplesmente descansar na sombra de uma palmeira. Vejam-se, por exemplo, as fotografias das páginas 278-281, com um grupo de polacos a passear por uma das praias da Ericeira, ou das páginas 288-289, onde se apresentam umas pessoas de origem polaca a caminharem por uma praia das Caldas da Rainha. Com base nessas fotografias, poder-se-ia dizer que Portugal é apresentado como um país com um clima muito mais ameno, para não dizer agradável, em comparação com o clima polaco, onde as temperaturas costumam ser mais baixas durante os meses de Inverno.

Em consequência, baseando-nos nas imagens das localidades balneárias e das pessoas nelas que parecem estar bastante felizes e relaxadas, podemos dizer que Portugal é um oásis nos confins da Europa Ocidental, cheio de sol, praias e mar, bem diferente da Polónia situada no lado oposto do continente europeu e cheia de edifícios destruídos e pessoas mortas nas ruas das cidades por causa do conflito militar. Este contraste é sublinhado pelo próprio autor de *Portugal, obrigado!* que decide dedicar umas páginas para apresentar um breve relatório acerca da Polónia no início da invasão alemã. As imagens que se expõem nesse capítulo são de carácter bastante drástico e violento, uma vez que em algumas dessas fotografias aparecem pessoas mortas, quer pelos soldados alemães, quer pelas condições inumanas da guerra (p. 186-187).

23 De acordo com as estatísticas apresentadas na publicação de Ciechanowski (p. 223), o número máximo oficial dos refugiados polacos foi registado em Março de 1941, com o número total de 1024 pessoas. Porém, havemos de incluir as pessoas que passaram por Portugal de forma clandestina, o que de certeza multiplicaria o número total dos refugiados presentes no território português ao longo da II Guerra Mundial.

Enfim, resta-nos destacar um pormenor mais acerca da imagem física de Portugal na publicação de Ciechanowski. Evidentemente, em algumas páginas opta-se por submeter duas fotografias do mesmo sítio, a fim de poder realizar uma comparação «dantes» e «depois», ou seja, na altura da guerra e hoje em dia. Tal seria por exemplo o caso da segunda sede do Comité de Auxílio aos Refugiados Polacos em Portugal, situada na Rua Rodrigo da Fonseca (p. 208-209, fotografias de 1944 e 2011)²⁴, Avenida da Liberdade (p. 210, fotografias de 1940 e 2011) ou até a Capela de Nossa Senhora de Monserrate na Rua e Praça das Amoreiras, onde se celebravam frequentemente missas em língua polaca (p.262-263). Aliás, na medida do possível, incluem-se várias imagens que documentam o interior dos sítios enumerados neste parágrafo, como por exemplo a sede do Comité de Auxílio (p. 207, 223 e 234, entre outras). A intenção de mostrar as fotos do «antes» e do «depois» é mostrar que esses lugares continuam a existir hoje, que a história deles continua viva e que ainda hoje temos a possibilidade de ver os sítios onde, outrora, se ouviam pessoas a falarem polaco longe do território polaco.

2. Análise de costumes, hábitos locais e factos históricos (elementos imateriais)

Tendo concluída a análise dos lugares e objectos físicos, passamos à segunda secção do presente capítulo que tem por objectivo examinar elementos de carácter imaterial, tais como as impressões que os autores das obras do *corpus* tiveram dos costumes, hábitos e factos históricos dos Portugueses. Estes elementos, por sua natureza, basicamente não possuem uma forma física que seja duradoura. Por exemplo, um edifício ou um monumento são objectos físicos que, se as condições exteriores forem favoráveis, podem existir muito tempo. No caso de hábitos e costumes, estamos a falar de acontecimentos que são de carácter temporário e que podem ser vistos apenas ao vivo, numa fotografia ou noutros tipos de registo áudio-visual. O registo textual, por muito detalhado que seja, pode ser insuficiente para retratar toda a gama das sensações que se sentem no momento de assistir tal acontecimento ao vivo (cores, aromas, sons ou atitude das pessoas presentes no evento). Este tipo de limitações podem tornar o processo de descrição e análise de hábitos e costumes mais difícil, ao contrário dos objectos físicos que foram examinados na primeira secção do presente capítulo.

24 A primeira sede foi na rua Silva Carvalho (1940), depois passou a localizar-se na rua Rodrigo Fonseca (1941-1945).

a) Franciszek Ziejka, *Moja Portugalia [O meu Portugal]*

O Portugal do início da década de 80, que Franciszek Ziejka visitou na altura, era um país que estava a passar por uma mudança de carácter profundo e geral. Para termos a ideia da época, basta imaginar que, na altura da primeira visita de Ziejka a Portugal, a ditadura salazarista tinha acabado quase seis anos atrás, em Abril de 1974, e o ambiente democrático ainda estava na fase de desenvolvimento, pois outros seis anos tiveram de passar para aprofundar a integração europeia, através da inclusão de Portugal na União Europeia em 1986.

Porém, apesar de ter visitado Portugal numa época tão interessante do ponto de vista histórico, o autor de *Moja Portugalia* não se focaliza muito na realidade quotidiana do Portugal pós-salazarista nem nas décadas de ditadura e no impacto da mesma, como se poderia esperar. O panorama do dia-a-dia em Portugal dos anos 80 é descrito de uma forma bastante superficial. Mal se fala da política do governo da época, como se este assunto tivesse pouca importância. Nas páginas de *Moja Portugalia* predominam relatos sobre a história de Portugal dos séculos anteriores (desde a proclamação do Reino de Portugal até à Geração de Coimbra). Esta falta de comentários acerca do Portugal visitado por Ziejka entre 1979 e 1980 chama atenção, se pensarmos que, depois da queda do regime salazarista, o país tinha vivido várias alterações, quer de carácter sócio-cultural quer político. Em vez disto, o autor opta por centrar-se mais em relatar contos e lendas dos séculos passados.

Por muito pouco que tenha escrito Franciszek Ziejka sobre o Estado Novo e os anos posteriores, é possível notar que os longos anos da ditadura ainda estão presentes na memória colectiva do povo português. Por exemplo, o relato de viagem a Óbidos em Fevereiro de 1980 inclui uma nota sobre a queda da tradição do Carnaval, citado em baixo:

[...] Manuel opowiada o niegdysiejszych latach beztroskiej zabawy, tańców. Dziś – powiada – nikt nie tańczy, Dziś udają, że tańczą. Na moje pytanie o przyczyny tego stanu rzeczy daje mi wykład historyczny. Mówi dużo o czasach faszystowskiej dyktatury w Portugalii, o walce Salazara z karnawalem (święto karnawałowe dawało podobno możliwości rozrachunku z dyktaturą!), o podkopaniu przez dyktatora gruntu obyczaju. (Ziejka 2008: 130-131)

[...] Manuel está a contar sobre os anos passados de diversão, de danças. Hoje – diz – ninguém dança. Hoje imitam a dança. Quando lhe pergunto sobre as causas deste facto, ele começa a dar-me uma palestra histórica. Fala muito sobre os tempos da ditadura fascista em Portugal, sobre a luta de Salazar com as festas de carnaval (dizia-se que essas festas davam a possibilidade de lutar contra a ditadura!), sobre a erradicação do costume por parte de Salazar.

Esta citação, de carácter bastante pessimista, descreve Portugal como um país que tem de abandonar algumas das suas tradições por causa do regime salazarista que teve muito impacto na vida quotidiana do povo português. Aliás, o facto de o autor ter baseado o seu comentário na descrição oral, contada por um amigo português, tem por objectivo tornar a explicação mais credível. Curiosamente, Franciszek Ziejka visita Évora umas semanas antes de passar por Óbidos, em Janeiro de 1980, e classifica as tradições populares do Alentejo como «muito abundante», fornecendo-nos a riqueza das cores e formas que representam as figuras de barro e cortiça (Ziejka 2008: 74).

Outro comentário relativo aos anos salazarista é feito na descrição sobre a Ponte 25 de Abril que já foi mencionada na secção anterior do presente capítulo:

[...] Most ów ochrzczono imieniem „25 Kwietnia” – dla uczczenia dnia wybuchu rewolucji, która w 1974 obaliła reżim faszystowski w Portugalii
[...] (Ziejka 2008: 159-160)

[...] Esta ponte foi nomeada «25 de Abril» – para comemorar o dia da revolução que em 1974 derrubou o regime fascista em Portugal [...]

Há que ter em conta que esta é apenas uma nota breve, sem fornecer-nos mais detalhes acerca do acontecimento histórico de Abril de 1974. Na verdade, a nota do Carnaval e da Ponte são as únicas que tratam directamente do assunto salazarista ao longo das 398 páginas do livro (!). Quanto à pessoa de António de Oliveira Salazar, são escassos os parágrafos relativos aos anos em quais este governou. Será que Franciszek Ziejka tinha optado por reduzir os detalhes sobre os anos de Salazar ao mínimo, devido às conotações negativas que acompanhavam os factos históricos ligados àquela época? Ou considerou pouco interessante incluir as informações acerca do regime salazarista, bastante semelhante ao regime da Polónia Popular? Sendo docente académico, Franciszek Ziejka com certeza seguia as notícias e tendências políticas, o que torna a hipótese da falta de interesse dele pelo regime salazarista pouco provável. É possível que, se tivesse escrito mais notas sobre o carácter opressivo da ditadura salazarista, tão parecido ao regime da Polónia Popular, os serviços de censura poderiam impedir que o livro chegasse a ser publicado²⁵. Note-se que a primeira edição do livro foi publicada no início da década de 1980 quando a Polónia ainda estava sob o regime comunista apoiado pela União Soviética, o que pode explicar a omissão dos assuntos meramente políticos.

Quanto ao Portugal pós-salazarista, os relatos de Ziejka fornecem-nos uma visão bastante

²⁵ Embora o livro *Moja Portugalia* fosse publicado em 2008, é necessário ter em conta de que alguns relatos foram publicadas anos atrás, ainda na primeira metade da década de 80 (Ziejka 2008: 385 – veja-se a nota editorial).

pessimista. Já na primeira parte do livro, no diário, ele próprio descreve a cidade de Lisboa como uma cidade que está a tornar-se muito liberal quanto ao sexo e à prostituição, considerados geralmente temas tabu. Vejamos a descrição em baixo, dada a 11 de Novembro de 1979 (ou seja, um mês após a chegada a Lisboa):

W czasie tej włości doszedłem do wniosku, że Portugalia (przynajmniej – Lizbona!) przeżywa znamienne eskalację pornografii. Kraj tradycyjnie katolicki okazuje się krajem dosyć płytkim. Wraz ze zmianami politycznymi nadeszły zmiany obyczajowe. Na każdej niemal uliczce znajdują się stoiska z kolorowymi czasopismami porno. [...] Pomijam już sprawę obecności na tych uliczkach przedstawicieli *najstarszego zawodu świata*. [...] (Ziejka 2008: 38)

Durante aquela caminhada cheguei à conclusão de que Portugal (ou pelo menos Lisboa) estava a viver uma escalada da pornografia. Um país tradicionalmente católico resulta ser um país bastante superficial. Com as alterações políticas chegaram mudanças de costumes. As bancas com jornais pornográficos a cores encontram-se em quase cada rua. [...] Para já não falar da presença das representantes da *profissão mais antiga do mundo* [...].

Portugal, que sempre foi considerado como um dos países mais católicos da Europa, é retratado como um país cujo catolicismo é superficial ou até falso, devido ao grande interesse dos portugueses pelos jornais pornográficos. Porém, é necessário ter em conta que o autor do livro é do país onde a imprensa no início dos 1980 ainda estava sob o controlo da censura, impossibilitando a impressão de publicações ligadas à sexualidade, o que poderá explicar o espanto e a decepção por parte de Franciszek Ziejka.

O assunto da religião católica está presente em vários relatos de *Moja Portugalia*. Segundo as memórias de Ziejka, Portugal dos anos 1980 é descrito como um país que está a viver uma fase de laicização. O autor chega a esta conclusão através de numerosas visitas a vários mosteiros, igrejas e capelas, que quase sempre estão vazios na hora da visita. Vejamos a seguinte citação procedente do relato de viagem a Évora que o Ziejka visita em Janeiro de 1980:

To kościół św. Franciszka. Wchodzimy. Właśnie kończy się msza święta. Wszak dziś niedziela. W kościele jednak może tylko 20-30 osób. Puste są kościoły Évory. Puste są kościoły całej południowej Portugalii! (Ziejka 2008: 73)

É a igreja de São Francisco. Entramos. A missa já está a acabar. Pois, hoje é domingo. No entanto, na igreja há apenas 20-30 pessoas. As igrejas de Évora estão vazias. As igrejas de todo o Sul de Portugal estão vazias!

Como se pode ver, o autor denomina o Sul do país como um território laico por falta dos fiéis nas igrejas aos domingos. Aliás, para Ziejka, o número dos fiéis torna-se num dos critérios para descrever igrejas²⁶, ou, sendo mais preciso, o nível de laicização do país.

A análise dos relatos ligados às visitas às igrejas portuguesas fornece-nos ainda uma observação muito importante no que diz respeito à imagem de Portugal, uma vez que Franciszek Ziejka realiza uma série de comparações entre a Polónia e Portugal ao longo das páginas do seu livro. De facto, estas comparações realizam-se não só com as igrejas, mas também com alguns dos monumentos e objectos arquitetónicos do país, incluindo estilos arquitetónicos e utilidade dos mesmos. Inclusivamente, alguns dos costumes e atitudes dos portugueses, que o autor do livro conheceu naquela época, também são alvo de uma avaliação (que, em alguns casos, podia ser classificado como uma crítica). Porém, há que notar que o carácter destas comparações é muito subjectivo, dado que Franciszek Ziejka coloca ambos os países em dois lados opostos, conforme os seus próprios critérios estéticos. Veja-se o seguinte exemplo:

Zwiedziłem kilka kościołów. Smutne i swoiste zarazem to pomniki niegdyśjszej potęgi. Na zewnątrz – niczym nie różnią się od klasycznych domów. Wewnątrz – wręcz kapią od złota. Barok tutejszy robi przygnębiające wrażenie. Wyraźnie odbiega od naszego, nasz dużo lżejszy. [...]. A przy tym jakaś oschłość, ziąb. To nie jest kościół do modlitwy. To jest miejsce wystawy potęgi i mocy zakonu (Ziejka 2008: 24-25).

Visitei umas igrejas. Trata-se de tristes e peculiares monumentos do poder dos tempos passados. Por fora, são muito parecidas ao resto das casas clássicas. Por dentro, nota-se a abundância dos objectos de ouro. O barroco de cá provoca um sentimento de tristeza. É muito diferente do nosso, o nosso [barroco polaco] é muito mais ligeiro. E tudo isto é acompanhado por uma frieza e segura. Não se pode rezar neste tipo de igreja. É um sítio que serve para mostrar o poder e a influência da igreja

Como se pode ver, após a leitura da citação em questão é possível notar o carácter subjectivo do relato de Ziejka sobre as igrejas vistas em Lisboa, descrevendo os edifícios como «tristes», «peculiares» ou um sítio onde não se pode rezar. Além disso, Ziejka faz uma comparação entre as variedades dos estilos barroco na Polónia e Portugal, favorecendo o barroco polaco. É preciso ter em conta que este tipo de extremismo, ou seja, a polarização entre Polónia e Portugal, é um dos elementos mais frequentes em diversas descrições de Franciszek Ziejka.

Para dar outra amostra do carácter subjectivo (radical?) dos relatos de Franciszek Ziejka, veja-se a nota sobre as impressões do autor após a visita ao Museu de Arte Popular em Lisboa, citada no fim do parágrafo. A forma como o autor fala dos elementos da exposição parece ser pouco séria, em

26 Veja-se também por exemplo Ziejka 2008: 18 e 82.

alguns casos até depreciativa, em particular no que diz respeito ao folclore português:

To drugie [Museu de Arte Popular] niezbyt pasjonujące. Raczej ubogie. Nie można go w ogóle porównywać z naszym krakowskim Muzeum Etnograficznym. Trudno wydawać sądy, ale wydaje mi się, że kultura tego ludu jest bardzo prymitywna. (Ziejka 2008: 64)

O segundo museu [Museu de Arte Popular] não foi muito apaixonante. Bastante modesto. É impossível compará-los com o nosso Museu Etnográfico em Cracóvia. É-me difícil julgar, mas parece-me que a cultura deste povo é primitiva.

O carácter da descrição do Museu de Arte Popular é muito negativo, fornecendo-nos uma imagem depreciativa em respeito à instituição em questão. Além disso, outra vez encontramos uma comparação radical entre um elemento polaco e outro português. Franciszek Ziejka avalia a cultura popular de Portugal de uma forma desfavorável. Também classifica negativamente os elementos das exposições do Museu de Arte Popular, comparando-os com os componentes das exposições no Museu Etnográfico em Cracóvia.

No entanto, é de realçar que aparecem também comentários que descrevem os portugueses sem fazer uma comparação com o povo polaco. Para dar um exemplo, veja-se a seguinte citação que procede do relato da viagem ao Porto na Primavera de 1980:

Dopiero tutaj, w Porto, zaczynam w pełni doceniać trafność porzekadła, które kiedyś, bodaj w Coimbrze, usłyszałem. [...] Mój rozmówca powiedział mi: Kiedy Braga modli się, Coimbra studiuje, Lizbona tańczy, Porto pracuje. Chyba wiele prawdy jest w tym porzekadle. W stolicy arcybiskupów, Bradze, kościoły dalej wypełnione są po brzegi. W Coimbrze studiuje kilkanaście tysięcy młodych ludzi. Lizbona – jak zawsze – lubi zabawę. W Porto [...] ludzie [...] kochają pracę. (Ziejka 2008: 121)

Só aqui, no Porto, começo a apreciar plenamente a validade do provérbio que ouvi há algum tempo, talvez em Coimbra. [...] Um interlocutor meu disse-me: Quando Braga reza, Coimbra estuda, Lisboa dança, Porto trabalha. É capaz de haver muita verdade neste provérbio. Na capital dos obispos, Braga, as igrejas continuam cheias. Em Coimbra estudam milhares de jovens. Lisboa – como sempre – gosta de se divertir. No Porto [...] as pessoas [...] amam o trabalho.

Curiosamente, nesta citação Franciszek Ziejka descreve o estilo de vida do povo português através de um provérbio muito conhecido em Portugal. Mesmo assim, a imagem do país é reduzida a quatro cidades muito importantes do ponto de vista sócio-cultural: Lisboa, Porto, Braga e Coimbra.

No que diz respeito à religião católica, ainda há um detalhe que chama muito a atenção de

Franciszek Ziejka. Trata-se do contraste entre o Dia de Todos os Santos que se comemora de duas formas bem distintas na Polónia e Portugal. Qual é o espanto do autor de *Moja Portugalia* quando vê o Cemitério de Alto de São João no dia 1 de Novembro de 1979:

Ale największe wrażenie zrobiły na mnie nawet nie owe uliczne kaplice i ścienne groby, ile... ludzie. Zachowują się na cmentarzu jak na placu targowym. Głośno rozmawiają, śmieją się, palą papierosy. Przekupnie chodzą po alejach i sprzedają świece. [...] Na dobrą sprawę nie widać nigdzie smutku (tylko jedna starsza kobieta głośno opłakiwała syna). (Ziejka 2008: 28)

Mas o que me impressionou mais não foram aquelas capelas em cada beco e as paredes com sepulturas, mas... as pessoas. Portam-se no cemitério como numa praça de mercado. Falam alto, riem, fumam. Os vendedores passam pelos becos e vendem velas. [...] Na verdade, não se nota a tristeza (apenas uma mulher mais velha estava a lamentar a perda do seu filho).

Efectivamente, as rotinas dos portugueses no cemitério deixam muito surpreendido o autor do relato, muito mais do que a arquitectura do cemitério. A atitude das pessoas (falar alto, fumar, vender produtos, etc) é classificada como um comportamento pouco típico (pouco adequado?) para este tipo de lugares sagrados. Embora este detalhe não seja escrito de forma directa, é evidente que Franciszek Ziejka compara os hábitos nos cemitérios entre os polacos e os portugueses.

Em relação ao povo português, é necessário mencionar outro detalhe que chama a atenção de Franciszek Ziejka: o analfabetismo. Ziejka está no comboio de volta a Lisboa quando inicia a conversa com duas raparigas que estão com ele no mesmo compartimento:

Przedemną w przedziale siedzą dwie młode dziewczyny. Jedna ma może piętnaście lat, druga – trzynaście. [...] Nagle, na jednej z kolejnych stacji, starsza prosi młodszą, by ta odczytała nazwę miasta, w którym jesteśmy. Młodsza usiłuje poskładać litery (jest ich pięć), ale jej się nie udaje. Pomagam. Nawiązuję rozmowę. Okazuje się, że obie dziewczyny są analfabatkami. [...] Trudno mi w to uwierzyć. Wprawdzie parę dni temu wyczytałem w jednej z gazet, że 37% kobiet portugalskich nie umie pisać ani czytać [...]. (Ziejka 2008: 87-88)

Em frente de mim, no mesmo compartimento, estão sentadas duas raparigas jovens. Uma terá uns quinze anos, outra – treze. [...] De repente, numa das seguintes estações, a rapariga mais velha pede à mais nova que leia em voz alta o nome da estação. Esta tenta juntar as letras (cinco caracteres em total), mas não consegue. Ajudo. Meto conversa. Resulta que ambas as raparigas são analfabetas. [...] É-me difícil acreditar nisto. Na verdade, há uns dias li num jornal que 37% das mulheres portuguesas não sabem ler nem escrever [...].

De facto, Portugal sempre foi um dos países menos alfabetizados da Europa. Ainda no fim do século XX a taxa de analfabetismo em Portugal era 10% (a média europeia era cerca de 1,7%)²⁷. E quando pensarmos em Franciszek Ziejka como um professor universitário e nas duas raparigas analfabetas da citação, ser-nos-á mais fácil perceber a causa do espanto do autor do livro. Para um leitor polaco pode ser difícil acreditar que ainda há 20-30 anos havia muitas pessoas que não sabiam ler nem escrever num país da Europa Ocidental.

Se continuarmos a análise da obra, veremos que Franciszek Ziejka dedica muitas páginas para descrever o dia-a-dia dos portugueses. No entanto, dedica ainda mais páginas (e até capítulos inteiros) a relatar vários contos, lendas e anedotas relativos à história de Portugal. Além disso, adiciona também uns ensaios sobre as relações luso-polacas ao longo dos tempos.

Começaremos pelo capítulo dedicado ao resumo da história de amor entre Pedro I de Portugal e Inês de Castro²⁸ que é uma das partes mais importantes da publicação, tendo em conta que este relato ocupa mais do que 130 páginas do livro (das 398 páginas em total; Ziejka 2008: 189-327). Como ele próprio justifica no início da obra, foi a possibilidade de investigar a lenda através das publicações disponíveis na Biblioteca Nacional de Portugal que lhe deram a oportunidade de retratar a história de Pedro I de Portugal e Inês de Castro ao leitor polaco (Ziejka 2008: 9). É-nos possível ver o grande esforço que Franciszek Ziejka efectuou para poder redigir um relato tão extenso e detalhado sobre esta história, bem conhecida na literatura portuguesa. Ao longo das 138 páginas podemos conhecer os pormenores fundamentais da trágica história de amor de Pedro I e Inês de Castro, começando pelos antepassados de ambos os protagonistas, passando pelas circunstâncias onde estes se conheceram e qual era então o panorama político de Portugal na altura, terminando nos anos posteriores à morte de Inês de Castro. À medida que conhecemos a história de Pedro I e Inês de Castro, surgem vários elementos do mosaico que constroem o relato, como já foi dito no parágrafo anterior do presente trabalho. Trata-se do contexto histórico (conflitos militares e dinásticos entre o Reino de Portugal e Reino de Castela) e das personagens principais do drama (Pedro I de Portugal, Inês de Castro, o pai de Pedro Afonso IV e seus conselheiros, entre outros). Também se mencionam nomes de vários escritores e historiadores que, em tempos posteriores, ordenaram os factos desta história (i.e. Pedro de Mariz (s. XVI), ou António Caetano de Sousa (s. XVIII)) (Ziejka 2008: 207).

As numerosas pesquisas e investigações científicas, quer na Biblioteca Nacional de Portugal, quer noutros sítios, permitiram a Franciszek Ziejka descobrir mais detalhes sobre o passado de Portugal.

27 Bernardo Vasconcelos e Sousa, Nuno Gonçalo Monteiro, Rui Ramos, *História de Portugal – Edição Especial*, A Esfera dos Livros, Lisboa, 2012, p. 769

28 Além dos nomes Pedro I de Portugal e Inês de Castro, usar-se-ão também os nomes Pedro e Inês para denominar os protagonistas principais da história.

Além disso, Ziejka investigou também o assunto dos contactos entre a Polónia e Portugal ao longo dos séculos. Os ensaios sobre as relações luso-polacas podem ser muito interessantes do ponto de vista dos leitores polacos, uma vez que estes em geral mal fazem ideia deste assunto, considerando a Polónia e Portugal como países demasiado afastados um do outro para poderem vir a ter uma ligação estável e regular. Mesmo assim, Franciszek Ziejka destaca dois acontecimentos de duas épocas históricas bem diferentes que testemunham contactos luso-polacos. Além disso, acrescenta-se também uma nota biográfica sobre um rei polaco Władysław Warneńczyk que inclui uma lenda ligada à sua última batalha que teve lugar em 1444 na localidade de Varna (Bulgária). A presença de todos estes factos é de alta importância, uma vez que deriva do interesse que Franciszek Ziejka tem pelo histórico das relações de ambas as nações.

O primeiro sucesso trata sobre a visita de Damião de Góis à cidade de Kraków. Damião de Góis foi um dos historiadores portugueses que chegou a visitar o Reino da Polónia duas vezes, em 1529 e 1531, uma vez que naquela altura desempenhava cargos diplomáticos a pedido do rei D. João III (Ziejka 2008: 356). No ensaio sobre ambas as visitas de Góis enumeram-se cidades polacas e lituanas que este chegou a visitar (i.e Gdańsk, Wilno, Toruń e Kraków, entre outras). Também se fala das razões às quais se deveram aquelas visitas: foi para saber se seria possível casar Luís de Portugal²⁹ com Jadwiga Jagiellonka, uma das filhas do rei polaco Zygmunt I (Ziejka 2008: 359).

Outro ensaio relativo às ligações luso-polacas descreve a atitude do povo português respeito ao fracasso da Revolta de Janeiro em 1863³⁰. Fala-se das iniciativas tomadas por parte da sociedade portuguesa (comités de cidadãos) que tinham por objectivo apoiar de maneira financeira e alimentar aos combatentes polacos e suas famílias (Ziejka 2008: 369-370). Para recolher dinheiro e alimentos, organizavam-se também eventos culturais para atrair mais público. Fala-se também das classes altas da sociedade portuguesa que estavam de acordo com o movimento independentista do povo polaco, protestando contra a política de São Petersburgo. A «questão polaca» [pol. *sprawa polska* – Ziejka 2008: 371] atraiu também classes intelectuais e, o que mais interessa, os estudantes da Universidade de Coimbra (que em tempos posteriores foram denominados com o termo «Geração de Coimbra»): Antero de Quental, Eça de Queiroz ou Teófilo Braga, entre outros. Além disso, no contexto da Geração de Coimbra menciona-se o interesse dos jovens intelectuais pelas obras do romantismo polaco que os jovens poetas e escritores puderam vir a conhecer, através de traduções efectuadas anos atrás (Ziejka 2008: 373-374³¹).

29 Trata-se de Luís de Portugal, Duque de Beja, filho do rei D. Manuel I de Portugal.

30 Há que ter em conta que entre 1795 e 1918 o território polaco esteve sob domínio de outros impérios (Prússia, Austria-Hungria e Rússia).

31 No livro de Franciszek Ziejka fala-se principalmente das obras de Adam Mickiewicz, o poeta polaco mais representativo da época do romantismo polaco. É necessário reparar no facto que a maioria das traduções portuguesas foi baseada nas obras traduzidas para o francês (veja-se Ziejka 2008: 374).

No assunto das relações luso-polacas, resta-nos mencionar o ensaio sobre Władysław Warneńczyk onde, uma vez mais, se fala das ligações luso-polacas através da pessoa do rei polaco. No relato em questão Franciszek Ziejka descreve o interesse de um grupo de historiadores portugueses³² pelo rei polaco. Havia quem dissesse que Władysław Warneńczyk não foi morto na batalha de Varna mas sobreviveu e até chegou a viver muitos anos na Ilha da Madeira onde se casou com uma mulher chamada Anna e criou dois filhos: Zygmunt e Barbara (Ziejka 2008: 338-339).

Depois, segue-se outro comentário em relação à língua portuguesa. Como se pode deduzir das páginas do livro, Franciszek Ziejka começou a estudar português no início da estada em Portugal e em pouco tempo chegou ao nível suficiente para poder ler e interpretar obras e publicações impressas em língua portuguesa, realizando pesquisas e investigações frutíferas. O conhecimento da língua portuguesa permitiu-lhe também fazer novas amizades e conversas com habitantes portugueses de diversas zonas do país. Mesmo assim, é possível encontrar páginas do livro nas quais Ziejka considera a língua portuguesa uma língua bastante difícil de aprender. Além disso, como se pode ler na primeira parte do livro (Diário), estamos a falar da época quando a língua francesa predominava no âmbito internacional. Para Ziejka, a língua francesa foi a língua preferida em contactos internacionais ao longo da vida em Portugal. Efectivamente, nos seus relatos Franciszek Ziejka sempre anota a língua que usa para falar com os seus interlocutores (português ou francês) e entusiasma-se quando alguém tem pelo menos um conhecimento básico de língua francesa³³. Dir-se-ia mais: apesar de estudar a língua portuguesa intensamente, Franciszek Ziejka sempre preferiu falar em francês, uma vez que era a língua bem conhecida entre muitos académicos e funcionários da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa onde ele trabalhava também. Por outras palavras, ao longo do livro Ziejka interpreta o francês como uma língua civilizada e a língua principal dos contactos internacionais, enquanto o português é uma língua difícil, conhecida do resto da sociedade não-académica. Vale a pena acrescentar que no período da viagem de Ziejka a Portugal, o inglês ainda não tinha estatuto de língua franca como o tinha o francês até ao fim da década de 1980.

Enfim, apesar de nos fornecer muitos detalhes sobre Portugal e a sua história, a subjectividade dos relatos de Franciszek Ziejka é um obstáculo significativo no processo de análise da sua obra. Mesmo assim, a publicação de Ziejka fornece-nos a possibilidade de realizar futuras investigações em diferentes campos, como por exemplo os contactos académicos entre a Polónia e Portugal, Portugal e seus habitantes no início dos anos 1980 ou a história medieval de Portugal, entre outros.

32 Franciszek Ziejka enumera três historiadores principais: João Reis Gomes, Alberto Artur Sarmiento e António Homem de Gouveia (Ziejka 2008: 338)

33 Veja-se Ziejka 2008: 23, 27 ou 39.

b) Renata Gorczyńska, *Szkice Portugalskie* [*Esboços portugueses*]

O livro de Renata Gorczyńska abunda em detalhes ligados à descrição dos monumentos e edifícios localizados no território português, o que podemos ver nos parágrafos citados na secção relativa à imagem física de Portugal. No entanto, o que mais predomina em *Szkice Portugalskie* são numerosos detalhes acerca da história e cultura portuguesas, acompanhados por diversas divagações da autora do livro. Desta forma, o Portugal de Gorczyńska surge como um país que tem muito para oferecer aos estrangeiros no que diz respeito a tradições locais, factos históricos ou gastronomia.

Por causa do carácter «caótico» dos relatos, aqui também se optou por aplicar um critério rigoroso na elaboração dos temas para a análise na presente dissertação. Foram analisados apenas os tópicos que fossem relevantes do ponto de vista histórico, cultural ou académico (p.ex. a expansão marítima de Portugal, o legado dos judeus portugueses ou a cultura vinícola). Também se incluíram os assuntos que poderiam vir a ser importantes para os leitores (ou futuros turistas) polacos, incluindo um breve registo das relações luso-polacas, como por exemplo Lisboa ser lugar de trânsito na altura da II Guerra Mundial. As partes relacionadas com a vida privada de Gorczyńska não foram tomadas em consideração, por não serem ligados ao assunto do presente trabalho,.

Uma das primeiras observações que a jornalista faz acerca da realidade quotidiana de Portugal é o uso e a distribuição do francês e do inglês como as duas principais línguas estrangeiras em uso. Conforme a sua experiência, a autora escreve as seguintes palavras:

Ciekawa sprawa z tymi językami obcymi w Portugalii. W pewnym momencie naszej podróży minęłam niewidzialną linię francuskiego jako drugiego języka i wjechałam w obszar angielskiego. Co więcej, instyktownie się domyślałam, że właśnie tak będzie. Na południu mieszka sporo reemigrantów z Francji, którzy po latach tyrania w charakterze odźwiernych, służących lub karygodnie nisko opłacanych robotników wrócili do siebie, pobudowali się i nareszcie trochę odkuli. [...] Północ od zamierzchłych czasów ciążyła ku Wielkiej Brytanii, swojego sojusznika i rynku zbytu. (Gorczyńska 2014: 16)

É um assunto interessante com as línguas estrangeiras em Portugal. Num momento determinado da nossa viagem ultrapassei a fronteira invisível do francês, como a segunda língua, e entrei na zona do inglês. De facto, intuitivamente pensava que assim seria. No Sul vivem muitos re-emigrantes de França que, após anos de trabalhar duramente como criados, serventes ou operários mal pagos, voltaram à terra natal, construíram casas e recuperaram-se. [...] O Norte, há muito tempo, aproximava-se da Grã-Bretanha, a sua aliada e destino comercial.

Com base nas línguas estrangeiras presentes nas zonas do país visitadas, a jornalista estabelece uma divisão linguística de Portugal no Sul francófono e no Norte anglófono, apoiando-se nos factos

históricos e experiências privadas que a acompanharam ao longo de viagens por Portugal. Todavia, a observação que a autora nos proporciona na citação carece de dados oficiais ou fontes científicas (p. ex. mapas, diagramas ou ilustrações) que possam confirmar que o francês é a língua estrangeira dominante ao Sul do Tejo, em oposição ao inglês no Norte. Apesar desta falta de provas credíveis, considera-se um ponto de vista bastante interessante para ser mencionado na presente secção.

Ainda no que diz respeito aos assuntos linguísticos, a língua portuguesa, junto com as suas variedades e características também deixa a jornalista muito intrigada. Por exemplo, a autora fica surpreendida por saber que o português, junto com o francês e o polaco, constitui um trio linguístico que ainda conserva os fonemas nasais (Gorczyńska 2014: 12). Fala-nos também da redução de vogais finais em muitas palavras portuguesas, como, por exemplo, nas palavras «Porto» ou «fado» (Gorczyńska 2014: 97).

Depois, segue-se uma comparação entre as línguas espanhola e portuguesa no parágrafo ligado a um episódio durante a passagem pela fronteira entre Espanha e Portugal:

Zajeżdżając do przygranicznego baru w Hiszpanii, wpada się w jazgot. Ludzie do siebie nie mówią, lecz wrzeszczą, choć zapewne w dobrych intencjach. [...] Zwrot do Portugalii na kolejną kawę, a tam miły uchu szelest mowy, sonorystycznie przypominającej w pierwszej chwili polszczyznę. (Gorczyńska 2014: 12)

Ao chegar a um bar fronteiro em Espanha, cai-se numa azáfama. As pessoas não falam, mas gritam, embora com boas intenções. [...] Retorno a Portugal para tomar outro café, e ali [há] um murmúrio agradável para o ouvido de quem fala, num primeiro momento sonoramente parecido com a língua polaca.

Neste caso, a autora compara os dois povos a fim de sublinhar o contraste no que diz respeito à forma de falar dos espanhóis e portugueses. Enquanto os espanhóis falam muito alto, criando um ruído caótico, os portugueses revelam-se pessoas mais calmas e serenas. Evidentemente, não será a primeira vez que se faz uma comparação entre esses dois povos ibéricos. Tendo em conta vários pormenores (proximidade geográfica, séculos de relações políticas e históricas, viagens privadas), não é de estranhar que Renata Gorczyńska decida fazer uma comparação relativa a Portugal e Espanha. De facto, já pudemos ver uma comparação parecida, onde se confrontam a imagem de estudantes portugueses e espanhóis no relato da viagem a Coimbra.

Quanto aos assuntos histórico-culturais, começaremos por Lisboa, uma vez que a autora dedica dois relatos exclusivos à capital portuguesa: a descrição da exposição sobre o papel da cidade no conflito europeu dos anos 1939-1945 e as influências da imigração brasileira na sociedade lisboeta.

Sessenta e sete anos depois do fim da II Guerra Mundial, numa manhã chuvosa de Outubro do ano

2012 Renata Gorczyńska vai à Praça do Comércio com a intenção de ver a exposição dedicada à Lisboa dos anos 1939-1945³⁴. Conforme as palavras da jornalista, o conteúdo da exposição é bastante incompleto, uma vez que se fala maioritariamente sobre personagens famosas, omitindo os emigrantes massivos mais pobres que conseguiram escapar das trevas do conflito militar que estava a devorar os territórios da Europa Central-Leste. Vejamos a citação em questão:

Około osiemdziesięciu zdjęć, plakatów, obwieszczeń, kart meldunkowych, a nawet biletów podróży przybliży atmosferę stolicy neutralnego państwa, gdy nad resztą kontynentu zapadła na wiele lat mordercza noc. Kogoż tam wtedy nie było! [...] - książę i księżna Windsoru, pomniejsi arystokraci, [...], Rothschildowie... Wymieniam elitę wśród uchodźców, bo przecież milcząca większość składała się z biedujących mas Europy Centralnej. Na wystawie [...] brak odniesień do polskiego środowiska uchodźców [...]. Najwięcej wiadomości na interesujący mnie temat uzyskałam na podstawie dokumentacji innej wystawy, zorganizowanej przez Urząd do spraw Kombatantów i Osób Represjonowanych, [...]. (Gorczyńska 2014: 27)

Cerca de oitenta fotografias, cartazes, avisos, cartões de residência ou mesmo bilhetes de viagem aproximam-nos do ambiente da capital de um estado neutro, enquanto uma noite mortífera caiu sobre o resto do continente para muitos anos.

Quem não estará aí! [...] - o duque e a duquesa de Windsor³⁵, outros aristocratas menos importantes, [...], os Rothschild... Falo da elite entre os refugiados, pois a maioria silenciosa era das massas pobres da Europa Central. Na exposição [...] faltaram registos da presença dos refugiados polacos [...]. A outra exposição, organizada pelo Gabinete de Assuntos de Combatentes e Vítimas de Opressão³⁶ forneceu-me a maioria das informações que me interessavam.

É de destacar que «a outra exposição» de que a jornalista fala na citação é a mesma exposição que foi organizada pelo Gabinete de Assuntos de Combatentes e Vítimas de Opressão no Espaço Memória dos Exílios no Estoril no Outono de 2011³⁷. Como sabemos, o material desta exposição foi, posteriormente, apresentado no livro *Portugal, obrigado!*, de Jan Stanisław Ciechanowski.

A partir do momento em que se menciona a exposição de Ciechanowski, a jornalista começa a afastar-se do assunto da exposição e a acrescentar dois detalhes acerca do ambiente de guerra que vivia a capital na altura e que são relevantes do ponto de vista da imagem de Portugal. Trata-se das condições nas quais viviam os estrangeiros recém vindos a Lisboa, e da presença dos funcionários

34 A introdução à exposição está disponível através do endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=nojTtAvIhOA&feature=youtu.be> (página consultada a 12.04.18)

35 Eduardo VII do Reino Unido e sua esposa, Wallis Simpson

36 Página oficial (em inglês): <http://www.kombatanci.gov.pl/en/> (página visualizada a 15.04.18)

37 Veja-se também a nota informativa sobre o evento disponível na página web da Embaixada da República da Polónia em Lisboa (versão em português): https://lisbon.mfa.gov.pl/pt/actualidades/arquivo/exilados_exposicao (página visualizada a 23.04.18)

de serviços de informações de diferentes países. Neste lugar, vale a pena acrescentar que ao longo do relato em questão a própria Gorczyńska usa os termos «estrangeiros», «polacos» e «refugiados» sem precisar de quem está a falar concretamente, ou seja, nem sempre se sabe se se trata dos imigrantes de todas as nacionalidades que passaram por Portugal ou só dos imigrantes da nacionalidade polaca. Para podermos ver a problemática desta questão, vejamos a citação em que Renata Gorczyńska usa todos os três termos:

Ci cudzoziemcy, którzy mimo wszelkich przeciwności przecisnęli się przez wąskie gardło, egzystowali w napięciu, bo tylko niektóre państwa gotowe były udzielić im schronienia. Pierwsze zetknięcie z Lizboną następowało w porcie, na dworcu autobusów dalekobieżnych, ale przede wszystkim na stacji kolejowej Santa Apolónia, co wcale nie znaczy, że służby Salazara pozwalały polskim i innym uchodźcom osiedlić się w stolicy – ten przywilej dotyczył nielicznych. Z miejsca rekwirowano im paszporty i zsyłano na prowincję. Dlatego największym skupiskiem Polaków był przez długi czas kurort nadmorski Figueira da Foz, potem historyczna miejscowość w pobliżu klasztoru Alcobaça – Caldas da Rainha ze źródłami wody leczniczej. Tam przesiedlano wszystkich tych, którym nie udało się dostać wizy do krajów docelowych. (Gorczyńska 2014: 29)

Aqueles estrangeiros que, apesar de todas as contrariedades passaram pela garganta estreita³⁸, viviam na ansiedade, pois poucos países estavam dispostos a dar-lhes abrigo. O primeiro contacto com Lisboa tinha lugar no porto, no terminal rodoviário mas, sobretudo, na estação ferroviária Santa Apolónia, o que não quer dizer que os serviços de Salazar permitiam aos refugiados polacos e de outras nacionalidades ficar na capital – este privilégio era para um grupo reduzido. Logo após a chegada eram-lhes retirados os passaportes e eram transportados para a província. Por isso, ao longo do tempo o maior número dos Polacos residia na localidade balneária Figueira da Foz, depois passaram às Caldas da Rainha com águas curativas – uma localidade medieval perto do mosteiro de Alcobaça. Lá eram transportados todos aqueles que não obtiveram vistos para os países de destino.

Como podemos ver, a jornalista mistura dois termos relativos às pessoas que se deslocam entre territórios diferentes: «estrangeiro» (cudzoziemiec) e «refugiado» (uchodźca). Só na parte final da citação, onde Gorczyńska descreve os centros migratórios da comunidade polaca na altura da II Guerra Mundial, é-nos possível deduzir que o contexto do relato se aplica aos imigrantes polacos. Esta citação fornece-nos também muita informação acerca das condições em que viviam os imigrantes recém-vindos a Lisboa. O facto de remover os passaportes já é bastante interessante, uma vez que Portugal é retratado como um estado que tenta controlar os movimentos das pessoas dentro do seu território. Sem passaportes, os polacos estavam destinados a ficar no solo português.

38 O termo «garganta estreita» é a tradução literal do nome inglês da exposição, traduzido para o polaco por Renata Gorczyńska (originalmente «Lisbon, Bottleneck of Europe in II World War», Gorczyńska 2014: 27).

Depois, temos a divisão da população em dois grupos, a privilegiada que tinha direito a permanecer na capital e que provavelmente se reduzia aos imigrantes das altas classes sociais (funcionários, diplomatas ou artistas) e a outra, muito mais numerosa que acolhia as pessoas mais pobres ou que não conseguiram obter vistos a tempo e que estavam destinadas a residir nas localidades afastadas de Lisboa. Será outra das caras de Portugal como um país de desigualdades sociais?

Quanto ao assunto das condições dos imigrantes, dedicam-se também uns parágrafos ao cônsul Aristides de Sousa Mendes, conhecido geralmente por desobedecer às instruções de Salazar que proibiam a concessão de visto a judeus estrangeiros e que, por não obedecer ao ditador, salvou muitas vidas. As instruções do ditador são comentadas na citação a seguir:

Premier i szef kilku resortów w jednej osobie obawiał się zakłócenia stosunków z Niemcami, nie chciał wpuszczać do swego *Estado Novo* obcych z ich potencjalnie podejrzanymi poglądami i stylem życia, a nuż ateistów, komunistów i wszelkiej innej hołoty. (Gorczyńska 2014: 28)

O primeiro ministro, que era também o chefe de vários departamentos de estado, tinha receio de piorar as relações com os alemães, pelo que preferiu não deixar entrar no seu Estado Novo estrangeiros que, com as suas opiniões e o seu estilo de vida potencialmente suspeitos, poder-se-iam revelar ateus, comunistas ou autores de outro tipo de patifaria.

Efectivamente, se na citação anterior a jornalista deixa o leitor com a sensação de que o Portugal salazarista era um país que pretendia controlar os movimentos dos imigrantes dentro do território português, na citação que acabámos de ler a impressão não é nada melhor. O uso do termo «patifaria» (hołota) no que diz respeito aos imigrantes indica claramente que Gorczyńska considera a política de António de Oliveira Salazar pouco acolhedora em relação aos estrangeiros na altura da II Guerra Mundial. Neste caso, Portugal dos anos 1939-1945 não parece um país muito hospitalário. Esta imagem é bem diferente, até contrastante com a imagem da mesma época que transmite a publicação de Jan Stanisław Ciechanowski, o que veremos nas próximas partes do presente capítulo. Quanto à personagem do cônsul, a atitude firme de Sousa Mendes que, mesmo perante a perspectiva de ser demitido e castigado pelo regime de Salazar pela desobediência, optou por tentar salvar o máximo número de pessoas possível, deixa Gorczyńska muito surpreendida. Voltaremos à figura do cônsul na próxima secção dedicada ao livro de Iza Klementowska, uma vez que Klementowska dedica um capítulo exclusivamente a Sousa Mendes.

No que diz respeito ao outro detalhe do desvio do assunto da exposição, Renata Gorczyńska fala da actividade dos serviços secretos de todos os países envolvidos, mais ou menos directamente, no conflito militar. Na sua opinião, a presença de tantas personalidades importantes na capital é um

fator interessante e que merece ser destacado e analisado. Para dar exemplo, enumeram-se nomes dos agentes secretos mais relevantes que a autora vê nas fotografias da exposição: Kim Philby, Graham Greene, Juan Pujol Garcia ou, curiosamente, Ian Fleming (o autor da personagem de James Bond). Como confirma a jornalista, as aventuras do agente mais famoso do mundo são, nem mais nem menos, inspiradas nas experiências privadas de Ian Fleming e dos seus companheiros (Gorczyńska 2014: 32). Gorczyńska repara também, de uma forma neutra, na falta das fotografias dos agentes polacos (Gorczyńska 2014: 34). Vale a pena acrescentar que a própria jornalista descreve a capital portuguesa dos anos 1939-1945 como «uma cidade no estado de um "florescimento artificial"» (Miasto w stanie "sztucznego rozkwitu", Gorczyńska 2014: 32). As aspas usadas no texto original indicam que a própria Gorczyńska acha esta característica de Lisboa pouco natural, causada pelas condições externas.

Em seguida, a Lisboa de sete décadas mais tarde é retratada de uma forma bem diferente. As trevas da II Guerra Mundial já se desfizeram e o regime salazarista caiu. Portugal tornou-se um país democrático e, pouco a pouco, ia abrindo as fronteiras, o que facilitava a circulação de pessoas, quer das ex-colónias, quer de outros países europeus. Para a jornalista, a Lisboa actual é um lugar cosmopolita e cheio de pessoas de todo o mundo. Este contraste é bem visível se pensarmos na Lisboa dos anos 1939-1945 descrita nos parágrafos anteriores. O relato em questão tem por objectivo dar uma imagem da nova sociedade lisboeta após uma imigração massiva do Brasil que mudou o panorama social de Portugal nas últimas décadas do século XX e nos primeiros anos do século XXI. Renata Gorczyńska decide fazer uma caminhada pelas ruas do centro da cidade para examinar a presença dos habitantes brasileiros e avaliar o seu impacto na vida e cultura portuguesas. Após o passeio, comenta a omnipresença brasileira em Lisboa:

Postanowiłam przejść się po Lizbonie, w której Brazylia jest wyraźnie obecna. I tu i w Porto napotkałam mnóstwo restauracji brazylijskich, klubów samby i capoeiry, tańca połączonego ze sztuką walki. Brazylijscy malarze wystawiają w galeriach bajecznie kolorowe obrazy, na uczelniach istnieją studia z zakresu brazylistyki [...]. Brazylijscy zawodnicy grają w piłkarskich reprezentacjach Portugalii. Kanał brazylijskiej telewizji nadaje tasiemcowe seriale. (Gorczyńska 2014: 126)

Decidi passear por Lisboa onde o Brasil está visivelmente presente. Aqui e no Porto vi muitos restaurantes brasileiros, clubes de samba e de capoeira, um estilo de dança junto com uma arte marcial. Pintores brasileiros apresentam quadros abundantes em cores em galerias de artes, nas universidades existem estudos em brasileiroismo [...]. Jogadores brasileiros jogam na selecção portuguesa de futebol. O canal da televisão brasileira emite longas telenovelas.

Desta forma, podemos notar que a autora fica muito intrigada pela influência que tiveram os brasileiros na evolução da imagem de Portugal ao longo das últimas décadas, principalmente no campo cultural e demográfico. Não nos podemos esquecer que a jornalista está muito surpreendida pelo facto de o português ser uma das línguas mais expandidas no mundo (Gorczyńska 2014: 12), em particular a variedade brasileira. Ao descrever a população brasileira em Portugal, Renata Gorczyńska menciona que, conforme os linguistas, o português brasileiro parece ser mais compreensível, pois «falam mais sonoro, claro e não murmuram tanto» (mówią dźwięczniej, wyraźniej i mniej szeleszczą – Gorczyńska 2014: 127). Nos parágrafos posteriores fala-se também do impacto no campo demográfico, uma vez que os brasileiros são os primeiros na lista das minorias étnicas estrangeiras que habitam o território português, com o número estimado de 150 mil pessoas (Gorczyńska 2014: 126-127). A diversidade étnica da população portuguesa pode despertar curiosidade nos leitores polacos, uma vez que a Polónia actual é um dos países europeus mais homogéneos no que diz respeito às nacionalidades e etnias presentes no território polaco. Por outras palavras, conforme as estatísticas oficiais do censo realizado em 2011, 97 por cento da população da Polónia declara a nacionalidade polaca³⁹. Este contraste de carácter étnico entre a Polónia e Portugal pode justificar grande interesse que Renata Gorczyńska tem nos brasileiros e outros povos residentes em Portugal, considerados por ela exóticos. Ainda no campo da cultura brasileira, vale a pena destacar que nas mesmas páginas Gorczyńska menciona também obras de Jorge Amado, um dos escritores brasileiros mais reconhecidos, acrescentando que algumas obras deste autor foram traduzidas para polaco e publicadas na Polónia na década de 1950, por terem conotações comunistas (Gorczyńska 2014: 126).

Em seguida, voltamos a Coimbra que atraiu a autora não só por ser uma cidade de grande valor arquitectónico (o que vimos na secção dedicada à imagem física de Portugal), mas também por ter uma vasta oferta histórico-cultural. A jornalista apresenta Coimbra como «a Cidade dos Estudantes», sendo este um dos nomes tradicionais de Coimbra (Gorczyńska 2014: 44). Efectivamente, a presença física dos estudantes é bem notável nos espaços públicos descritos por Gorczyńska, como se os estudantes fossem parte integral das ruas de Coimbra.

Como já se disse na secção anterior, antes de vir a Coimbra Renata Gorczyńska visitou Salamanca, o que a conduz a comparar ambas as cidades universitárias. Além de uma comparação de carácter arquitectónico, a maioria das comparações em questão são de carácter sócio-cultural, uma vez que

39 <https://stat.gov.pl/spisy-powszechne/nsp-2011/nsp-2011-wyniki-wstepne/przynaleznosc-narodowo-etniczna-ludnosci-nsp-2011,1,1.html>) - Przynależność narodowo-etniczna ludności - NSP 2011 (em inglês *National Census of Population and Housing 2011*), o censo oficial da população polaca realizado em 2011, disponível na página de Główny Urząd Statystyczny (em inglês *Statistics Poland*), instituição oficial destinada a recolher dados estatísticos. (página visualizada a 17.12.18). Para aceder às estatísticas, é necessário abrir o ficheiro PDF *Przynależność narodowo-etniczna ludności*.

enumeram diferenças entre estudantes espanhóis e portugueses. Vale a pena destacar que a autora fica muito surpreendida pelo facto de os estudantes portugueses costumarem usar um traje académico, enquanto os estudantes espanhóis vestem roupas quotidianas (Gorczyńska 2014: 42). Surpreendem-na também a Festa das Latas e outras tradições que se celebram entre os estudantes conimbricenses. O estilo de vida dos jovens é resumido no comentário que se segue na citação:

[Studentci] Nie omijali żadnego baru, a potem przysiadali na ławkach czy zrębach fontann, pociągając z gwinta.
- Oni tak przez cały październik – utyskiwała napotkana starowina. - Kiedy mają czas się uczyć? (Gorczyńska 2014: 43)

[Os estudantes] Não perdiam nenhum bar, e depois sentavam-se nos bancos ou na borda das fontes, tomando goles directamente da garrafa.
- Eles são assim todo o Outubro – resmungava uma velhinha. - Quando é que têm tempo para estudar?

O texto original da citação tem estilo humorístico, com um matiz irónico, dando-nos a imagem de uma Coimbra eternamente jovem, vital e optimista, uma cidade onde a alegria está sempre presente nas ruas. Porém, é também uma crítica indirecta do barulho e caos causados pelos estudantes que vagueiam todas as noites pela cidade em busca de diversão.

Por outro lado, a investigação da vida estudantil conduz a jornalista à descoberta de outro estilo musical tipicamente português, o Fado de Coimbra:

Ta muzyka historycznie związana z uniwersytetem w zasadzie istnieje w dwóch odmianach: jako pieśń sławiąca jego profesorów i jako pożegnanie ze studiami. [...] Coimbra bardziej przypomina bel canto niż lisbońskie fado. (Gorczyńska 2014: 44)

Esta música, historicamente ligada à universidade, basicamente existe em duas formas: como um canto louvando os seus professores e como uma despedida dos estudos. [...] [O Fado de] Coimbra recorda mais o bel canto do que o Fado de Lisboa.

No entanto, apesar de reconhecer o valor cultural e histórico do fado conimbricense, a leitura dos parágrafos posteriores revela a decepção da autora, pois a melodia das guitarras e o canto do solista não encaixam nos seus gostos musicais (Gorczyńska 2014: 45).

Por último, após a visita ao Mosteiro de Santa Clara-a-Velha em Coimbra, a jornalista investiga e recorda também a famosa história de amor de Dom Pedro I de Portugal e Inês de Castro, acrescentando que esta última foi assassinada naquele lugar sagrado. Embora os parágrafos da história sejam, de facto, um resumo de acontecimentos mais relevantes da vida de ambas as

personagens principais e da realidade política da época, Gorczyńska consegue uma narrativa interessante para despertar a curiosidade dos leitores. Até decide recordar a história de um rei polaco, Casimiro III da Polónia (em polaco: Kazimierz III Wielki) que teve uma relação amorosa com uma judia chamada Esterka⁴⁰, a fim de dar ao leitor um exemplo equivalente na história polaca (Gorczyńska 2014: 53).

No que diz respeito aos judeus e à cultura judaica, Renata Gorczyńska dedica numerosos parágrafos, tanto no relato de viagem a Coimbra como em outros relatos do livro (p. ex. a viagem a Belmonte: p. 112-113, a viagem a Trancoso: p. 101-102), ao assunto da presença dos judeus (denominados por ela «marranos») no território português ao longo dos séculos. Junto com a história dos judeus portugueses, a jornalista faz um resumo sobre o terror da Inquisição, uma instituição religiosa que levou muitas pessoas à morte. Neste lugar, vale a pena destacar que a Polónia foi um país com relativamente ampla liberdade religiosa desde a Idade Média até às primeiras décadas do século XX. Por isso, enquanto os judeus portugueses confrontavam o terror e as perseguições da Inquisição, os seus irmãos de fé nas terras polacas viviam num ambiente de tolerância religiosa. É provável que a jornalista fale das consequências da implantação do Santo Ofício para que o leitor polaco possa reparar nas diferenças entre a Polónia e Portugal no que diz respeito à liberdade de crenças religiosas.

O interesse da autora pela cultura vinícola da região Entre Douro e Minho também merece ser destacado, dado que a presença deste relato mostra não só o interesse de Gorczyńska pela cultura vinícola, mas confirma também a fama que Portugal tem neste campo. Parece que o reconhecimento internacional do vinho do Porto é o melhor exemplo desta popularidade. A jornalista visitou as terras perto da foz do rio Douro em Setembro de 2012, quando a temporada da vindima estava a começar (Gorczyńska 2014: 56). Gorczyńska decide resumir em três páginas do relato dedicado à viagem às vilas localizadas no curso baixo do Rio Douro tudo o que aprendeu sobre a produção do vinho, começando pela colheita das uvas, seguindo com o processo de maceração e finalizando com a exportação de garrafas com vinho para consumo. Também se destacam vários factos históricos ligados ao cultivo da videira que foi iniciada naquela região após a chegada dos romanos por volta dos séculos II-I a.C. Curiosamente, a autora decide finalizar o relatório da cultura vinícola da Região do Douro com uma apresentação de dados estatísticos:

40 Embora a história de relações amorosas entre Casimiro III da Polónia e Esterka seja dada por certa, há muita polémica quanto à probabilidade de o rei ter tido uma amante com este nome, devido a que não existem provas históricas que possam confirmar ou excluir a existência da personagem da judia.

Mieszkańcy tego kraju są największymi konsumentami wina w Europie. Rocznie statystyczny Portugalczyk wlewa sobie do gardła ponad czterdzieści litrów białego (*branco*), czerwonego (*tinto*) i różowego (*rosé*) wina, a jeśli go stać, to do serów i deserów delectuje się którąś z odmian porto, bo tanie to ono nie jest. (Gorczyńska 2014: 57)

Os habitantes deste país são os maiores consumidores do vinho na Europa. Anualmente, um português estatístico consome mais de quarenta litros de vinho branco, tinto e rosé, e se for suficientemente rico, serve com os queijos e sobremesas um dos tipos do vinho do Porto, pois este não é nada barato.

Como podemos ver, o facto de os portugueses beberem tanto vinho de ano a ano deixa a jornalista muito surpreendida. Vale a pena acrescentar ainda que, além de enumerar os três tipos básicos de vinho em polaco, Gorczyńska decide colocar também os termos equivalentes em português em itálico (*branco*, *tinto* e *rosé*, respectivamente), deixando o leitor melhor orientado na área da cultura vinícola de Portugal.

Outro assunto, considerado suficientemente importante para ser analisado na presente secção, é o relato dedicado a José Saramago, um dos escritores portugueses mais importantes das últimas décadas e que recebeu o Prémio Nobel de Literatura em 1998. A vida e o legado literário de José Saramago deixam Renata Gorczyńska com muita curiosidade, pois tanto o estilo literário como as opiniões políticas do escritor português foram bastante radicais. Ao longo do relato, parágrafo a parágrafo, a autora examina a figura do escritor português, acrescentando também alguns factos de vida de Saramago que ela considera poderem ser interessantes para os leitores polacos. À medida que se revelam as ideias políticas do escritor, Renata Gorczyńska fica cada vez mais chocada:

W Polsce przed uhonorowaniem Saramaga Nagrodą Nobla ukazały się tylko dwie, za to najważniejsze jego powieści: *Baltazar i Blimunda* oraz *Ewangelia według Jezusa Chrystusa*. Zwłaszcza ta druga mogła swoją bluźnierczą treścią wywołać sprzeciw u dobrego chrześcijanina. Nie dość, że jej autor był ateistą, jak Nabokov, Sartre czy Gombrowicz⁴¹, to na dodatek był członkiem partii komunistycznej, do której wstąpił, mając czterdzieści siedem lat. Był więc dojrzałym człowiekiem, a nie młodzieńcem ulegającym utopijnym złudzeniom. (Gorczyńska 2014: 78-79)

Antes de galardoar Saramago com o Prémio Nobel, na Polónia publicaram-se apenas duas obras dele, as mais importantes: *Memorial do Convento* e *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. Foi em particular este livro que pôde, com o seu carácter blasfemo, provocar uma desaprovação por parte de um bom cristão. Além de o seu autor ser ateu, como Nabokov, Sartre ou Gombrowicz, [Saramago] foi também membro do partido comunista, ao qual aderiu aos 47 anos de idade. Era então um homem maduro, e não um jovem influenciado por ideias utópicas.

41 Witold Gombrowicz (1904-1969): escritor e ensaísta polaco.

Após a leitura da citação, não é nada de estranhar que a jornalista, que cresceu num país católico, esteja surpreendida pela atitude anticlerical de Saramago. O grande interesse pelo pensamento comunista por parte de Saramago deixa Gorczyńska ainda mais perplexa, uma vez que ela viveu grande parte da sua vida na República Popular da Polónia, país que na altura da infância e juventude de Gorczyńska estava sob o domínio da União Soviética, o que lhe permitiu ver as consequências de colocar em prática a ideologia comunista. Além disso, o anticlericalismo do escritor português trouxe-lhe muitas críticas inclusivamente em Portugal, em particular por parte de Aníbal Cavaco Silva. Este último criticou muito o livro *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* e não participou no funeral de Saramago em Julho de 2010, quando era o presidente da República Portuguesa, facto que a autora recorda nas últimas páginas do ensaio em questão (Gorczyńska 2014: 92).

Depois, voltamos ao relato da viagem a Tomar, onde Renata Gorczyńska decide mencionar um acontecimento que teve lugar durante uma caminhada pela cidade. Após a visita ao convento, a autora entra numa loja tradicional gerida por um grupo de amigos. Há uma conversa que a jornalista recorda com as seguintes palavras:

Dowiedziawszy się, że jestem Polką, moi nowi znajomi poprawnie wymówili nazwę założonej przez Portugalczyków sieci Biedronka. [...] Zabawne, że Polska kojarzy im się teraz ze spożywczym gigantem. W XIX wieku te asocjacje były odmienne. Po wybuchu powstania styczniowego w Polsce na uniwersytecie w Coimbrze odbywały się manifestacje studenckie i zbiórki pieniędzy na znak solidarności z jego uczestnikami. Jak odnotował Władysław Mickiewicz w trakcie wizyty w Lizbonie, w 1863 roku wielu rodziców nadawało swoim nowo narodzonym córkom imię Polónia. Czy teraz byłaby to Biedronka? (Gorczyńska 2014: 136)

Ao saber que eu era polaca, os meus novos conhecidos pronunciaram correctamente o nome da cadeia de supermercados Biedronka⁴², fundada por portugueses. [...] É engraçado que agora a Polónia seja associada ao gigante comercial. No século XIX as associações eram bem diferentes. Após a eclosão da Revolta de Janeiro na Polónia, houve em Coimbra manifestações de estudantes e coletas de dinheiro em acto de solidariedade com os seus participantes. Como apontou Władysław Mickiewicz⁴³ na altura da sua visita a Lisboa, em 1863 muitos pais deram o nome Polónia às suas filhas recém nascidas. Então, se fosse agora, o nome seria Biedronka?

Como se pode ver, a autora conclui a citação com uma frase muito curta, mas cheia de ironia, sarcasmo e reflexão. Aliás, na altura de elaborar o relato em questão, isto é por volta do ano 2013, o facto de a Polónia e Portugal terem relações comerciais através da cadeia de lojas Biedronka ainda não era conhecido geralmente nem dos polacos nem dos portugueses.

42 Cadeia de lojas e supermercados na Polónia, fundada e administrada pelo Grupo Jerónimo Martins.

43 Władysław Mickiewicz (1838-1926): Filho primogénito de Adam Mickiewicz (1798-1855), poeta romântico.

Por último, decidiu-se anotar o facto de a jornalista não ter mencionado nada sobre alguns dos músicos portugueses contemporâneos ao longo das páginas do seu livro, apesar de ser evidente que gostava de assistir aos concertos, o que pudemos observar no relato dedicado ao fado de Coimbra. As únicas notas acerca da música portuguesa limitam-se às descrições do fado de Coimbra e de Lisboa. Considera-se bastante intrigante a omissão de outras grandes estrelas da música portuguesa (p. ex. Amália Rodrigues, Simone de Oliveira ou Mariza), uma vez que muitas pessoas, quer estrangeiros ou portugueses nativos, juntam a imagem de Portugal ao fado.

c) Iza Klementowska, *Samotność Portugalczyka* [*A solidão do português*]

Como já se disse na secção anterior, Iza Klementowska, ao longo do seu livro centra-se maioritariamente em assuntos sociais, políticos e culturais, deixando o aspecto físico e visual em segundo plano. Por isso, não é de estranhar que os parágrafos ligados, por exemplo, à ditadura salazarista ou ao carácter multiétnico da sociedade portuguesa sejam os mais predominantes em todos os relatos escritos pela autora em questão. Em consequência, esta abundância de assuntos sócio-históricos torna esta secção a mais extensa no que diz respeito à análise do livro de Klementowska. Porém, de todas as quatro obras do *corpus* o livro de Iza Klementowska merece um destaque especial por uma inovação significativa.

Havemos de reconhecer que na sua obra Klementowska aceita o desafio de fazer uma investigação sobre as Guerras Coloniais, os anos da ditadura salazarista e do impacto que estes tiveram no Portugal actual. Enquanto Ziejka e Gorczyńska optam por não escrever muito (ou mesmo nada) sobre a história de Portugal entre os anos 1910-1974, isto é, desde a queda da monarquia em 1910 até à Revolução dos Cravos em 1974, Klementowska esforça-se muito por aprofundar o seu conhecimento daquelas décadas que ainda hoje em dia causam muita polémica no debate público em Portugal. As histórias contadas no livro da jornalista surgem a partir de vários pontos de vista: ora conforme personagens geralmente conhecidas, como António Salazar, ora conforme um cidadão comum, como o D. António. Em consequência, o leitor polaco ganha a possibilidade de conhecer a história contemporânea de Portugal através de diferentes perspectivas.

O livro de Iza Klementowska começa com o relato sobre a Feira da Ladra, uma das feiras mais antigas e conhecidas de Lisboa. Apesar de a feira, ou o mercado, ser um evento de carácter universal, presente em vários lugares do mundo, a jornalista considera a feira lisboeta um dos elementos que formam parte da imagem social, cultural e histórica da cidade, o que veremos nos próximos parágrafos.

A Feira da Ladra de Lisboa, localizada à volta do Panteão Nacional, atrai a jornalista por ser um lugar onde é possível comprar qualquer tipo de coisas. Ao mesmo tempo, os vendedores são representantes de várias idades e etnias. Como se pode ler na citação em baixo, Klementowska gosta também da paisagem que se vê desde a feira:

Targ położony jest niedaleko Zamku Świętego Jerzego, na zboczu, z którego rozpościera się widok na Tag, rzekę prowadzącą Lizbonę do oceanu. Ci bogatsi mają tu stragany zbite z drewna, ci biedniejsi jedynie stoliki. Są też tacy, którzy rozkładają swój dobytek na obrusie na ziemi. To przeważnie starsze osoby wyprzedające porcelanowe zastawy, lampy naftowe, odznaczenia wojskowe, figurki ceramiczne a nawet pojedyncze stare płytki i kawałki *azulejos*. (Klementowska 2014: 8)

A feira está localizada perto do Castelo de São Jorge, num alto, de onde se estende a vista pelo Tejo, o rio que conduz Lisboa até ao oceano. Os mais ricos têm barracas de madeira, os mais pobres apenas mesas. Há quem ponha simplesmente os seus bens num lenço no chão. São geralmente pessoas idosas que vendem talheres de porcelana, lâmpadas de querosene, condecorações militares, figuras de cerâmica ou mesmo placas velhas separadas e fragmentos de azulejos.

Evidentemente, a jornalista fica muito impressionada logo no início da visita à feira. Primeiro, pela vista panorâmica do estuário do Tejo, que uma vez mais é associado com a cidade (como, por exemplo, o Tamisa em Londres ou o Danúbio em Viena). Note-se também que, com base nos artigos que os vendedores oferecem e na forma como eles expõem essas coisas, o leitor tem a possibilidade de conhecer o ponto de vista da jornalista acerca da posição social e económica dos habitantes nativos. Além disso, é impossível não reparar no facto de a autora ter ficado comovida pela imagem de pessoas idosas que oferecem os seus bens de toda a vida para poder comprar pão e pagar as despesas urgentes.

Nos próximos parágrafos do relato Iza Klementowska decide transmitir a sua própria imagem de Lisboa que ela compõe através de fotografias, cartas e outros objectos de valor sentimental e sujeitos à venda. São, em particular, as fotografias que comovem a jornalista, tanto pelo carácter privado quanto pelo valor histórico, de acordo com a citação que se segue:

Zdjęcia niemal sklejały się, ocierają o siebie, choć ludzie, którzy widnieją na nich, są sobie zupełnie obcy. [...] Są też zdjęcia budynków. Gdyby ktoś wpadł na pomysł, mógłby zrobić z nich przewodnik po starej Lizbonie i porównać ze współczesną. [...] Z tych fotografii można by ułożyć historię Lizbony lub może nawet całej Portugalii. (Klementowska 2014: 11-12)

As fotos quase se juntam, roçando-se uma na outra, embora as pessoas nelas sejam estranhas para si. [...] Há também fotos de edifícios. Se alguém quisesse, poderia fazer um guia da Lisboa antiga e compará-la com a contemporânea com base nessas fotos. [...] Dessas fotos poder-se-ia reconstruir a história de Lisboa ou mesmo de todo Portugal.

O caleidoscópio das pequenas imagens permite à jornalista mergulhar no passado da capital e das pessoas desconhecidas, levando-a a realizar uma reflexão sobre as memórias do passado que ninguém nunca mais voltará a viver. Por outras palavras, os parágrafos dedicados ao impacto emocional causado pelas fotos podem ser, nem mais nem menos, uma explicação do termo *saudade* para o leitor polaco. Para entender melhor as intenções da jornalista, leia-se o parágrafo terminal do relato em questão:

Kiedy wychodzi się z targu Feira da Ladra na ruchliwą ulicę, po której jeżdżą najnowsze samochody i piętrowe klimatyzowane autobusy z turystami, człowiek czuje się, jakby zagubił się w czasie. [...] Jedno jest pewne, po Feira da Ladra *saudade* się po prostu oddycha. (Klementowska 2014: 15)

Quando se sai da Feira da Ladra à rua movediça, pela qual vão carros modernos e autocarros com ar condicionado e turistas, uma pessoa sente-se como se se tivesse perdido no tempo. [...] Uma coisa é certa, depois da Feira da Ladra simplesmente se inala a saudade.

Evidentemente, o ambiente dentro da feira representa os outros tempos, enquanto o mundo fora do mercado é a realidade actual, o que aumenta o contraste entre o presente e o passado. Aliás, há que ter em conta que Iza Klementowska é a única dos quatro autores das obras do *corpus* que decide apresentar o conceito da *saudade* e incluí-lo na imagem de Portugal que ela conheceu.

A seguir, ao longo do livro podemos ver que a jornalista dedica muitas páginas à história contemporânea de Portugal, em particular às décadas do regime salazarista. Para documentar o impacto da ditadura na sociedade portuguesa, a autora realizou várias entrevistas com habitantes nativos, incluindo também pesquisas privadas em arquivos, instituições e outros sítios que pudessem fornecer mais detalhes acerca do assunto em questão. Neste caso, o assunto de maior relevância e com maior número de parágrafos dedicados é a ditadura de António de Oliveira Salazar, que governou Portugal entre 1932 e 1968. De facto, o livro de Iza Klementowska forneceu o maior número de detalhes acerca do regime político de Salazar e das consequências sócio-políticas daqueles 36 anos do governo salazarista, de entre as quatro obras do *corpus*. Por esta razão, *Samotność Portugalczyka* tem muito valor no que diz respeito à análise da imagem de Portugal por viajantes polacos na presente dissertação. Sem dúvida, a quantidade dos parágrafos

que relatam as dificuldades do dia-a-dia dos portugueses ao longo dos anos do regime não nos fornecem uma imagem positiva de Portugal.

Começaremos pelo relato ligado à figura de António de Oliveira de Salazar e sua vida quotidiana no Palácio de São Bento. O relato em questão tem por objectivo mostrar a face mais privada e íntima do homem que governou Portugal durante quase quarenta anos. Tendo em conta o facto de o público polaco ter muito pouco conhecimento da figura de Salazar, o relato proporcionado pela jornalista é de grande valor, quer no campo de investigações, quer no sentido literário. Graças a este texto os leitores polacos ganham a oportunidade de alargar os seus conhecimentos acerca do Portugal salazarista de uma forma acessível. Além disso, considera-se muito impressionante a atitude de Klementowska, por ela ter realizado uma investigação muito detalhada para conhecer melhor a silhueta do ditador.

O relato sobre Salazar começa de uma forma muito intrigante, dado que a autora destaca o nome de Maria da Conceição de Melo Rita, uma das pessoas presentes no circuito de pessoas mais próximas de Salazar que, anos após a morte do ditador, decidiu publicar um livro a fim de contar o dia-a-dia que se vivia no Palácio de São Bento.

José Saramago w *Roku śmierci Ricarda Reisa* zauważył, że Portugalczycy lubią wścibiać nos w nie swoje sprawy. [...] Dlatego od 2007 roku, kiedy po raz pierwszy ukazały się wspomnienia podopiecznej Salazara Marii da Conceição de Melo Rity *Os meus 35 anos com Salazar* [Moich 35 lat z Salazarem]⁴⁴, dodrukowano już pięć edycji książki. Portugalczycy chcieli się dowiedzieć, kim i jaki był człowiek, który potrafił zastraszyć i zakneblować usta milionom obywateli. (Klementowska 2014: 121-122)

José Saramago em *O ano da morte de Ricardo Reis* reparou que os portugueses gostam de meter o nariz em assuntos alheios. [...] Por este motivo, desde 2007, quando se publicaram por primeira vez *Os meus 35 anos com Salazar*, memórias de Maria da Conceição de Melo Rita, uma aluna de Salazar, reimprimiram-se já cinco edições do livro. Os portugueses queriam saber quem, e como era o homem que sabia atemorizar e fechar a boca de milhões de cidadãos.

Note-se também que a jornalista cita as palavras enunciadas por José Saramago numa das obras mais conhecidas do escritor, a fim de descrever os portugueses. Como podemos ver, neste caso as palavras do autor de *O ano da morte de Ricardo Reis* dão a Klementowska a oportunidade de apresentar a característica, que Saramago achou uma das principais dos portugueses: a curiosidade pela vida alheia. Merece ser destacada também a quantidade de detalhes acerca do povo português acumulada nesta citação onde a jornalista apresenta os portugueses na altura do regime salazarista

44 Tradução de Iza Klementowska.

como pessoas caladas e atemorizadas. O próprio António Salazar é descrito como um tirano, por tomar medidas brutais a fim de controlar a sociedade portuguesa. Tudo isto proporciona uma imagem bastante negativa de Portugal como um país onde os cidadãos não podem gozar da liberdade e dos direitos básicos.

Quanto à figura de Maria da Conceição de Melo Rita, o facto da inclusão desta personagem no relato é de alta importância, uma vez que, na maioria das publicações ligadas a Portugal e sua história publicadas em língua polaca, os detalhes sobre a vida privada de António de Oliveira Salazar costumavam ser omitidos ou manipulados:

21 maja 1938 roku dziennik „O Século” zamieścił na pierwszej stronie tekst *Como vive e trabalha o Sr. Dr. Salazar* [Jak żyje i pracuje profesor Salazar]⁴⁵. [...] Przekaz miał być jednoznaczny: pokazać ludzką twarz premiera Portugalii. Salazar jako ten, który poświęcił się pracy dla narodu, wie również, co znaczy mieć rodzinę, choćby była ona pozszywana z przypadkowych ludzi – małej Micas i gospodyni Marii de Jesus Caetano Freire. Dziewczynka trafiła do domu Salazara w 1936 roku. Pochodziła z biednej wielodzietnej rodziny. (Klementowska 2014: 122-123)

A 21 de Maio de 1938 o jornal "O Século" publicou na primeira página o texto *Como vive e trabalha o Sr. Dr. Salazar*. A mensagem havia de ser definitiva: mostrar a cara humana do primeiro ministro de Portugal. Salazar, tendo-se dedicado ao labor para a nação, sabe também o que significa ter uma família, mesmo que seja composta por pessoas aleatórias: a pequena Micas e Maria de Jesus Caetano Freire, a ama de casa. A menina veio para casa de Salazar em 1936. Era de uma família pobre e numerosa.

A pequena «Micas», nome que costumava ter de pequena Maria da Conceição de Rita Melo, teve muito impacto na formação da imagem pública de Salazar, tornando-o mais humano e quotidiano. Depois, as descrições das pessoas mais próximas do primeiro ministro, que se seguem nos parágrafos seguintes do relato em questão, têm características muito propagandistas, ao enumerarem alguns dos elementos mais importantes da doutrina do Estado Novo: a igreja, a família e o labor pela nação.

Obviamente, a política de um estado repressivo e vigilante, que António Salazar realizou ao longo do seu governo, tornaram o ditador numa personagem muito controversa. Apesar de terem passado mais do que quatro décadas, o período salazarista continua a ser alvo de muita polémica, em particular nos circuitos de historiadores. Merece destaque a opinião de António Barahona da Fonseca, que Iza Klementowska encontrou numa entrevista do jornal *Ler*. Naquela entrevista o poeta criticou muito José Saramago pela sua atitude muito radical quanto à ideia da fundação de um museu dedicado a António Salazar, coisa que podemos ler logo no início do relato em questão:

⁴⁵ *Ibidem*

António Barahona da Fonseca, poeta, w wywiadzie dla „Ler”: „[...] Ale kiedy José Saramago w telewizji oznajmił, że protestuje przeciw powstaniu muzeum António de Oliveiry Salazara w Santa Comba Dão, stwierdziłem, że to idiotyzm. Cokolwiek mówić, jego rządy to kawał naszej historii.” (Klementowska 2014: 121)

António Barahona da Fonseca, poeta, numa entrevista para "Ler": "[...] Mas, quando José Saramago declarou que protestava contra a fundação do museu de António de Oliveira Salazar em Santa Comba Dão, eu julguei que era uma idiotice. Seja o que for, o seu governo é uma grande parte da nossa história."

Curiosamente, para um grupo dos leitores polacos, a leitura dos parágrafos ligados tanto à vida privada de Salazar como às décadas do seu regime pode conduzi-los a umas conclusões muito interessantes sobre a Polónia e Portugal das décadas anteriores. Haverá, pelo menos, duas razões.

Primeiro, é possível encontrar semelhanças entre a atitude de resistência de José Saramago quanto à figura do ditador e a atitude de certos grupos de políticos e activistas polacos que se opõem à presença de certas construções e estátuas em espaços públicos. O alvo principal da crítica são edifícios e monumentos construídos entre os anos 1945-1989, ou seja, no período em que a Polónia esteve sob o domínio soviético.

Segundo, em teoria, os regimes políticos do Portugal salazarista e da Polónia Popular têm pouco a ver um com o outro, principalmente no campo da religião. Tenha-se em conta que Salazar incluiu algumas das doutrinas da Igreja Católica na ideologia do Estado Novo, enquanto os governos comunistas da República Popular da Polónia mantiveram a Igreja afastada dos assuntos políticos do Estado. Porém, os regimes políticos de ambos os países eram sistemas opressivos e totalitários. Tanto o governo do Portugal salazarista como o governo da República Popular da Polónia aplicaram a mesma política de repressão e propaganda, a fim de manter a população sob o máximo controlo possível. Concluindo, será que conhecer a imagem de Portugal pode permitir aos leitores polacos conhecer e, em consequência, entender melhor o próprio país?

Depois, nos próximos parágrafos do relato, o ditador vai ganhando uma face mais humana, com todas as fraquezas típicas de um ser humano. É-nos dada a oportunidade de conhecer o dia-a-dia de Salazar, as pessoas mais próximas em situações quotidianas e até a sua relação com a jornalista francesa Christine Garnier (cujo carácter teria sido, provavelmente, amoroso). Vejamos as citações relativas à figura de Garnier:

Był już po sześćdziesiątce, gdy w jego życie wkroczyła francuska pisarka i dziennikarka Christine Garnier. Mówiła, że fascynuje ją głównie jego osobowość – jako lidera państwa i jako człowieka.

- Jest pan wybitną postacią! - powtarzała.

A on nie zaprzeczał. W pałacowych korytarzach wrzało, bo nikt jeszcze nie zbliżył się do Salazara tak bardzo jak ona. Garnier była mężatką.

(Klementowska 2014: 127)

Tinha já sessenta e uns anos quando na vida dele entrou a escritora e jornalista francesa Christine Garnier. Dizia que a fascinava a personalidade dele – como um líder de Estado e como um homem.

- Você é uma personagem extraordinária! - repetia.

E ele não negava. Nos corredores do palácio havia muita azáfama, pois ninguém se tinha aproximado tanto de Salazar como ela. Garnier era casada.

No texto original da citação, escrito com uma linguagem muito viva e literária ao mesmo tempo, a autora descreve o primeiro ministro como uma pessoa muito reservada e solitária, uma vez que «...ninguém se tinha aproximado tanto de Salazar...». Aliás, a revelação de certos factos da vida privada de António Salazar, como, por exemplo, uma relação muito íntima com a escritora francesa, com certeza surpreendeu muito milhares de portugueses, em particular aqueles que viveram muitos anos das suas vidas sob o seu regime. Da mesma forma, os leitores polacos podem ver que o ditador português, igualmente a outros ditadores, tinha também outras faces que o público em geral desconhecia. Por outras palavras, a intenção do autor da presente dissertação é demonstrar uma vez mais que a leitura dos relatos ligados a Portugal e sua história sempre nos pode conduzir a novos pontos de vista acerca do nosso país de origem

Em seguida, o livro de Iza Klementowska destaca-se no que diz respeito ao registo das memórias da época salazarista por parte da sociedade portuguesa. Como veremos, a jornalista baseia os relatos ligados às lembranças em várias entrevistas com cidadãos portugueses, maioritariamente vítimas de torturas e detenções efectuadas por serviços de Estado (PIDE / DGS). Entre os exemplos de histórias registadas por Klementowska, contam-se duas que se consideraram as mais relevantes: a história de D. António que foi preso por agentes da PIDE em Agosto de 1966 e isolado no Forte de Caxias (oficialmente Forte de D. Luís I), e um ciclo de aulas de história contemporânea de Portugal que o senhor Ferreira⁴⁶ dava ao Paulo, seu neto. Antes de falar sobre as lembranças de D António, vejamos o que disse a esposa dele durante a entrevista organizada pela jornalista:

⁴⁶ Por falta de uma nota explicativa, foi impossível confirmar o carácter verossímil ou fictício dos nomes das personagens mencionadas nos relatos de Iza Klementowska, excepto das pessoas conhecidas publicamente.

Raz miała sen, że we śnie umarli jednocześnie i wyglądali jak Inês de Castro i Piotr I, których grobowce znajdują się w klasztorze w Alcobaça. Dona Augusta uwielbia ich historię. Dona Augusta poprawia się: lubi wszystkie tragiczne historie miłosne. (Klementowska 2014: 28)

Uma vez sonhou que morreram ao mesmo tempo e eram como Inês de Castro e Pedro I, cujos sepulcros se encontram no mosteiro de Alcobaça. D. Augusta adora a sua história. D. Augusta corrige-se: gosta de todas as histórias de amor trágicas.

De uma forma pouco esperada, a entrevista realizada em casa de D. António e D. Augusta, sua esposa, deixa que Iza Klementowska mencione a trágica história de amor de D. Pedro I e Inês de Castro, uma vez que a mulher do protagonista do relato tem um gosto enorme por histórias amorosas. Embora seja uma nota muito breve e reduzida, o texto de Iza Klementowska confirma a importância da lenda na imagem de Portugal nos autores das obras do *corpus*. Além disso, não nos podemos esquecer que tanto Franciszek Ziejka como Renata Gorczyńska dedicam vários parágrafos a narrar a trágica história de amor do rei português e sua amada, facto analisado nas partes anteriores da presente dissertação.

Voltando ao tema principal do relato em questão, o texto fornece-nos uma imagem muito negativa do Portugal na época do Estado Novo: um país de torturas, perseguições e ameaças vindas dos serviços dependentes da administração salazarista. Um país que queria aplicar a doutrina da Igreja Católica na vida social e política, mas cujos funcionários públicos estavam longe de tratar os prisioneiros políticos com misericórdia. E o responsável por esse terror era António de Oliveira Salazar. Durante a entrevista, dom António conta parte da experiência que viveu no forte de Caxias e a sua reflexão acerca da figura do ditador, o que se pode ler na citação em baixo:

Czasami zdarzało mu się jednak zasnąć. Nie wie, na jak długo. Budziły go strumienie lodowatej wody, którą puszczano mu prosto w twarz. Po jakimś czasie – dom António nie wie jakim – czuł się jak własny cień. Potem przestał się czuć w ogóle. [...]

Dziś zastanawia się, jak to możliwe, że tak pobożny człowiek, za jakiego chciał uchodzić Salazar, stworzył całe zastępy krzywdzicieli, służalczych psów, które pilnowały na wszelkie możliwe sposoby, żeby więzień nie zasnął. (Klementowska 2014: 32-33)

Às vezes conseguia adormecer. Não sabe por quanto tempo. Acordavam-no fluxos de água gelada atirados directamente na cara. Passado um tempo – D. António não sabe quanto tempo – sentia-se como a sua própria sombra. Depois, deixou de sentir-se por completo. [...]

Hoje pensa como é possível que um homem tão devoto, como Salazar gostava de ser visto, tivesse criado tantas patrulhas de cães obedientes que tomavam todas as medidas possíveis para o prisioneiro não ficar adormecido.

A descrição do hábito de acordar o prisioneiro com água gelada, que podemos ver na citação, é só uma das várias torturas que a jornalista enumera durante a entrevista com o D. António. Quanto à relevância deste assunto, não nos podemos esquecer que, através das práticas dos serviços secretos portugueses, os leitores polacos têm a oportunidade de encontrar semelhanças históricas entre a Polónia e Portugal, tendo em conta que as normas de interrogatórios e torturas (ou maltratos) praticadas pela Milícia Cívica [em polaco: *Milicja Obywatelska*] eram muito parecidas com as da PIDE (DGS entre 1969 e 1974). Depois, a opinião dada pelo ex-prisioneiro sobre o carácter dualista da atitude de António Salazar é outro elemento que merece destaque, devido à importância do ditador na imagem geral de Portugal, em particular na segunda metade do século XX. O facto de o primeiro ministro se declarar publicamente católico e, ao mesmo tempo, torturar as pessoas que julgava serem seus oponentes políticos, deveria ser pelo menos constrangedor para o público polaco.

Quanto ao relato dedicado à personagem do senhor Ferreira, a jornalista opta por dividir o texto em sete unidades (em polaco «*lekcje*», em português «aulas») para dar uma imagem mais detalhada acerca da realidade de vigilância, medo e repressão que viveram os cidadãos portugueses durante o Estado Novo:

Lekcja numer 3

[...] Nie było dnia, żeby w parku nie przechadzali się też policjanci; zawsze po cywilnemu, zawsze w ciemnych garniturach, zawsze w kapeluszach. I obserwowali, słuchali. Musieli mieć ku temu chyba jakieś wybitne uzdolnienia. Byli jak mikrofon, teleskop i luneta razem wzięte, wszystko widzieli i słyszeli. Jak detektory wykrywające słowa: „Salazar rządzi za długo. Biedniejemy przez niego”, „Nie zgadzam się z jego polityką”, „Chcę demokracji”, „Chcę decydować o sobie”, „Nie może mi mówić, jak mam żyć i wychowywać swoje dzieci”. (Klementowska 2014: 57)

Aula número 3

[...] Não havia dia sem ver os polícias a passear pelo parque: sempre à paisana, sempre de fatos escuros, sempre de chapéus. E observavam, ouviam. Deviam ter tido talentos extraordinários. Eram como um microfone, telescópio e luneta em conjunto, viam e ouviam tudo. Como aparelhos a detectar palavras: "Salazar governa demasiado tempo. Somos mais pobres por ele", "Não concordo com a política dele", "Quero democracia", "Quero decidir sobre mim", "Ele não pode dizer-me como hei-de viver e criar os meus filhos".

O texto em cima transmite a imagem do dia-a-dia dos cidadãos portugueses, conforme as memórias do senhor Ferreira que ele contou ao neto Paulo durante uma das aulas em casa, e que

anos mais tarde a jornalista viria a publicar no livro em questão. Primeiro, a onnipresença e a eficácia dos serviços de vigilância tiveram muito impacto na imagem de Portugal, visto como um país sem liberdade. Aliás, as frases que, supostamente, teriam dito milhares dos portugueses em conversas privadas sobre António de Oliveira Salazar e a sua política tornam a face do país ainda mais escura. O medo e a sensação de uma ameaça permanente levaram as pessoas a tomar medidas máximas de segurança, a fim de evitar uma confrontação possível com qualquer funcionário da polícia política, o que se pode ler noutra nota do relato que se segue em baixo:

W restauracjach również mówiliśmy półgłosem i o rzeczach codziennych: co kupić synkowi na urodziny, dokąd na wakacje, czy ryba smakuje. Grzebiąc pomiędzy ośmi, obserwowaliśmy sąsiadów przy pobliskich stolikach. Czekaliśmy na jakikolwiek ruch, który potwierdziłby, że mamy rację: ten tam pod ścianą, pałaszujący kurczaka, to policjant. (Klementowska 2014: 58)

Nos restaurantes também falávamos a meia voz sobre as coisas do dia-a-dia: o que comprar para o filho para os anos dele, onde íamos passar as férias, se o peixe estava bom. Mexendo entre as espinhas [do peixe], observávamos os vizinhos de outras mesas. Esperávamos qualquer movimento que confirmasse que tínhamos razão: aquele ali ao lado da parede, a comer frango, era um polícia.

Ainda durante o período salazarista, destaca-se um relato mais, onde a autora fala da importância da cidade de Lisboa na altura da II Guerra Mundial. Como já se disse nas páginas anteriores do presente trabalho, em particular nas que foram dedicadas ao livro de Renata Gorczyńska, entre 1939 e 1945 Lisboa viveu um tempo intenso, devido à chegada massiva de população estrangeira que pretendia passar pelo território português para ir o mais longe possível dos territórios ocupados pelas tropas nazis, de acordo com a citação que se segue:

Podczas II wojny światowej Lizbona była wrotami do wolności. Uchodźcy z Belgii, Holandii i Europy Środkowo-Wschodniej kierowali się najpierw do Francji. Stamtąd nie mogli się już przedostać dalej bez portugalskiej wizy tranzytowej. Hiszpania nie wpuszczała obywateli innych krajów, jeśli nie okazali wizy wystawionej przez portugalskich dyplomatów. (Klementowska 2014: 142)

Durante a II Guerra Mundial Lisboa era um portal para liberdade. Refugiados da Bélgica, Holanda e Europa Central-Leste iam primeiro a França. Uma vez lá, não podiam continuar a viagem sem o visto de trânsito português. Espanha não deixava entrar cidadãos de outros países se estes não apresentassem um visto emitido por diplomatas portugueses.

Mais uma vez temos a oportunidade de ver que os autores que viajaram para Portugal, especialmente os que viajaram já no século XXI, querem preservar a memória histórica dos acontecimentos da II Guerra Mundial (Klementowska, Gorczyńska, Ciechanowski). A imagem de Portugal que decidem transmitir é um Portugal que, num determinado momento da História, se tornou casa para várias pessoas de nacionalidade polaca, mesmo se fossem apenas uns dias ou umas semanas. A investigação feita pela jornalista revela vários nomes e apelidos de cidadãos polacos, principalmente de origem judaica, o que, de modo natural, chamou a atenção dela. Essas pessoas passaram pelo escritório do cônsul Aristides de Sousa Mendes a fim de receber um visto de trânsito que lhes permitisse sair do território francês, então ocupado pelos alemães:

18 czerwca Aristides de Sousa Mendes zapisał w rejestrze:
Pod numerem 2033 – Ida Bloch.
Pod numerem 2040 i 2041 – Eugeniusz Erbsztajn i Maria Erbsztajn.
Pod numerem 2057 i 2058 – Liubow Sztejn i Salomon Sztejn.
(Klementowska 2014: 147-148)

A 18 de Junho, Aristides de Sousa Mendes anotou no registo:
Sob o número 2033 – Ida Bloch.
Sob o número 2040 e 2041 – Eugeniusz Erbsztajn e Maria Erbsztajn.
Sob o número 2057 e 2058 – Liubow Sztejn e Salomon Sztejn.

A nota, apesar de ter sido escrita de uma forma bastante simples, retrata o carácter dramático da época histórica em questão. Ao lado dos números aparecem pessoas que estavam à espera dos documentos, pois noutro caso estariam condenadas à morte num campo de concentração. Porém, o relato em questão tem uma figura mais que merece destaque, ao lado da capital portuguesa e os refugiados: a personagem de Aristides de Sousa Mendes, conhecido geralmente por ter salvado milhares de pessoas, maioritariamente de origem judaica e oriundas da Europa Central-Leste, que tentavam fugir do terror causado pelo exército da Alemanha nazi, como pudemos ler nos parágrafos anteriores.

A história de Aristides de Sousa Mendes é mencionada já na publicação de Renata Gorczyńska, embora de uma forma bastante limitada. Mas só com o relato de Klementowska podemos conhecer uma imagem mais completa da figura do cônsul, a sua atitude em relação aos refugiados e a sua vida nos anos posteriores à II Guerra Mundial, até à morte em pobreza e miséria no dia 3 de Abril de 1954 (Klementowska 2014:138). Aliás, Klementowska recorda palavras que Sousa Mendes escreveu para justificar a desobediência à decisão de Salazar de não permitir a entrada a várias pessoas no território português:

De Sousa Mendes napisał w swojej obronie: „Prędzę stanę z Bogiem przeciwko człowiekowi niż z człowiekiem przeciwko Bogu”. (Klementowska 2014: 151)

De Sousa Mendes escreveu em sua defesa "Prefiro ficar com Deus contra o homem, a ficar com o homem contra Deus".

A mensagem desta frase é simples: mostrar a falsa atitude cristã de António de Oliveira Salazar. Neste lugar, vale a pena recordar a história de D. António e sua crítica sobre o carácter dualista da atitude do ditador, analisadas nos parágrafos anteriores da presente secção. As decisões de Salazar de não permitir a entrada de pessoas que estavam sob a ameaça de uma morte terrível num campo de concentração contrastava com o esforço de Sousa Mendes para salvar a vida dessas pessoas. Aliás, não nos podemos esquecer que a autora do relato nasceu na Polónia, país que antes da II Guerra Mundial tinha muitos cidadãos judeus o que, em parte, poderia explicar o interesse da jornalista pela figura do cônsul.

A jornalista conclui o relato com uma nota acerca do número das pessoas salvas por Aristides de Sousa Mendes, a fim de recordar o heroísmo do cônsul:

Podczas kilkunastu czerwcowych dni 1940 roku Aristides de Sousa Mendes wystawił ponad trzydzieści tysięcy wiz uciekającym przed niemiecką opresją, w tym ponad dziesięć tysięcy Żydom. Tym samym prawdopodobnie ocalił im życie. Portugalski rząd zrehabilitował go w 1988 roku. (Klementowska 2014: 152)

Durante vários dias de Junho de 1940 Aristides de Sousa Mendes concedeu mais de trinta mil vistos às pessoas que fugiam da opressão alemã, incluindo mais de dez mil judeus. Provavelmente, dessa forma salvou-lhes a vida. O governo português reabilitou-o em 1988.

A fama que Aristides de Sousa Mendes ganhou por ter salvado a vida de tantas pessoas, contrasta com a miséria e isolamento dos últimos anos da sua vida, a que foi condenado pelo regime salazarista, de acordo com os últimos parágrafos do relato em questão.

Note-se que Portugal, que hoje é considerado um país muito sossegado e atractivo do ponto de vista turístico, ainda há poucas décadas era um país com pouca liberdade, governado por um ditador e cuja população era controlada por serviços dependentes do ditador. Conforme a opinião do autor do presente trabalho, o regime autoritário do Estado Novo tornava-o muito similar ao regime comunista da Polónia Popular, uma vez que os cidadãos de ambos os países enfrentavam os mesmos problemas: falta da liberdade de expressão, perseguições por parte dos serviços de

vigilância, censura ou falta de trânsito livre de pessoas.

A realidade que vivia a parte feminina da sociedade portuguesa no Portugal dos anos 1932-1974 também é um assunto de alta importância, uma vez que as outras obras do *corpus* não nos forneceram mais pormenores acerca deste tópico. Por este motivo, decidiu-se analisar o relato dedicado ao escândalo que causou a publicação do livro *Novas Cartas Portuguesas*, da autoria de três mulheres: Maria Teresa Horta, Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa.

Se os parágrafos ligados às torturas e à repressão praticadas pela PIDE/DGS já retratam Portugal como um país pouco atractivo para viver, o relato dedicado à vida da mulher na mesma época seria capaz de tornar essa imagem ainda mais pessimista. O Portugal de António de Oliveira Salazar é visto, por Klementowska, como um estado com muita desigualdade de género. Conforme o ponto de vista da jornalista, a lei da época discriminava as mulheres, proibindo-lhes exercer actividades em vários campos (mercado de trabalho, eleições ou educação), de acordo com o texto em baixo:

Artykuł piąty konstytucji Portugalii z 1933 roku opierał się na dwóch encyklikach Kościoła katolickiego – *Rerum novarum* (1891) i *Quadragesimo anno* (1931) – które głosiły, że naturą kobiet jest przebywać w domu, rodzić i wychowywać dzieci i w pełni oddawać się gospodarstwu domowemu.

Propaganda António de Oliveiry Salazara dodawała: „kobiety stoją po stronie natury, mężczyźni zaś po stronie kultury”. Oraz: „rodzina jest źródłem ochrony i rozwoju rasy” i „fundamentem całego porządku politycznego”⁴⁷. (Klementowska 2014: 17)

O quinto artigo da constituição de Portugal de 1933 baseou-se em duas encíclicas da Igreja católica – *Rerum novarum* (1891) e *Quadragesimo anno* (1931) – que afirmavam que a natureza da mulher é estar em casa, dar à luz e criar os filhos e entregar-se plenamente ao lar.

A propaganda de António de Oliveira Salazar acrescentava: "as mulheres são do lado da natureza, enquanto os homens são do lado da cultura". Além disso: "a família é a fonte da protecção e desenvolvimento da raça" e "o fundamento de toda a ordem política".

Esta nota descreve Portugal como um país de patriarcado e muito tradicional, onde as mulheres são destinadas a ficar em casa para tomar conta dos maridos e dos filhos, enquanto os homens têm mais privilégios, podendo participar livremente na vida social, política e cultural. Além disso, a divisão dos homens e mulheres em duas categorias, «da natureza» e «da cultura» é discriminante, não só por classificar as mulheres como seres mais primitivos, mas também por excluí-las da grande parte da vida social e política. Em consequência, a parte feminina da sociedade portuguesa não

⁴⁷ As frases entre aspas foram traduzidas por Iza Klementowska. O texto original é da publicação *Women under Salazar's Dictatorship*, "Portuguese Journal of Social Science", t.1, nº 2, Julho de 2002 (em: Klementowska 2014: 17)

tinha direito de influir no futuro do seu país da mesma forma que os homens entre os anos 1932-1974. Quanto às autoras de *Novas Cartas Portuguesas*, a jornalista descreve o impacto que o livro teve na sociedade portuguesa, muito conservadora na altura da publicação do livro. Eis as consequências da publicação da obra:

Trzy dni po ukazaniu się na rynku agencji tajnej policji DGS (Direção-Geral de Segurança, Generalnej Dyrekcji Bezpieczeństwa) długo chodzili po księgarniach i zbierali wszystkie dostępne jeszcze egzemplarze książki. Po krótkim namyśle, co z nimi zrobić, Moreira Baptista wydał rozkaz:

- Zniszczyć!

Autorki nazwano „trzema sprytnymi pajakami”, książkę „szkodliwą dla moralności społeczeństwa i rozpowszechniającą treści pornograficzne”.

Marie aresztowano dwa miesiące później. (Klementowska 2014: 23)

Três dias depois da estreia no mercado, os agentes da polícia secreta DGS passaram muito tempo a percorrer livrarias para recolher todos os exemplares do livro que ainda estavam disponíveis. Após uma reflexão rápida sobre o que fazer com eles, Moreira Baptista ordenou:

- Destruir!

As autoras foram chamadas "três aranhas espertinhas", o livro "prejudicial para a moralidade da sociedade e propagador de conteúdos pornográficos".

As Marias foram presas dois meses mais tarde.

A situação descrita na citação teve lugar na Primavera de 1972, pouco depois do lançamento do livro *Novas Cartas Portuguesas*. De acordo com a autora em análise, apesar da morte de António Salazar em Julho de 1970 e do declínio da ditadura, em Abril de 1972 Portugal continuava a ser um país onde ainda reinava a censura e a falta da liberdade de expressão, quer cultural, quer política. Por isso, as autoras de *Novas Cartas Portuguesas* foram perseguidas e, finalmente, presas, só por terem publicado uma obra contra as normas morais impostas pelo Estado Novo. Em consequência, não é de estranhar que a imagem de Portugal nos capítulos dedicados aos anos do regime salazarista não seja positiva, tendo em conta todas as restrições introduzidas pelo governo de Salazar.

A seguir, destaca-se o assunto das guerras coloniais e o impacto que estas tiveram na sociedade portuguesa a partir dos anos 60. Este tópico, de certa forma ligado ao tópico do Portugal salazarista analisado nos parágrafos anteriores, também merece ser mencionado, uma vez que Klementowska é a única dos quatro autores das obras do *corpus* a investigar o assunto. É também a única a explicar a influência dos movimentos migratórios em Portugal desde o fim da época colonial, dando-nos a oportunidade de conhecer várias comunidades migratórias, entre as quais merecem destaque: a comunidade dos cidadãos portugueses que fugiram das ex-colónias após o 25 de Abril de 1974 (popularmente nomeados *retornados*⁴⁸), a comunidade dos imigrantes autóctones das ex-colónias

48 Bernardo Vasconcelos e Sousa, Nuno Gonçalo Monteiro, Rui Ramos, *História de Portugal – Edição Especial*, A Esfera dos Livros, Lisboa, 2012, p. 720.

(Angola, Moçambique), incluindo até a comunidade dos portugueses que emigraram para vários países europeus ou das Américas na segunda metade do século XX. Como sempre, essa parte da história portuguesa também é contada do ponto de vista de um ser humano individual. Em geral, ao longo do seu livro, Klementowska evita dar factos puramente históricos ou de carácter estatístico, tentando descrever o trajecto da História a partir da vida de uma pessoa, nomeadamente alguém que ela própria conheceu e entrevistou durante o processo de elaboração dos relatos. Vejamos como, em poucas palavras mas com muitos detalhes, a jornalista consegue retratar parte da vida de um dos protagonistas dos relatos:

Dom Rui należy do *retornados*, czyli tych Portugalczyków, którzy urodzili się na terenie zamorskich kolonii portugalskich, a po Rewolucji Goździków w 1974 roku powrócili do kraju swoich przodków. Dom Rui był bankierem z dziada pradiada, prowadził jeden z oddziałów Banco Nacional de Angola w Luandzie. Myślał, że tak spokojne życie będzie wiódł po koniec swoich dni. I to mu pasowało. Tylko że niespodziewanie nastąpił koniec tego ułożonego świata. (Klementowska 2014: 88)

D. Rui pertence aos *retornados*, ou seja, aos portugueses que nasceram no território do Ultramar, e depois da Revolução dos Cravos em 1974 regressaram ao país dos seus antepassados. D. Rui era banqueiro, de geração a geração, administrava uma das sucursais do Banco Nacional de Angola em Luanda. Pensava que ia ter uma vida tranquila até ao fim dos seus dias. E isso dava-lhe jeito. Só que o fim desse mundo organizado chegou de uma forma inesperada.

Desta forma, os relatos de viagens de Iza Klementowska deram ao público polaco a possibilidade de enriquecerem a sua imagem de Portugal, incluindo nela as várias comunidades migrantes que foram chegando. De certa forma, podemos dizer que os parágrafos dedicados aos imigrantes oriundos das ex-colónias ou aos sobreviventes das prisões políticas são ecos do passado que ressoam ainda hoje e que, em consequência, determinam a vida da sociedade portuguesa actual. Curiosamente, poder-se-ia dizer que, por razões históricas e políticas, o povo polaco é bastante parecido ao povo português, uma vez que o território polaco sempre foi palco de várias emigrações, em particular desde o início do século XX. Muitos cidadãos polacos emigraram então para outros países, quer em busca de uma vida melhor, quer para viver num país com um regime político mais liberal, como, por exemplo a partir de 1945 quando muitos oponentes do regime soviético optaram por emigrar da Polónia, ocupada pelas tropas soviéticas, a fim de evitar repressões possíveis por parte do novo governo comunista. Passadas umas décadas, na segunda década do século XXI tem-se observado também um aumento de imigrantes no território polaco, em particular os do Leste Europeu (maioritariamente ucranianos). Em troca, houve outro êxodo da população polaca para

vários países da Europa Ocidental (principalmente Grã-Bretanha, Irlanda e Alemanha)⁴⁹. Ao indicar tal parecença entre os polacos e portugueses pode, Iza Klementowska sugerir que podemos falar de certa proximidade entre ambos os povos.

De outros assuntos presentes no livro de Klementowska, merece referência o gosto pela língua portuguesa que a jornalista descreve no início da sua publicação. Obviamente, não será a primeira vez que um autor estrangeiro faz um comentário privado acerca do português. No entanto, é certo que poucos seriam os estrangeiros capazes de apresentar a língua oficial de Portugal de uma forma tão pitoresca e poética como Iza Klementowska, de acordo com a seguinte citação:

Rozkoszowałam się melodią języka portugalskiego. Jego powolnością i rozciągniętością. Po niemieckim, który brzmi dla mnie – *desculpe* – jak tempo marszowe, głośnym włoskim, charczącym holenderskim i gruchającym francuskim, język portugalski działał na mnie jak gorzka czekolada z nadzieniem kokosowym. Rozpływał się we mnie. Zjadałam ten język. Dla mnie był smaczny od początku do końca. (Klementowska 2014: 6)

Deliciava-me com a melodia da língua portuguesa. Com a sua lentidão e extensão. Após o alemão que para mim soa – *desculpe* – como o ritmo do passo militar, o italiano barulhento, o holandês ofegado e o francês arrulhado, a língua portuguesa tinha o efeito igual ao chocolate negro com recheio de coco. Derretia-se em mim. Eu comia essa língua. Para mim foi saborosa do início ao fim.

Apesar de o texto não nos fornecer pormenores muito relevantes do ponto de vista académico, o seu estilo literário prova que a jornalista tem muita curiosidade pela língua portuguesa, quer pela sua natureza, quer pelas diferenças com outras línguas europeias.

Enfim, note-se que Iza Klementowska opta também por tomar em conta a presença dos milhares de turistas, incluindo-os no panorama geral de Lisboa. A quantidade e a onnipresença deles condu-la a fazer reflexões acerca da importância que os viajantes têm na imagem não só de Lisboa, mas em qualquer país em geral. Eis as conclusões que a jornalista nos deixa na parte terminal do seu livro:

49 <https://stat.gov.pl/en/topics/population/international-migration/main-directions-of-emigration-and-immigration-in-the-years-1966-2014-migration-for-permanent-residence,2,2.html> – *Main directions of emigration and immigration in the years 1966-2014 (migration for permanent residence)* - página de Główny Urząd Statystyczny (inglês: Statistics Poland), instituição oficial destinada a recolher dados estatísticos. (página visualizada a 17.12.18)

Turyści w zderzeniu z Lizboną i tak są bezsilni. Wim Wenders w filmie *Lisbon Story* wyznał, że im bardziej przypatrywał się miastu, tym bardziej się ono cofało. Jakby część chciało zostawić wyłącznie dla siebie. Zrozumiał, że nie da się poznać go do końca, jeśli nie jest się Portugalczykiem. I trzeba się z tym pogodzić. Podróżnik zawsze tylko prześlizgnie się po ciele obcego miejsca, rzadko kiedy trafi na nerw, który poprowadzi go głębiej. Pozostaje przyglądanie się. Dlatego, gdy momentami Lizbona lub jej mieszkańcy nie chcieli się przede mną otworzyć, nie naciskałam. Patrzyłam na nią i próbowałam ogarnąć. Obraz za każdym razem układał się inaczej. Jak dowolnie wybrany zestaw *azulejos*. Mozaika. (Klementowska 2014: 195)

Em confronto com Lisboa, os turistas são impotentes na mesma. Wim Wenders no filme *Viagem a Lisboa (Lisbon Story)* confessou que, quanto mais olhava para a cidade, esta parecia inclinar-se mais para trás. Como se quisesse conservar uma parte só para si. Chegou a perceber que era impossível conhecê-la até ao fim, se não se era português. E há que aceitá-lo. O viajante sempre só passará pela superfície do lugar desconhecido, raras vezes encontrará um nervo que o conduzirá mais fundo. Resta só observar. Por isso, quando às vezes Lisboa e seus habitantes não queriam abrir-se diante de mim, eu não pressionava. Olhava e tentava perceber. Uma imagem que de cada vez se compunha de maneira diferente. Como um conjunto aleatório de *azulejos*. Um mosaico.

É evidente que no parágrafo citado se trata da sensação de pertença e estranheza em relação ao lugar de que se está a falar. Há partes de Lisboa e do resto do país que ficam desconhecidas e inacessíveis para a jornalista, apesar de ela ter investigado Portugal e sua capital com muita atenção. É também, nem mais nem menos, a barreira linguística e cultural que impede que Klementowska possa perceber a realidade portuguesa cem por cento. Sendo estrangeira e nascida fora da cultura e língua portuguesa, é normal que Iza Klementowska não tenha conhecimento dos pormenores que formam parte da identidade portuguesa.

Por último, vale a pena acrescentar que os parágrafos relativos ao turismo massivo foram escritos pouco antes das críticas expressas nos anos posteriores à publicação do livro, quando várias pessoas ficaram contra a presença de milhares de turistas que influíam na vida quotidiana dos habitantes autóctones.

d) Jan Ciechanowski, *Portugalia, dziękujemy!* [*Portugal, obrigado!*]

Apesar de não participar de forma directa no conflito militar entre os países do Eixo e dos Aliados, Portugal também sofreu as consequências da II Guerra Mundial, uma vez que foi invadido por uma massa de imigrantes. Essas pessoas, oriundas principalmente da Europa Central-Leste e em muitos casos de origem judaica, esperavam fugir do terror da guerra. Como veremos, no caso da publicação de Jan Stanisław Ciechanowski os refugiados tornaram-se um dos elementos mais importantes das fotografias exibidas no livro.

Antes de entrar no assunto primordial do texto acerca dos refugiados polacos, há uma parte de *Portugal, obrigado!* destinada a descrever brevemente as relações bilaterais da Polónia e de Portugal até 1939. Desta forma, os leitores polacos podem ver que, apesar de uma distância bem evidente, ao longo dos séculos ambos os países têm mantido relações diplomáticas e culturais mais ou menos intensas. Fala-se, por exemplo, da presença dos polacos nas expedições marítimas dos navios portugueses durante a época das Descobertas, ou da troca de mercadorias entre os portos portugueses e do norte da Polónia (Ciechanowski 2015: 64). Na mesma página é mencionada uma lenda sobre o rei polaco Władysław Warneńczyk que, em vez de ter morrido na batalha de Varna em 1444, teria sido salvo milagrosamente e viria a passar o resto da sua vida na Ilha da Madeira. Igualmente ao livro de Ziejka, mencionam-se também as duas visitas de Damião de Góis ao Reino da Polónia em 1529 e 1531 e a preocupação das classes altas da sociedade portuguesa com as derrotas das Insurreições Polacas de 1830-1831 e 1863-1864 contra o domínio dos impérios estrangeiros (Ciechanowski 2015: 67). Enfim, na publicação de Ciechanowski decide-se reconstruir a viagem à ilha da Madeira que o marechal Józef Piłsudski fez entre Dezembro de 1930 e Março de 1931 (Ciechanowski 2015: 102-127). A introdução da pessoa do marechal de certeza é intencional, devido ao grande reconhecimento que ele tem na memória colectiva do povo polaco. Com tanta abordagem sócio-histórica, espera-se que os leitores de *Portugal, obrigado!* possam ver que a distância e as diferenças sócio-culturais não foram obstáculo nenhum para a colaboração dos dois países ao longo dos séculos. Ao mencionar a viagem do Marechal Piłsudski à ilha da Madeira, vale a pena acrescentar que, ao contrário das obras de Ziejka, Klementowska e Gorczyńska, em *Portugal, obrigado!* as ilhas portuguesas recebem mais atenção. A Madeira apresenta-se como o destino do marechal Piłsudski que decidiu repousar na capital da ilha para recuperar energias vitais. Depois, os Açores merecem destaque não só por ser uma base de trânsito aéreo transatlântico, mas também como o lugar de uma catástrofe aérea de Julho de 1929, onde morreu um piloto polaco⁵⁰. O

50 Trata-se do fracasso da tentativa de travessia aérea do Atlântico com um avião Amiot 123. A 13 de Julho de 1929 os pilotos Idzikowski e Kubala tiveram de realizar uma aterragem de emergência na ilha da Graciosa. Por desgraça, o campo de aterragem tinha muitas pedras que estragaram o avião e causaram o incêndio. (Ciechanowski 2015: 86-91)

facto de referir este incidente, apesar de não ser um facto de alta importância, pode ser considerado uma tentativa de procurar o maior número possível de registos históricos que documentem os contactos luso-polacos ao longo dos tempos. Note-se que o livro de Ciechanowski é a única das obras-chave onde se encontram registos sobre o arquipélago dos Açores.

A seguir, no capítulo dedicado à imagem física de Portugal temos a oportunidade de ver fotografias onde os imigrantes polacos aparecem em cenários típicos da vida quotidiana: durante uma caminhada pela praia, no centro de uma vila ou a tomar café numa das cafetarias na Avenida da Liberdade. Este tipo de imagens causa a sensação de que a qualidade da vida dos imigrantes polacos em Portugal era relativamente boa, em comparação com outras partes da Europa. De facto, a tranquilidade que emana dessas imagens até pode ser considerada irreal se pensarmos que ao mesmo tempo grande parte dos cidadãos polacos vivia sob o terror lá longe na Polónia.

Em todo o caso, Portugal certamente seria um canto bastante seguro onde os refugiados podiam ficar um tempo para repousar após uma longa viagem e pensar com mais calma o que haveriam de fazer a seguir. A citação em baixo confirma a relativamente boa posição dos refugiados polacos em Portugal, ao contrário dos outros países ocupados pelas tropas alemãs (ou, em alguns casos, pelo Exército Vermelho da União Soviética):

Na «pátria de Vasco da Gama», tal como os refugiados chamavam a Portugal, os Polacos encontraram-se num ambiente extremamente amistoso. A sua situação era bem melhor do que as condições em que viviam outros refugiados noutros países. Podiam admirar os encantos da belíssima paisagem portuguesa, as vilas pitorescas, os maravilhosos monumentos dos tempos gloriosos de Portugal, as praias e as estradas, muito boas...

O ambiente em que se encontravam os emigrantes polacos não podia de forma alguma alterar a sua difícil situação. As saudades da pátria ocupada por dois vizinhos totalitários, as vivências da guerra, os frequentes dramas pessoais, [...] - tudo isto suscitava entre os refugiados grande nervosismo e amargura. (Ciechanowski 2015: 231)

Obviamente, o bom clima não recompensava a distância entre Portugal e a Polónia, envolvida no conflito militar. Os polacos que residiam em Portugal tiveram de enfrentar vários tipos de obstáculos. Com certeza apreciavam os valores climáticos e visuais que o território português oferecia, mas, afinal de contas, as notícias da guerra apanhavam-nos mesmo à sombra de uma palmeira ou sob o sol numa praia. Enfim, os refugiados nunca se habituariam a viver tão longe da pátria, por muito tempo que ficassem na terra portuguesa. Há-de se dizer claramente que Portugal nunca viria a ser considerado um lar tão desejado como a Polónia noutros tempos.

A leitura dos comentários e das notas explicativas na parte dedicada à vida quotidiana dos

refugiados polacos fornece-nos detalhes que tornam a imagem de Portugal ainda mais pessimista, revelando outras faces mais escuras do país. As dificuldades com a legalização da residência ou com a obtenção dos vistos necessários para ir além do continente europeu, ou a confiscação dos passaportes logo após a chegada e a deslocação fora da capital: essas eram as dificuldades que desafiavam as pessoas que tinham vindo a Portugal a fim de encontrar um abrigo seguro o mais longe possível das tropas alemãs. Poder-se-ia dizer de uma forma literária que todos esses problemas eram uma sombra no oásis cheio de sol e palmeiras, como se falava de Portugal então.

Quanto aos assuntos políticos, há-de se ver que até o livro de Ciechanowski evita falar abertamente do impacto da «política de neutralidade» de António de Oliveira Salazar, sendo esta a causa principal dos obstáculos burocráticos que enfrentavam as pessoas vindas dos países ocupados pela Alemanha nazi, em particular as de origem judaica. É de destacar que em *Portugal, obrigado!* o nome do ditador é reduzido ao mínimo e mal se menciona em contextos ligados à política, facto que merece ser notado. Para saber mais do assunto, o leitor polaco precisaria de consultar os livros de Klementowska ou de Gorczyńska que, como pudemos saber nas partes do presente trabalho respectivas aos livros delas, investigam a atitude do Portugal salazarista frente aos imigrantes que na altura da II Guerra Mundial decidiram passar pelo território português.

Por falar tanto nos assuntos políticos, não nos podemos esquecer do facto de que em grande parte das fotografias exibidas no livro se apresentam pessoas das classes altas do povo polaco que estavam a exercer funções públicas no momento da fotografia. A presença de tantos funcionários políticos da Polónia em Portugal merece ser destacada, uma vez que o público polaco sempre foi habituado a considerar a Grã-Bretanha como o núcleo político do governo polaco no exílio após a invasão das tropas alemãs em Setembro de 1939. Supõe-se que pode haver dois motivos a levarem Ciechanowski a incluir tantos registos da actividade política da comunidade polaca no território português.

Por um lado, um dos propósitos das fotografias em questão, e de todo o *Portugal, obrigado!* em geral, é apresentar Portugal como um dos parceiros políticos da Polónia. Por outro lado, com tantas fotografias o público polaco tem a oportunidade de conhecer Portugal como um dos centros políticos de grande importância, onde se tomavam decisões ligadas ao futuro não só da Polónia, mas também da Europa.

Porém, a política não é o único elemento dado pela publicação de Ciechanowski no que diz respeito à imagem de Portugal, já que algumas páginas são dedicadas aos assuntos meramente sócio-culturais, nomeadamente à vida quotidiana dos refugiados polacos no território português e às consequências que a presença deles causou. É necessário tomar em consideração que a chegada dos imigrantes polacos a Portugal foi, de certa maneira, um encontro de dois mundos bem distintos,

uma vez que ambos os países se situavam em dois lados extremos da Europa. Inevitavelmente, a confrontação dessas duas nações viria a revelar certas diferenças culturais que, passado um tempo, formariam parte da opinião dos polacos sobre Portugal e seus habitantes. Por isso, acredita-se ser de interesse uma breve nota da página 231, referida a seguir, onde se manifestam certos pormenores procedentes dos encontros entre o povo polaco e português:

Também não faltaram historietas engraçadas resultantes das diferenças culturais. Por exemplo, as Polacas chamavam a si atenções, pois sentavam-se nos cafés, usavam fatos de banho decotados, não usavam meias e trajavam vestidos curtos e leves de cores variadas. (Ciechanowski 2015: 231)

Apesar de ser muito breve, a citação revela-nos umas características da sociedade portuguesa de então que podem chamar a atenção do público polaco. Primeiro, os portugueses da citação são apresentados como gente mais conservadora, devido à sensação que causa a presença das mulheres polacas em sítios tradicionalmente reservados aos homens. Segundo, se pensarmos que as mulheres portuguesas na altura costumavam levar roupa muito mais simples e de cores escuras, o espanto causado pelo modo de vestir das mulheres polacas não será nada extraordinário. Neste caso, Portugal revela-se como um país mais conservador e tradicional do que a Polónia.

Concluindo, *Portugal, obrigado!*, tal como as publicações de Gorczyńska e Klementowska, quer acrescentar a importância de Portugal não só no acolhimento dos refugiados polacos entre 1939 e 1945, mas também nas intrigas políticas da II Guerra Mundial em geral. O facto de o livro ser uma publicação trilingue (polaco, português e inglês), a fim de aceder a um público tão vasto quanto possível, também é de alta importância, uma vez que com tanta tradução se espera que o livro de Ciechanowski ganhe mais reconhecimento por parte do público internacional. A tradução pode conter também um significado simbólico, uma vez que a sua acessibilidade linguística junta os povos polaco e português, tornando-se uma ponte entre dois países periféricos. Também não nos podemos esquecer de que uma das intenções da obra de Ciechanowski é agradecer profundamente à nação portuguesa. No início e no fim do livro incluem-se páginas cheias de agradecimentos, criando um ambiente de cordialidade mútua entre ambos os países. O propósito dessa atitude de simpatia é apresentar Portugal como um país muito acolhedor e que sempre foi amigo da Polónia, especialmente em tempos difíceis, de acordo com a parte terminal da nota final do livro:

Aos milhares de Portugueses, que durante a guerra acarinham refugiados europeus, entre eles, polacos, que acorreram em auxílio do próximo, quando este mais precisou, dizemos hoje o nosso OBRIGADO!
(Ciechanowski 2015: 363)

Com este agradecimento final Ciechanowski quer expressar, em nome do povo polaco, o seu agradecimento mais profundo à nação portuguesa. Com tantas palavras de cordialidade, o leitor polaco é capaz de ficar com uma ideia positiva sobre Portugal. O público, tanto polaco como estrangeiro, pode permanecer convencido de que Portugal merece mesmo ser reconhecido não só pelos seus valores climáticos, como é de costume, mas também pela sua atitude em relação à crise humanitária na altura da II Guerra Mundial.

Conclusões

Tendo em conta a diversidade dos tópicos e dos temas que proporcionaram os autores de todas as quatro obras-chave, a análise da imagem de Portugal por viajantes polacos foi uma tarefa relativamente complicada. Apesar de tantas complicações, o processo de examinar o conteúdo dos livros foi uma experiência muito proveitosa, permitindo-nos perceber melhor qual seria a imagem de Portugal dada pelos viajantes polacos e em que se basearia tal imagem. Aliás, o estudo de tantos pormenores permitiu observar certas analogias que se apresentarão nos próximos parágrafos.

Em primeiro lugar, a imagem de Portugal muda de acordo com o tempo e a localização que o autor, ou a autora, de uma obra decide tomar em conta. No que diz respeito ao critério cronológico, tivemos a oportunidade de conhecer diferentes faces de Portugal: desde a II Guerra Mundial (Ciechanowski) e a ditadura salazarista (Klementowska), seguidos dos primeiros anos da democracia no início da década de 1980 (Ziejka), acabando no Portugal contemporâneo (Gorczyńska e Klementowska).

Quanto ao aspecto topográfico, a imagem de Portugal é determinada pelos lugares que os autores das obras-chave decidiram visitar. No caso das obras-chave, todos os autores conseguiram visitar apenas Portugal Continental, portanto os relatos que forneceram abordam o território desde a Região Norte até à Região do Algarve. Predominam também cidades e localidades com maior número de habitantes (Lisboa, Porto, Coimbra, entre outros), em oposição às zonas menos povoadas.

Por último, não nos podemos esquecer do impacto dos contactos com habitantes nativos que tiveram lugar durante o processo de elaboração dos textos das quatro publicações em questão. As entrevistas feitas com os residentes foram de grande utilidade, pois graças a elas os autores dos livros do *corpus* ganharam a oportunidade de entender melhor a maneira de viver e pensar dos portugueses nativos.

Todas essas circunstâncias levaram os autores das obras-chave a centrarem-se nos elementos concretos da imagem de Portugal que acharam mais relevante no momento de escrever o texto da publicação. Para recordar alguns dos exemplos analisados nos capítulos anteriores, veja-se o Alentejo camponês e o Algarve turístico de Ziejka, a região do Douro de Gorczyńska, o Palácio de São Bento com os segredos de Salazar de Klementowska e, finalmente, a cidade de Lisboa durante a II Guerra Mundial de Ciechanowski. Com tanta informação acumulada nestes livros, o público

polaco ganha a possibilidade de conhecer diversos aspectos relativos a Portugal. Em consequência, a imagem de Portugal que se transmite ao leitor polaco é capaz de se tornar mais completa e detalhada, mais próxima dos factos, em vez dos mitos e lendas repetidos vezes sem conta por pessoas que nunca pisaram o território português.

Curiosamente, em todas as quatro obras-chave não há relatos ligados à situação actual dos arquipélagos portugueses dos Açores e da Madeira. Apenas se fala de eventos do passado bastante remoto, como a estada do marechal Józef Piłsudski na Madeira (Ziejka e Ciechanowski), um incidente na Graciosa (Ciechanowski) ou a lenda do rei polaco Władysław Warneńczyk (Ziejka, Ciechanowski), já mencionados nos capítulos anteriores. Considera-se que a falta de artigos e relatos de viagens acerca dessas ilhas pode ser aproveitada pelos jornalistas e investigadores a fim de fazer uma descrição mais completa dessas duas regiões portuguesas.

Por último, há-de se acrescentar uma vez mais que a imagem de um país é um conceito muito complexo que aborda vários aspectos do mesmo: desde os elementos físicos que se vêem com os olhos até aos elementos de natureza imaterial (intangível), como os factos históricos ou as tradições da sociedade do país que se pretende examinar. Por isso, acredita-se que a divisão dos elementos da imagem sugerida no primeiro capítulo seja conveniente e útil para pessoas interessadas em realizar a análise de um país ou uma região. Espera-se que neste caso a presente dissertação e os resultados apresentados nela poderão ser úteis neste tipo de futuras investigações realizadas no campo de contactos interculturais.

VI

Bibliografia

I. Bibliografia primária

1. Ciechanowski, Jan Stanisław, 2015, *Portugalia, dziękujemy! Portugal, obrigado! Thank You, Portugal!*, Warszawa: Urząd do Spraw Kombatantów i Osób Represjonowanych, Oficyna Wydawnicza RYTM
2. Gorczyńska, Renata, 2014, *Szkice portugalskie*, Warszawa: Fundacja Zeszytów Literackich
3. Klementowska, Iza, 2014, *Samotność Portugalczyka*, Wołowiec: Czarne
4. Ziejka, Franciszek, 2008, *Moja Portugalia*, Kraków: UNIVERSITAS

II. Bibliografia secundária

1. Bennett, Tony, Lawrence Grossberg e Meaghan Morris, 2008, *New Keywords: A Revised Vocabulary of Culture and Society*, Oxford: Blackwell Publishing (páginas seleccionadas)
2. Pięta-Cândido, Hanna, 2013, *Entre Periferias: Contributo para a história externa da tradução da literatura polaca em Portugal (1855-2010)*, Lisboa: Universidade de Lisboa (tese de doutoramento)
3. Kelly Hall, Joan, 2011, *Teaching and Researching: Language and Culture* (secção I, capítulo II), 2ª edição, em: *Applied Linguistic in Action Series*, Pearson, Londres, 2011. O texto está disponível em formato electrónico:
http://catalogue.pearsoned.co.uk/assets/hip/gb/uploads/M02_HALL5068_02_SE_C02.pdf (página visualizada a 29.10.16)
4. Leerssen, Joep, 2007, *Imagology: History and Method* em: *Imagology: The Cultural Construction and Literary Representation of National Characters - A Critical Survey*, por Manfred Beller, e Joep Leerssen, Rodopi, Amsterdam, 2007 (páginas 17-33)
5. Leerssen, Joep *Imagology: On using ethnicity to make sense of the world*, em: *DOSSIER MONOGRAPHIQUE: Les stéréotypes dans la construction des identités nationales*

depuis une perspective transnationale, revista Iberic@l nº10, Outono 2016, Institut d'Etudes Hispaniques, Paris, 2016. O texto está disponível em formato electrónico: <http://imagologica.eu/cms/UPLOAD/Imagology2016.pdf> (página visualizada a 14.04.17)

6. Costa Lobo, Marina (coordenadora), 2013, *Portugal e a Europa: novas cidadanias*, Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos e União Europeia
7. Cândida Proença, Maria, 2015, *Uma História Concisa de Portugal*, Lisboa: Temas e Debates – Círculo de Leitores
8. Simmel, Georg, 2005, *O estrangeiro*, em: RBSE, vol 4. nº12, pp. 265-271, João Pessoa (Paraíba, Brasil), 2005. O texto completo do artigo está disponível em formato electrónico: <http://paginas.cchla.ufpb.br/grem/SIMMEL.O%20estrangeiro.Trad.Koury.rbsedez05.pdf> (página visualizada a 11.01.17). Além disso, dispõe-se também a versão electrónica da revista na qual foi publicado *O estrangeiro*: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/N%FAmeros%20Anteriores/RBSEv4n12dez2005.pdf> (página visualizada a 11.01.17)
9. Vasconcelos e Sousa, Bernardo, Nuno Gonçalo Monteiro e Rui Ramos, 2012, *História de Portugal – Edição Especial*, Lisboa: A Esfera dos Livros (páginas seleccionadas)
10. M. Rogers, Everett e Thomas M. Steinfatt, 1999, *Intercultural Communication*, Illinois: Prospect Heights, IL: Waveland Press (páginas seleccionadas)

III. Sitografia

1. Página web do Grupo Jerónimo Martins:
<http://www.jeronimomartins.pt/> (página visualizada a 23.07.16)
2. Página web do Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos da Universidade de Varsóvia:
I – Versão anterior: <http://iberystyka-uw.home.pl/#> (página visualizada a 29.03.17)
II – Versão actual: <https://www.iberystyka.uw.edu.pl/> (página visualizada a 29.03.17)
3. Página web da Polsko-Portugalska Izba Gospodarcza/Câmara de Comércio Polónia-Portugal:
<http://ppcc.pl/> (página visualizada a 10.03.17)
4. Página web do Instituto Diplomático: Ministério dos Negócios Estrangeiros:
<https://idi.mne.pt/pt/> (página visualizada a 9.04.17)

5. Página web de Imagologica:
<http://imagologica.eu/> (página visualizada a 25.03.17)
6. *National Identity and National Stereotype*, Joep Leerssen . O artigo está disponível através da página web <http://www.nationalstereotype.com/national-identity-and-national-stereotype/> (página visualizada a 29.04.17)
7. Página web da UNESCO: Intangible Cultural Heritage
<https://ich.unesco.org/en/> (página visualizada a 28.03.2018)